



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM TEOLOGIA**

JOSÉ JANÉDSON DE OLIVEIRA

**A MISTAGOGIA DE CIRILO DE JERUSALÉM COMO REFERENCIAL NO
PROCESSO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ PÓS-VATICANO II**

RECIFE-PE / 2021

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM TEOLOGIA**

**A MISTAGOGIA DE CIRILO DE JERUSALÉM COMO REFERENCIAL NO
PROCESSO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ PÓS-VATICANO II**

JOSÉ JANÉDSON DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Mestrado em Teologia, linha de pesquisa: Teologia e temas de fronteiras, da Universidade Católica do Pernambuco, à obtenção do título de Mestre em Teologia. Sob a orientação do Professor, Dr. Degislândo Nobrega de Lima.

RECIFE-PE / 2021

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PERNAMBUCO**

O48m Oliveira, Jose Janedson de.
A Mistagogia de Cirilo de Jerusalém como referencial no
processo de iniciação a vida cristã pós Vaticano II / Jose
Janedson de Oliveira, 2021.
115 f.

Orientador: Degislando Nobrega de Lima.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Programa de
Pós-graduação em Teologia. Mestrado em Teologia, 2021.

1. Mistagogia. 2. Catecumenato. 3. Iniciação cristã.
4. Cirilo, Santo, Bispo de Jerusalém, 315-386. I. Título.

CDU 248.153.1

Ana Figueiredo – CRB4/1140

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRO-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM TEOLOGIA

A MISTAGOGIA DE CIRILO DE JERUSALÉM COMO REFERENCIAL NO
PROCESSO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ PÓS-VATICANO II

JOSÉ JANÉDSON DE OLIVEIRA

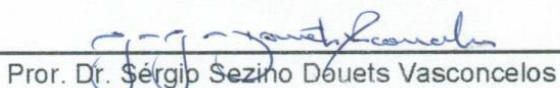
APROVADO EM: 27/08/2022

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Teologia da
Universidade Católica do Pernambuco e
aprovada pela banca examinadora.



Prof. Dra. Márcia Eloi Rodrigues

Membro Externo



Pror. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

Membro interno



Prof. Dr. Degislano Nobrega de Lima

Presidente

RECIFE-PE / 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus da vida que constantemente me abençoa com graças abundantes, fonte inesgotável de amor, que me possibilitou a realização desse trabalho.

À minha família pela consideração, estima, respeito, orações e presença carinhosa, que a cada dia me renovam e me fortalecem.

Ao meu bispo, Dom Mariano Manzana, pela dedicação no serviço ao povo de Deus da Diocese de Mossoró e que, como pai e pastor zeloso, investe na formação acadêmica e pastoral de seu clero.

Ao meu orientador, Prof. Doutor Degislando Nóbrega, pela dedicação, disponibilidade, confiança e apoio no acompanhamento em todas as etapas de minha pesquisa, como professor, amigo, irmão e companheiro.

Aos membros da banca, Prof. Dr. Degislando Nobrega, Prof. Dra. Márcia Eloi e o Prof. Dr. Sérgio Douents, pela disposição e contribuição com esta pesquisa.

Aos professores e coordenadores do Programa de Pós graduação em Teologia da UNICAP-PE, pelo zeloso compromisso docente cotidiano, ao orientar os que desejam dedicar-se aos conhecimentos científicos.

Aos meus colegas padres, irmãos no ministério, que por meio da fraternidade presbiteral nos motivam e dão sentido a nossa caminhada vocacional como irmãos e companheiros à serviço do Reino.

A comunidade paroquial de São Manoel em Mossoró, espaço de Mistagogia viva, no qual experimento o encontro profundo com o Mistério de Deus no meu compromisso presbiteral como servo e discípulo do Senhor.

Aos amigos e amigas de toda as horas, sobretudo aos que contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui, meu muito obrigado.

Também tu, descendo à água e sepultado em certo modo nela, como Jesus no sepulcro serás ressuscitado para uma vida nova.

São Cirilo de Jerusalém
Catequese Mistagógica III, 12

RESUMO

Este trabalho está inserido no âmbito das pesquisas bibliográficas que discorrem sobre a iniciação à vida cristã, contemplando os séculos III e IV, período em que a mesma foi institucionalizada pelos Santos Padres e as décadas pós-Vaticano II, marcadas por profundas transformações na Igreja. Nesse sentido, objetiva-se através de uma pesquisa bibliográfica, analisar as catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, que apresentam o processo de iniciação à vida cristã como caminho catecumenal, mistagógico e teológico, na perspectiva de relacioná-las à prática evangelizadora da Igreja na atualidade, marcada por novas configurações na subjetividade humana. Os resultados apontam as catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém como referenciais para o processo catequético da Igreja pós-conciliar, que retoma o catecumenato como superação da prática da iniciação cristã existente, por uma formação catecumenal mistagógica à luz dos contextos socioculturais que a envolve. Evidencia-se, ainda, pontos convergentes entre os dois contextos eclesiológicos, os séculos III e IV e os anos posteriores ao Vaticano II, que apesar de se encontrarem separados historicamente, estão unidos pela mesma perspectiva, mistagógica e eclesiológica.

Palavras-chave: iniciação cristã; mistagogia; Cirilo de Jerusalém; catecumenato.

ABSTRACT

This study takes part of the research that discusses the initiation bibliographic to the Christian life, including the 3rd and 4th centuries, a period in which it was institutionalized by the Holy Fathers and the decades after Vatican II, marked by profound changes in the Church. Thus, the objective for a bibliographic study is to analyze Cyril of Jerusalem's mystagogical catechesis that present the process of initiation to Christian life as a mystagogical and theological catechumenal path, in the perspective of relating them to the Church's evangelizing practice today, marked by new configurations in subjectivity human. The results point to Cyril of Jerusalem's mystagogical catechesis as references for the catechetical process of the post-conciliar Church, which takes up the catechumenate as an overcoming of the existing practice of Christian initiation through a mystagogical catechumenal formation in light of the sociocultural contexts that involve it and official documents instituted by the church. It is also clear that the converging points between the two ecclesiological contexts, the third and fourth centuries and the years after Vatican II, which despite being historically separated, are united by the same ecclesial, mystagogical and ecclesiological perspective.

Keywords: christian initiation. mystagogy. Cyril of Jerusalem. catechumenate.

LISTA DE ABREVIATURAS

AG – AD GENTES

At – ATOS DOS APÓSTOLOS

CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO

CIC – CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

CT – CATECHESE TRADENDAE

d.C. – DEPOIS DE CRISTO

DGC – DIRETÓRIO GERAL DE CATEQUESE

DNC – DIRETÓRIO NACIONAL CATEQUÉTICO

EN – EVANGELLI NUNTIANDI

Ex – LIVRO DO ÊXODO

GS – GAUDIUM ET SPES

Jo – EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

Lc – EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

Mc – EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

Mt – EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

RICA – RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS

SC – SACROSANCTUM CONCILIUM

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2. A MISTAGOGIA E A INICIAÇÃO CRISTÃ NOS PRIMEIROS SÉCULOS	17
2.1 MISTAGOGIA: INTRODUÇÃO NO MISTÉRIO	17
2.1.1 Denominação de Mistério	17
2.1.2 Mistagogia	19
2.1.3 Símbolo: manifestação do mistério	23
2.2 A INICIAÇÃO CRISTÃ NOS PRIMEIROS SÉCULOS	28
2.2.1 O catecumenato primitivo	29
2.2.2 A estruturação do catecumenato nos séculos III e IV	37
3 DA MISTAGOGIA EM CIRILO DE JERUSALÉM AO DECLÍNIO DO CATECUMENATO	43
3.1 A INICIAÇÃO CRISTÃ NAS CATEQUESES PRÉ-BATISMAIS	44
3.2 AS CATEQUESES MISTAGÓGICAS	47
3.2.1 Primeira catequese mistagógica aos iluminados	47
3.2.2 Segunda catequese mistagógica sobre o Batismo	50
3.2.3 Terceira catequese mistagógica sobre a Crisma	52
3.2.4 Quarta catequese mistagógica sobre o Corpo e o Sangue de Cristo	54
3.2.5 Quinta catequese mistagógica	57
3.3 O DECLÍNIO DO CATECUMENATO	63
4. A MISTAGOGIA NA INICIAÇÃO CRISTÃ A PARTIR DO VATICANO II E O CONTEXTO ATUAL	70
4.1 A RESTAURAÇÃO DO CATECUMENATO	71
4.1.1 O despertar do catecumenato	71
4.1.2 A restauração do catecumenato: o Vaticano II	74
4.2 ETAPAS DO CATECUMENATO NO RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS	80
4.2.1 O pré-catecumenato	80
4.2.2 O catecumenato	83
4.2.3 A purificação e iluminação	86
4.2.4 A mistagogia	88

4.3 A MISTAGOGIA EM CIRILO DE JERUSALÉM COMO REFERÊNCIA TEOLÓGICA E PEDAGÓGICA DA INICIAÇÃO CRISTÃ	91
4.3.1 A adequação da linguagem	93
4.3.2 Concepção de liturgia	93
4.3.3 Dimensão da participação	94
4.3.4 Dinâmica da Revelação	95
4.3.5 Conversão existencial e o seguimento a Jesus	96
4.3.6 Sagrada Escritura	97
4.3.7 Embasamento na Tradição	97
4.3.8 O Símbolo da fé: o Credo	98
4.3.9 Dimensão contemplativa	98
4.3.10 Perspectiva missionária	99
4.4 EXPERIÊNCIA MISTAGÓGICA COMO UM CAMINHO ATUAL	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	111

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de mudanças paradigmáticas em que novas subjetividades emergem no contexto do século XXI, a dimensão da religiosidade e as instituições religiosas são convocadas a repensarem seu fazer cotidiano. Inserido nesse contexto, o ser humano é afetado em suas crenças, sua individualidade, seu encontro com o transcendente, bem como o encontro consigo através do qual constrói reflexões críticas quanto à sua forma de ser, estar e se relacionar com os contextos socioeconômicos, culturais e religiosos que o rodeiam.

Esse contexto de reconfiguração da subjetividade humana é transversalizado por contestações às certezas históricas trazidas pela modernidade e contemporaneidade, confirmadas por instituições que, durante séculos, orientaram os indivíduos em suas vidas cotidianas. Nesse sentido, a religiosidade e as experiências de fé, por sua vez, também são impactadas pelas mudanças que vão reconfigurando conceitos, práticas e valores em sua essência, sobretudo o Cristianismo em seu anúncio querigmático acaba sendo questionado quanto à sua prática histórica de evangelização.

Entendendo que a Igreja tem a missão de anunciar o Evangelho ao mundo e, com isso, estabelecer um compromisso social com as comunidades por meio das quais estabelece vínculos para que o propósito evangelizador seja efetivado, faz-se necessário ter clareza acerca dos contextos socioeconômicos e culturais nos quais essas comunidades estão inseridas. Nesse sentido, podemos questionar: como então, o Cristianismo pode dialogar com esses contextos? Como anunciar a Boa Nova na atualidade para que o Mistério de Deus seja acolhido por cada pessoa e vivenciado como resposta e vocação ao chamado divino?

Na teologia, identificamos como acontece o processo da Revelação de Deus à humanidade, como uma relação dinâmica estabelecida entre ambos, na qual a Igreja, sacramento de Jesus no mundo, se torna mediadora no processo de evangelização por meio de seus anunciadores. Nesse sentido, para as gerações atuais, podemos ventilar a possibilidade de um processo de iniciação à vida cristã, desenvolvido mediante uma metodologia mistagógica. Nesse percurso, nos deparamos com o conceito de mistagogia que se articula à iniciação à vida cristã e será compreendido no decorrer deste trabalho investigativo.

Dentre as várias formas de evangelização assumidas pela Igreja em sua missão, a iniciação cristã de adultos tem ganhado espaço em comunidades eclesiais nos últimos anos e tem sido alvo de discussões em documentos do Magistério da Igreja e nas Conferências Episcopais, conforme a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB, 2009). Nesse sentido, a iniciação cristã não se restringe à inserção do indivíduo na vida sacramental, mas envolve sua participação ativa, bem como da comunidade a qual faz parte, em um movimento dialético de aprendizagem individual e experiência coletiva.

Dentro desse contexto de mudanças na modernidade e as consequências de sua influência no âmbito do anúncio e transmissão da fé, a Igreja, consciente da sua missão evangelizadora, enfrentando desafios e atenta aos sinais dos tempos, se empenhou em buscar diversas análises no âmbito teológico, conforme São João Paulo II (1980) enfoca sobre a nova evangelização, com “novo ardor, novos métodos e novas expressões”. Essas reflexões teológicas incentivaram o Magistério da Igreja, na valorização da realização de um processo de iniciação cristã de adultos, que foi abraçada pela dinâmica pastoral da Igreja com ardor e empenho a serviço da nova evangelização.

À luz dessas reflexões iniciais, neste trabalho analisaremos as catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém¹ que apresentam um processo de iniciação à vida cristã como caminho catecumenal mistagógico e teológico, na perspectiva de relacioná-las à prática evangelizadora da Igreja na atualidade, marcada por novas configurações da subjetividade humana. Dessa forma, a questão norteadora desta pesquisa é: a Igreja primitiva tem uma pedagogia mistagógica a oferecer para o processo de iniciação à vida cristã pós-concílio Vaticano II? Eis, portanto, a grande motivação para a escolha da temática de nossa pesquisa, o processo de iniciação cristã mistagógico, tendo como base uma experiência vivenciada pela Igreja dos primeiros séculos, onde está o início da estruturação do catecumenato.

¹ Cirilo de Jerusalém nasceu em Jerusalém ou em cidade vizinha no ano 315, recordamos que nesse período surgiu o arianismo, com a negação da divindade do Verbo e da fratura do Mistério fundamental da fé católica: a Trindade. É provável que Cirilo tenha pregado sua Catequeses mistagógicas ainda quando era presbítero por volta do ano 348 e que neste mesmo ano tenha sido nomeado Bispo de Jerusalém. Em seu episcopado viveu momentos de altos e baixos. Foi um período marcado por relações tensas entre os dois pontos da Palestina: Cesareia e Jerusalém. Sua metodologia catequética tem como base na Sagrada Escritura num método histórico-tipológico que utiliza uma linguagem simples endereçada a um auditório diverso e de iniciantes na fé. Com base nos dados históricos, Cirilo deve ter falecido em 18 de março de 387, com idade de 70 a 72 anos, depois de 37 a 38 anos de episcopado. No quinto século foi canonizado pela Igreja oriental. Em 1882, o Papa Leão XIII o proclamou Doutor da Igreja.

O caminho das catequeses mistagógicas dos séculos III e IV traz consigo um referencial teológico e pedagógico para a iniciação cristã, o que é relevante para o nosso trabalho ao articulá-las aos contextos atuais. Sobretudo, porque na experiência mistagógica com a pedagogia da inserção ao Mistério, identificamos elementos da dinâmica da Revelação da fé e, nas reflexões sobre o catecumenato primitivo, nos encontramos mais próximos das fontes e origem do Cristianismo.

Metodologicamente, nosso trabalho está assentado em uma abordagem qualitativa, não apenas pela ausência de dados quantitativos, mas por analisarmos contextos históricos em que os processos de interpretação, análise e compreensão são facilitados por esse tipo de abordagem. Optamos por uma pesquisa do tipo bibliográfica a partir da qual nos deparamos com a experiência catecumenal dos Santos Padres da Igreja, considerados como testemunhas qualificadas pelo embasamento teológico contido na mistagogia apontada por eles, pois, “são eles os transmissores privilegiados daquilo que viveram e testemunharam as comunidades cristãs da primeira hora” (SANTANA, 1998, p.12). Contudo, delimitamos a nossa análise à reflexão mistagógica de um deles, Cirilo de Jerusalém e suas *Catequeses Mistagógicas*, que abordam misticamente os caminhos da Revelação de Deus à humanidade, homenageado pelo Papa Leão XIII, como príncipe dos catequistas e Doutor da Igreja.

Em suas *Catequeses Mistagógicas*, estão contempladas dimensões fundamentais como: criatividade pastoral, pedagogia, fidelidade, teologia e espiritualidade. O Papa Bento XVI em *Audiência Geral*, em 27 de junho de 2007, evidencia a grandeza da reflexão de Cirilo de Jerusalém em suas catequeses, apontando a unidade entre a pastoral e a teologia como um referencial para a formação cristã na atualidade. Ao referir-se à catequese de Cirilo de Jerusalém, em seus três elementos - doutrinal, moral e mistagógico, Bento XVI a concebe como catequese global, que envolve corpo, alma e espírito e continua relevante para a formação catequética dos cristãos na atualidade.

A História do Catecumenato nos séculos III e IV foi profundamente marcada pelas pioneiras catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, todas realizadas na Basílica do Santo Sepulcro, no ano 350. Uma profunda reflexão que traçava a relação entre o Antigo e o Novo Testamento e uma doutrina mistagógica capaz de provocar mudança na vida do catecúmeno.

Ao todo, são vinte e três catequese, dezoito pré-batismais, destinadas a quem se dispunham a receber o Batismo, que tratavam da conversão, das verdades contidas na profissão de fé e, as cinco últimas chamadas mistagógicas, realizadas após a celebração dos sacramentos da iniciação e que aconteciam durante o tempo pascal, com conteúdo sobre o Batismo, o Crisma e a Eucaristia, a liturgia eucarística e a oração do Pai-Nosso.

Em Cirilo de Jerusalém, a mistagogia que estava presente no itinerário catequético era o mergulho no Mistério divino que acontecia através da celebração na noite da Vigília Pascal, com sua riqueza simbólica e ritual que tocava os iniciados, motivando-os a viverem conforme a nova experiência vivida em Jesus Cristo, como novas criaturas.

Nesse sentido, abordaremos o processo de iniciação à vida cristã no contexto da evangelização pós-concílio Vaticano II juntamente com a proposta da restauração do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA), conforme a solicitação do Concílio Vaticano II de retomada do catecumenato, a ser aplicado e desenvolvido na atualidade e relacioná-lo com o catecumenato primitivo com suas experiências mistagógicas e teológicas vivenciadas nos séculos III e IV, tendo como embasamento as catequese mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, doutor da Igreja, referencial e modelo inspirador para o processo de iniciação à vida cristã.

Entre os dois momentos históricos eclesiológicos, a experiência mistagógica será o fio condutor e o eixo referencial de nossa pesquisa, sendo que a mistagogia será vista não simplesmente como um caminho para chegarmos à celebração dos sacramentos, mas como percurso e canal de aproximação da pessoa com o Mistério divino, pois a mistagogia dos Santos Padres tinha o seu embasamento nas Sagradas Escrituras.

Apontamos, então, a importância da relação dialogal entre a experiência catecumenal dos primeiros séculos e a experiência da Igreja hoje, que se encontra em sua reflexão, dedicada a esse reestabelecimento expressado no Magistério eclesial sobre a nova evangelização e as reflexões teológicas sobre a mistagogia no processo de iniciação à vida cristã, capaz de favorecer um encontro pessoal do indivíduo com Jesus Cristo. Nossas reflexões serão norteadas, principalmente, pelos eixos mistagógicos e teológicos apontados por Rosemary Fernandes Costa (2015).

Este trabalho, desenvolvido a partir de reflexões teológicas de cunho bibliográfico, está organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, a Introdução,

apresentamos os objetivos que norteiam esta dissertação, parágrafos que justificam a escolha pela temática e a metodologia empregada na pesquisa e, por fim, a estrutura deste texto dissertativo.

No segundo capítulo, ao analisarmos a mistagogia e a iniciação cristã nos primeiros séculos, iniciamos expondo o conceito de mistagogia, entendendo-a como a introdução ao Mistério. Analisamos a experiência do indivíduo com o sagrado, ponderando que essa experiência com a divindade não é única e exclusiva da realidade cristã, mas é considerada também como herança de outras religiões que também tinham seu caráter mistagógico, intituladas de religiões místicas.

Por isso, delimitamos nossa reflexão sobre a mistagogia como introdução ao Mistério cristão, na intenção de compreendermos a dimensão da linguagem mistagógica e catequética de Cirilo de Jerusalém. Nessa perspectiva, a definição de Mistério proposta por Paul Tillich (2005) nos possibilitou apresentar uma reflexão mais profunda sobre a temática, a fim de superar o mero senso comum, visto que essa dimensão também é contemplada em outras religiões no seu processo de iniciação.

A dimensão simbólica como manifestação do Mistério, também é contemplada nesse capítulo. Severino Croatto (2010) é outro autor por nós utilizado por problematizar a comunicação entre a divindade que deseja se revelar ao ser humano. Contamos também com reflexões sobre a ação ritual e simbólica provocadas por Yone Buyst (2004, 2007, 2011) e Thiago Paro (2018), que apresentam o símbolo que, em seu sinal sensível, é manifestação daquilo que está invisível, o Mistério da Páscoa de Cristo. Nos últimos tópicos ainda desse capítulo, tratamos sobre a história do surgimento do catecumenato nos primeiros séculos, desde o período Apostólico até sua estruturação nos séculos III e IV, já adentrando na análise sobre as catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, tema do capítulo posterior.

No terceiro capítulo, apresentamos de modo específico, o caminho das catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, um dos Padres da Igreja que, nos séculos III e IV, muito se dedicou ao referencial mistagógico. Iniciamos este capítulo aproximando-nos das leituras das catequeses, a fim de que a nossa análise partisse do próprio Cirilo, além de elencarmos os destaques do conteúdo das suas cinco catequeses mistagógicas. Contamos, para isso, com o aporte teórico de autores como Rosemary Costa (2014; 2015) e João Mendonça (2010), para auxiliar-nos no

desenvolvimento da nossa análise. E concluímos com apontamentos acerca do catecumenato na Idade Média, do ponto de vista do retrocesso, evidenciando essa herança para a catequese na Igreja, desse período até às portas do Vaticano II.

No quarto capítulo, procuramos evidenciar a mistagogia de Cirilo de Jerusalém presente na proposta do Concílio do Vaticano II, que sugere a restauração do catecumenato como método metodológico e mistagógico para o processo de iniciação à vida cristã. Contemplamos ainda, discussões sobre como aconteceu a virada eclesiológica por meio do Concílio e seu projeto na evangelização pós-conciliar.

Nessas reflexões, contamos com documentos elaborados pelo próprio Concílio como a Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* e o Decreto *Ad Gentes* que apresentam um novo jeito de se compreender a catequese, além de outros documentos que surgiram na intenção de refletir sobre a prática catequética na Igreja. Utilizamos as reflexões Papais de Paulo VI com a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, como também São João Paulo II e sua Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*. Enriqueceram nossas reflexões as Conferências Episcopais dos Bispos Latino-americanos e a CNBB, que elaboraram diversos documentos que tratam sobre a catequese pós-conciliar e o método mistagógico de realizá-la.

Com a colaboração de João Fernandes Reinert (2015; 2019) e Rosemary Fernandes Costa (2014; 2015), realizamos reflexões detalhadas sobre o RICA, no qual estudamos cada uma das suas etapas, ritos, teologia e eclesiologia nele contidos, e a proposta da restauração do catecumenato solicitada pelo Concílio Vaticano II, observando nele, se há de fato, articulações entre a proposta Conciliar e a mistagogia de Cirilo de Jerusalém em suas catequese mistagógicas que permeia o RICA, evidenciando assim, os pontos convergentes entre ambas as propostas.

Esse capítulo será finalizado a partir da apresentação de eixos mistagógicos e teológicos que norteiam as catequese de Cirilo de Jerusalém apresentados por Rosemary Costa (2015), a partir dos quais estabelecemos paralelos com os mesmos eixos como elementos norteadores no Concílio Vaticano II que perpassam a iniciação cristã na modernidade e, conseqüentemente, na contemporaneidade.

2. A MISTAGOGIA E A INICIAÇÃO CRISTÃ NOS PRIMEIROS SÉCULOS

Ao analisarmos a mistagogia no processo de iniciação à vida cristã, é de fundamental importância entendermos um pouco a definição do termo “*mistério*”. Para compreendermos melhor esse termo que é abordado nesse trabalho investigativo, iniciamos pela definição de Leonardo Boff quando afirma que, no senso comum, o mistério é “uma reflexão que esgotou as capacidades da razão e não consegue mais produzir luz. Ou então para indicar intenções ou realidades escondidas ao comum dos mortais” (BOFF, 2014, p. 49).

2.1 MISTAGOGIA: INTRODUÇÃO NO MISTÉRIO

2.1.1 Denominação de Mistério

O uso corriqueiro do termo comum não favorece uma ligação com o tema da mistagogia. Neste sentido, Paul Tillich (2005, p.122) declara que não se pode considerar “mistério” aquilo que não é conhecido hoje mas que será conhecido amanhã. Ainda enfatiza que é preciso evitar o uso errôneo do termo para salvaguardar a força própria da palavra e seu significado profundo, pois algo que tenha sido revelado ou que possa ser apresentado de forma metódica e cognitiva, não pode ser denominado de “mistério”.

Atentando para o fato de que as concepções do senso comum são insuficientes para compreendermos o fundamento que sustenta a experiência mistagógica em sua reflexão e definição do termo, Tillich chama a atenção para o limite da linguagem comum e o conhecimento racional do real sentido do mistério em sua significação, abrindo possibilidades para uma definição mais delimitada conforme apresentada a seguir:

“Mistério”, nesse sentido próprio, é derivado de *muein* “fechar os olhos” ou “fechar a boca”. Para alcançar um conhecimento comum, é necessário abrir os olhos para apreender o objeto e abrir a boca para se comunicar com outras pessoas e pôr a prova as próprias concepções. Um mistério genuíno, contudo, é experimentado em uma postura que contradiz a atitude da cognição comum. Os olhos são “fechados” porque o verdadeiro mistério transcende o ato de ver, de confrontar-se com objetos cujas estruturas e relações se apresentam a um “sujeito” para que as conheça. O mistério caracteriza a dimensão que “precede” a relação sujeito-objeto. A mesma dimensão é indicada no “fechar a boca”. É impossível apresentar a experiência do mistério em linguagem comum, porque

esta linguagem nasceu do esquema sujeito-objeto e está presa a ele (TILLICH, 2005, p. 121).

Os limites presentes na linguagem comum e na reflexão racional sobre o mistério apresentados pelos autores anteriores, nos instiga a buscarmos uma definição mais abrangente que favoreça a dimensão transcendental sobre o mistério. Nesse sentido, Croatto amplia a compreensão do mistério apontando a sua dimensão sagrada e transcendental e afirma que o mistério é “a experiência do transcendente, do mistério, a chave para compreender a linguagem do sagrado e suas infinitas expressões” (CROATTO, 2010, p. 61).

Na tradição judaico-cristã, o Mistério de Deus passa pela revelação de um Deus por meio de palavras e ações, o anúncio, a linguagem, a comunicação, possibilitam a compreensão de um Deus que revela a sua identidade: “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14). No Novo Testamento, o termo mistério é encontrado 26 vezes. No Cristianismo, o mistério ganha conotação de Boa Nova, o Reino de Deus entre nós: “A vós é confiado o mistério do Reino de Deus” (Mc 4, 11). O existir de Deus é o pressuposto para que a sua presença esteja naqueles que dele se aproximam e buscam o sentido último para as suas vidas, tornando-se assim, praticantes de sua revelação, conforme Tillich nos apresenta:

A revelação é a manifestação daquilo que nos diz respeito de forma última. O mistério revelado é nossa preocupação última, porque é o fundamento do nosso ser. Na História da religião, os eventos reveladores sempre foram descritos como acontecimentos que chocam, transformam, exigem, que sejam significativas de forma única. Eles procedem de fontes divinas, do poder daquilo que é santo e que, portanto, possui uma reivindicação incondicional sobre nós. Só o mistério que é de preocupação última para nós aparece na revelação (TILLICH, 2005, p. 106).

Compreendemos, então, que o mistério é um termo que sinaliza para uma realidade desconhecida, íntima e oculta, algo transcendental, a ser revelado, cuja fonte está na divindade. Essa revelação acontece por meio da palavra e ação de Deus que se faz presente na história e na vida de cada pessoa. Buyst (2011, p. 24), entende que o mistério para os cristãos é sinônimo da presença escondida de Deus revelada a seu povo, selada por uma aliança de amor. Jesus é a revelação do mistério maior, o próprio Deus que atua na Criação, que está presente no coração de cada ser humano, na evolução da vida, do cosmos e na história da humanidade, dos povos e culturas.

Contudo, compreendemos que a revelação do Mistério de Deus, acontece por meio de uma acolhida e abertura existencial em um processo de aliança ao longo da história rumo a condução de uma realidade plena. Esse Mistério, acontece por meio da Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo e sua vinda gloriosa, sua Páscoa passagem, na qual foram revelados o rosto e o coração de Deus, o Mistério Pascal, que inclui toda a nossa História de salvação e envolve a Criação e a realidade que está por vir, até que Deus seja tudo em todos, o Mistério da fé.

2.1.2 Mistagogia

Mazza, reconhecido pelos seus estudos aprofundados acerca da Patrística, argumenta que a mistagogia nessa filosofia cristã, foi entendida como o meio de explicar a teologia na dimensão sacramental e ritual da liturgia, ao afirmar: “A mistagogia é a teologia dos primeiros tempos” (MAZZA, 1988, p. 6-7). Esse termo tem sua origem em dois vocábulos gregos: *mistes*, que é sinônimo de mistério, e *agein*, que significa conduzir. A mistagogia através do Mistério, introduz o indivíduo no conhecimento do Mistério de Deus.

Para Schreiber (1964, p. 363), os dois vocábulos gregos *mistes* e *agein* trazem consigo um sentido muito profundo para o processo de iniciação à fé, de maneira que o conceito de mistério, enraíza-se como a mediadora ação no acesso a esse mesmo mistério. O termo evoca uma concepção inexprimível e inefável e, ao mesmo tempo, se torna presença pela dinâmica da revelação e que faz parte do Cristianismo, em que o Mistério de Deus é revelado à humanidade por meio de Jesus e seu Espírito, convidando todos a uma abertura existencial conduzindo-os à plena realização.

Conforme Cervera (1964, o termo mistagogia na antiguidade cristã evoca a explicação teológica e simbólica dos ritos de iniciação, mais particularmente, do Batismo e da Eucaristia, além da relação sacramental que configura o neófito² com a nova criatura banhada e renascida pela água do Batismo e alimentada pelo pão da Eucaristia.

O termo mistagogia é apresentado pelos Santos Padres da Igreja de forma abrangente compreendendo as dimensões teológica, litúrgica e pastoral. Costa (2015, p.17) recorda que os Padres associaram as dimensões sacramentais do

² Etimologicamente, a palavra neófito, origina-se da junção dos termos gregos *neo* (novo) e *phitos* (planta). A palavra grega *neophytus* corresponde ao que foi recentemente plantado.

Batismo, da Eucaristia e dos demais sacramentos ao termo mistagogia. A dimensão da caracterização da ação sacramental, confirma assim o exercício da mistagogia cristã.

A Palavra de Deus escutada favorece a reflexão sobre onde o Mistério Pascal está acontecendo em nossa realidade em torno do pão e do vinho, que simbolizam as forças cósmicas e toda a realidade humana ao pronunciarmos a grande ação de graças, uma realidade que perpassa a história e está presente em nossa própria vida. Nesse sentido, Caspani, (2013, p. 20) afirma: “A mistagogia, é o tempo no qual a Igreja acompanha os primeiros passos do desdobrar-se do dom sacramental na vida daquele que o recebeu”.

A liturgia sacramental e sua explicação teológica, são elementos constantes no modo de fazer mistagogia na concepção Patrística, tendo como base a Tradição Apostólica e seu diálogo com a realidade. Conforme os Padres da Igreja, podemos entender que a mistagogia é um eixo integrador posto no centro da teologia e da catequese na vivência espiritual da comunidade dos fiéis.

Portanto, a mistagogia cristã reflete sobre a necessidade de jamais separar a fé da vida. Buyst (2011, p. 116) afirma que a dinâmica da mistagogia é “nossa relação como mistério de Deus e seu Reino, que é o mistério de nossa própria vida e da história, revelado em Jesus Cristo”. Nesse sentido, a iniciação à vida cristã não é algo que acontece separada do contexto em que vivemos, mas é um processo, uma caminhada que motiva a vivência da realidade da vida em seus aspectos, iluminada pela Palavra de Deus e no seguimento a Jesus, tendo em vista o Reino definitivo.

O alicerce para a elaboração das catequeses mistagógicas dos Padres da Igreja é a recepção da liturgia na Tradição Apostólica. Cavallotto (1996) enfatiza que a Palavra de Deus é a grande fonte de toda a mistagogia cristã e a liturgia é o sinal maior da presença de Cristo na comunidade reunida, santificando e congregando em um só corpo os que se dispõem a entrar no caminho catecumenal, é o espaço para a revelação da Palavra proclamada, vivida e anunciada favorecendo uma resposta madura e comprometida com a fé cristã.

Buyst (2011, p. 26) identifica que infelizmente o termo mistério do qual procede a mistagogia, em seu significado mais profundo, é pouco conhecido entre a maioria dos cristãos e foi pouco incorporado na pregação, na liturgia, na catequese e na espiritualidade e que o termo está presente apenas no catolicismo popular e na contemplação dos mistérios do Rosário. Os cristãos precisam perceber a riqueza

desse conceito fundamental para a iniciação cristã, pois nesse contexto a mistagogia é a comunidade de batizados e crismados em torno do mesmo e Espírito formando um só corpo em Jesus Cristo.

A mistagogia se faz a partir de uma experiência cristã no processo de iniciação com permanente atitude de abertura e contemplação do Mistério divino. Na iniciação, esse processo vai além de gestos e ações rituais ou simplesmente de uma evangelização realizada com palavras e atos. É o Povo de Deus santo e sacerdotal na contemplação escatológica do Reino. Federici relata sobre a grandeza e importância da mistagogia para o processo de iniciação à vida cristã como uma nova forma de contemplar a realidade:

É necessária uma atitude permanente de abertura e contemplação do mistério divino que vem de dentro de cada fiel e de toda a comunidade do povo santo de Deus. Tal caminho, é condição de vida, assinalada por uma tensão incessante do mistério divino, econômico, cósmico, escatológico, que dinamiza uma eclesiologia centrada em uma cristologia pneumatológica, em uma nova antropologia, em um novo modo de ser e contemplar a realidade existente (FEDERICI, 1985 p. 199).

Rahner (1989), por sua vez, apresenta a compreensão da experiência de fé, como uma experiência transcendental, referência originária do ser humano com o mistério absoluto enquanto sujeito espiritual. Podemos considerar que a teologia da Revelação, mesmo sem estar formulada em sua estrutura, na mistagógica da Patrística, estava o seu embasamento teológico refletido na liturgia, na prática pastoral e na sua dinâmica pedagógica e espiritual.

Na visão dos Padres da Igreja, a mistagogia não é apenas um conceito limitado, uma definição vazia sem bases teológicas de pouca reflexão para a abrangência da teologia, mas é a própria Igreja em sua lucidez evangelizadora, alimentada pela dimensão litúrgica, espiritual, contemplativa, pastoral e escatológica. É a relação da humanidade com o Mistério de Deus, mistério da nossa própria vida presente na história e revelado em Jesus Cristo. Ione Buyst sublinha que a mistagogia cristã parte de uma experiência com o Mistério de Deus que supera qualquer racionalização sobre a fé.

Ninguém consegue “explicar” Deus e seu Reino. É impossível reduzir estas realidades a conceitos racionais. É impossível reduzir a fé à aceitação de dogmas ou a um código de moral. É necessário que sejamos “iniciados” no conhecimento do mistério, na comunhão com

Deus, não somente com palavras, mas principalmente através de uma *experiência* e – no caso da fé cristã – (BUYST, 2011, p. 116).

A mistagogia é o processo dinâmico da Revelação, o diálogo entre Deus e o indivíduo no âmbito pessoal ou comunitário. A mistagogia dos Padres está fundamentada na dinâmica da Revelação da Igreja, que não é uma experiência sentimental piedosa ou vagamente subjetiva, nem se trata de um encontro face a face com o Mistério divino, mas de uma experiência prefigurativa no qual já se antecipa o encontro pleno e definitivo com Deus.

Diversos sentidos voltados à mistagogia são encontrados nas obras Patrísticas, conforme atesta Federici (1985, p. 194-195): iniciação ao mistério, instrução nos mistérios divinos, exposição dos significados das Sagradas Escrituras, orientação, guia no caminho misericordioso de Deus, mistério que se revela, ação sacramental, Batismo - Eucaristia, celebração dos ritos, o tempo da Quaresma e Páscoa, princípio fundante e dinâmico do sacerdócio, Povo de Deus a caminho, Igreja sacramento de Cristo no mundo. Os Padres da Igreja relacionavam os seus escritos mistagógicos à teologia do mistério e à tipologia bíblica que revelavam os ritos litúrgicos em seus significados profundos. Nesse sentido, Bocelli contribui com essa reflexão:

A mistagogia é, ao mesmo tempo, conhecimento do mistério contido nas Escrituras e conhecimento do mistério contido na liturgia. O objeto de conhecimento é único: o mistério de Deus. As modalidades de expressão do mistério são duas: Escritura e a liturgia. E o método de conhecimento é para ambas um só: a mistagogia. A grande intuição espiritual que os Padres da Igreja expressam com suas catequeses mistagógicas foi aquela de utilizar o método com o qual eles interpretavam as Escrituras para interpretar a liturgia. [...] As Escrituras são, sem dúvida, norma da liturgia. Nesta estreita vinculação entre Escrituras e liturgia está todo o entendimento espiritual que os Padres intuíram e concretizaram através da mistagogia (BOCELLI, 2014, p.15-16).

A mistagogia é, então, a capacidade de introduzir o indivíduo para dentro do Mistério que se celebra e que é revelado através dos símbolos e ritos, “o método e o instrumento que a Igreja antiga nos entrega para fazer com que os fiéis vivam aquilo que celebram. Aquilo que a *lectio divina* é para as Escrituras, a mistagogia é para a liturgia” (BOCELLI, 2014, p. 11-12). Pois, por meio da mistagogia, a Igreja se faz serva do mistagogo Jesus Cristo, favorecendo aos cristãos a condição de testemunhar o mistério de sua fé. Eis a urgência da retomada do método

mistagógico dos Padres da Igreja, para que os cristãos sejam devidamente iniciados nos mistérios sagrados que celebram na liturgia e na vida.

2.1.3 Símbolo: manifestação do mistério

Quando refletimos sobre a experiência do mistério na vida do ser humano, compreendemos que esta experiência perpassa dimensões psíquicas, cognitivas, racionais e emocionais. No entanto, ao tratarmos de uma experiência religiosa do mistério, o conceito não se limita apenas em uma simples definição, ou um pensamento técnico e científico com possibilidade de confundir a experiência com experimentação. É algo significativo na vida da pessoa, capaz de transcender a realidade, pois “para ter acesso aos divinos mistérios, a pessoa precisa de uma maneira ou de outra ser iniciada a essas realidades maravilhosas através de experiências que marcam profundamente” (CNBB, 2009, p. 26).

Uma experiência religiosa transforma a vida de um ser humano ao ponto desperta-lo para o desejo de ir além de si mesmo. Ao tratar sobre a experiência do mistério, Croatto (2010, p. 81) diz que a mesma “é essencialmente afetiva e portanto, participativa. Ela não pode ser vivida de forma individual e isolada, seria uma carga insuportável! Comunica-la alivia”. Portanto, a experiência com o Mistério, transcende o raciocínio lógico em sua totalidade real e para que se possa compartilhar essa realidade, se faz oportuno procurar compreender a linguagem simbólica que está inserida na dimensão religiosa.

A palavra símbolo, “por sua etimologia (do grego *sum-ballo*, ou *sym-ballo*), significa a união de duas coisas” (CROATTO, 2010, p. 84). Nessa mesma lógica, Boff define: “O sentido é: lançar as coisas de tal forma que elas permaneçam juntas. Num processo complexo significa re-unir as realidades, congregá-las a partir de diferentes pontos e fazer convergir diversas forças num único feixe” (BOFF, 2015, p.14). Baseados nessas definições, declaramos que o símbolo é um sinal de reconhecimento e pertença, existe como uma relação interna que comunica uma única mensagem, expressando assim, a unidade entre a realidade significada e o sinal sensível.

Na Bíblia, no livro de Tobias capítulos 4 e 5, temos um claro exemplo de como o símbolo é um sinal de identificação e reconhecimento quando Tobit, ao lembrar de um dinheiro seu que estava depositado em um lugar distante, chama o

seu filho Tobias e o orienta para a busca desse dinheiro, mas antes de partir, o filho pergunta ao pai:

Mas como poderei recuperar esse dinheiro? Ele não me conhece e nem eu a ele. Que sinal lhe darei para que me reconheça, creia em mim e me entregue o dinheiro? [...] Tobit então respondeu a seu filho Tobias: “Ele me deu seu documento, e eu lhe dei o meu; eu o dividi em dois para que cada um de nós ficasse com a metade. Tomei uma e deixei a outra com o dinheiro. [...] Apresentou-lhe o documento [...] Gabael levantou-se, contou para ele os sacos de dinheiro com os selos intatos, e colocaram sobre os camelos (Tb 5, 2-3b.9, 5, 5).

O sentido do símbolo não está exatamente nas coisas, mas na experiência individual e disponibilidade do ser humano em acolhê-lo com sua natureza e identidade próprias, o significado está na mútua relação que se completa, por conseguinte “as coisas não são simbólicas em si mesmas, e nem sempre chegam a sê-lo. São construídas simbolicamente por um tipo de experiência humana. Mas todas podem ser levadas à dimensão de símbolos, sejam eles profanos ou religiosos” (CROATTO, 2010, p. 87).

Todos os símbolos são sinais, porém, nem todos os sinais são símbolos, os sinais possuem a significação de algo externo, enquanto o símbolo tem a sua origem no inconsciente e pode revelar uma experiência que antecede a conceituação. Para Buyst (2007, p. 32) o símbolo é a matéria articulada, revestida pelo espírito que mantém a sua essência, e não simplesmente uma transferência do seu significado para além do que seja a própria matéria. O Conselho Episcopal Latino Americano explicita uma compreensão das conotações que norteiam o sentido do símbolo:

O símbolo é uma linguagem muito mais carregada de conotações. Não somente nos informa, mas também nos faz entrar já em uma dinâmica própria. Ele “é” já de alguma maneira a realidade que representa, introduz-nos em uma ordem de coisas a que ele mesmo já pertence. A ação simbólica produz a seu modo uma comunicação, uma aproximação. Tem poder de meditação, não somente prática ou racional, mas de toda a pessoa humana e a realidade com a qual se relaciona (D`ANNIBALE *apud* CELAM, 2007, p. 372).

De acordo com a liturgia cristã, o símbolo é visto antropologicamente como manifestação daquilo que está invisível, possibilitando a participação na realidade existente para além do que é sensível e para o qual os símbolos apontam. O símbolo é a representação que manifesta o sentido daquilo que está secreto, o Mistério de Deus. Dessa forma, o sentido antropológico atualizado sobre o símbolo é

o que interessa de fato para que o sinal visível possa evocar e trazer presente a realidade invisível.

Liturgicamente o sinal sensível não é o mistério, mas possibilita a participação em uma dimensão na qual os sentidos não conseguem alcançar. Entretanto, por meio deste mesmo sinal sensível, essa realidade desconhecida se manifesta à pessoa que caminha rumo à experiência do Mistério. Compreendemos então que, ao tocar os sinais sensíveis, podemos tocar os Mistérios. Um texto de Agostinho³ enriquece a nossa reflexão, ao focar a experiência com o Mistério de Deus em sua vida, uma relação que acontece por meio dos sinais sensíveis.

Estou seguro, Senhor, de que te amo. [...] Mas, que amo quando te amo? Não uma beleza corporal ou uma graça transitória, nem o esplendor da luz, tão cara a meus olhos, nem as doces melodias de variadas cantinelas, nem o suave odor das flores, dos unguentos, dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão suscetíveis às carícias carnis. Nada disso eu amo, quando amo meu Deus. E contudo, amo a luz, a voz, o perfume, o alimento e o abraço, o abraço do homem interior, que habita em mim, onde ressoa uma voz que o tempo não destrói, de onde exala um perfume que o vento não dissipa, onde se saboreia uma comida que o apetite não diminui, onde se estabelece um contato que a sociedade não desfaz. Eis o que amo quando amo me Deus.

E o que é isso? Perguntei à terra, e esta me respondeu: “Não sou eu”. [...]” E exclamou em alta voz: “foi ele quem nos criou.” [...] O homem interior conheceu tais fatos graças o homem exterior. Eu os conheci, eu, o espírito, graças aos sentidos do corpo (AGOSTINHO, 1984, Livro X, VI 8-9).

Nas celebrações litúrgicas, encontramos diversos símbolos que fazem com que a assembleia dos fiéis se comunique com o mistério da paixão, morte e ressurreição do Senhor. O próprio Cristo, Palavra que se fez carne, Revelação do Deus invisível, criador de todas as coisas, é para a liturgia cristã o símbolo por excelência, que por sua encarnação nos possibilitou tocar e vivenciar o amor de Deus entre nós. Essa presença continua acontecendo, se revelando e atuando na Igreja por meio de seu Espírito. Nessa conformidade, Paro (2018, p. 55) atesta que na liturgia, a Revelação de Deus acontece por meio dos símbolos e ritos, como presença viva no meio da comunidade reunida.

³ Aurélio Agostinho de Hipona, conhecido universalmente como Santo Agostinho. Nasceu em 13 de novembro de 354 e faleceu em 28 de agosto de 430, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros séculos do Cristianismo. Foi Bispo de Hipona, uma cidade na província romana da África. Na Patrística, é considerado como o mais importante dos Padres da Igreja no ocidente. Suas obras primas são: “*A cidade de Deus*” e “*Confissões*”, ambas muito utilizadas na atualidade.

O Verbo “que se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14) é revelado na liturgia por meio dos sinais sensíveis. Os gestos e as ações rituais da celebração litúrgica são sinais que tocam os nossos sentidos, ao ouvirmos, vermos, apalparmos e cheirarmos. É o Mistério de Deus acontecendo e se comunicando conosco por meio do Cristo no mistério de sua páscoa. “Na liturgia, os sinais sensíveis expressam o que celebramos, o Mistério Pascal, o Mistério de Cristo, e a genuína natureza da Igreja num movimento humano e divino” (PARO, 2018, p. 57).

O símbolo tem identidade própria, faz tocar o que o pensamento racional não alcança, a experiência da manifestação do Mistério de Deus. Contudo, identificamos a sua capacidade de comunicar, ligar, unir corpo e alma, a mente e o espírito de cada pessoa considerando a sua realidade histórica e cósmica. É uma comunicação que está relacionada diretamente à sua natureza de símbolo, uma linguagem que consegue expressar de forma autêntica a força da vida humana nas mais intensas e significativas experiências. Reinert (2015, p. 92) enfatiza que a realidade simbólica comunica mais que a linguagem discursiva e por isso as expressões rituais e simbólicas presentes nas comemorações festivas são reveladoras das profundas realidades humanas. Nessa mesma perspectiva, Buyst, mostra o valor das ações simbólicas e rituais presentes na liturgia como expressão e manifestação do mistério:

Um símbolo, não é uma coisa, pronta, acabada. Trata-se de uma relação a ser criada, uma ponte a ser lançada, para possibilitar um encontro, um casamento. O essencial do símbolo é que trata de dois elementos – o sinal sensível e a realidade significada – relacionados, entrelaçados, completando-se mutuamente, maravilhosamente, inesperadamente, surpreendentemente, como estão relacionados e entrelaçados no ser humano, e se completam mutuamente o corpo e a alma;

[...] O importante é levar a sério o sinal sensível; deixar que penetre nossos cinco sentidos; aproximarmo-nos dele de tal forma que possamos perceber, expressar, comungar, através dele, a realidade invisível, não perceptível pelos sentidos: nosso mundo inconsciente, o ideal comum de nossa comunidade, o transcendente, o Outro, o mistério de Deus, a páscoa de Cristo, a comunhão no Espírito, o Reino, o mundo-que-há-de-vir. E deixar que faça jorrar em nós a força, a energia, a vida, e nos mova ao compromisso, à solidariedade. Ao mesmo tempo, devemos ter presente que o sinal, transparente à realidade transcendente, é apenas um sinal, “representativo”, simbólico-sacramental, jamais a própria realidade significada. Não podemos nos apoderar do transcendente: há uma distância a ser respeitada, a ser deixada em aberto, para que se continue a possibilidade da busca, do desejo, do diálogo (BUYST, 2007, p. 37).

Os sinais sensíveis são algo que apontam para alguma coisa, são da ordem da ação, uma comunicação significativa do mistério, para que possamos participar dos momentos celebrativos por meio dos sinais sensíveis que interligam o mistério celebrado na liturgia e a assembleia participante. “Desta forma, a liturgia é vista como ação simbólica – que estabelece relação entre o rito e o seu referente (o mistério pascal) e permite uma ‘apropriação’ progressiva daquilo que cremos, uma transformação pascal a longo prazo” (BUYST, 2011, p. 54).

Na liturgia cristã, os símbolos direcionam para a obra da Salvação contemplada na história humana e também na história da Igreja com sua natureza divina e humana, cujo ponto alto é o Deus conosco, Jesus Cristo, o Filho de Deus, que morreu e ressuscitou. Portanto, o símbolo na celebração é a expressão do Mistério da fé, “Partilha de pão e vinho, ablução com água, [...], incenso e outros elementos naturais e culturais, expressam o mistério de nossa fé, evocam experiências humanas profundas, nas quais Cristo vem ao nosso encontro e nos revela o Pai” (BUYST, 2011, p 52). Sobre o mistério celebrado na Eucaristia, Buyst ainda destaca a liturgia da Palavra e a liturgia sacramental como dois elementos relacionados às ações simbólicas constitutivas do Mistério Pascal:

Na liturgia, o mistério pascal de Jesus se faz presente, em toda a sua densidade e extensão, atuando no ano litúrgico, na celebração memorial, principalmente na Celebração Eucarística. É o mistério da fé presente na e pela ação ritual que inclui: a narrativa e interpretação dos fatos - liturgia da palavra; e as ações simbólicas relacionadas com esses fatos – liturgia sacramental (BUYST, 2004, p. 82-83).

Em determinadas ocasiões em que há falta de conhecimento sobre o sentido e a força que o símbolo tem na vida do ser humano e particularmente, na vida do cristão, pessoas de determinadas posturas e tendências racionalistas, opostas à sensibilidade litúrgica, tendem a abandonar e ridicularizar os símbolos. Paralelamente a essa realidade, surgem outras práticas de natureza simbólica na sociedade, principalmente no campo da juventude, pois os símbolos e ritos são como um guia, preservam e marcam a vida, a história e a identidade de um povo. Nasser (2003, p. 43) afirma: “Se você quiser matar uma pessoa ou um povo, destrua os símbolos”.

Compreendemos que não podemos ser indiferentes à ação ritual e simbólica presente na pedagogia litúrgica da Igreja, em razão de que ela favorece o encontro

entre pessoa e o Mistério de Deus na celebração e na vida. “Nesse sentido, é absurdo pensar que possa existir uma religião totalmente sem regras, sem liturgia, sem sinais e símbolos. É importante entender e compreender a lógica o rito e qual a sua dinâmica em vista da ritualidade” (PARO, 2018, p. 48).

Perante o exposto sobre a dimensão simbólica como expressão e manifestação do Mistério, compreendemos que o símbolo em sua natureza é relevante para que os seres humanos possam vivenciar a experiência do sagrado em suas vidas. Para o cristão, portanto, essa relação proporciona o encontro do humano com o divino, provocando uma mudança de vida pessoal e comunitária de maneira que, quanto maior for a intensidade da relação do humano com o transcendente, maior será a motivação e a capacidade para a constante abertura e partilha da experiência de Deus com aqueles que nos cercam.

2.2 A INICIAÇÃO CRISTÃ NOS PRIMEIROS SÉCULOS

Do anúncio Pascal, surge a comunidade cristã. A Igreja se difunde pelo testemunho dos discípulos que no encontro com o Ressuscitado fazem uma experiência de fé, capaz de transformar radicalmente as suas vidas. Os discípulos anunciam a Boa-Nova do Evangelho transmitindo, com seu modo de viver, a experiência do amor aos irmãos, fator fundante do Cristianismo pelo qual nos possibilita o conhecimento e a experiência em Deus. “É a Igreja nascente definindo sua ação evangelizadora como continuação da obra de Jesus Cristo. É o momento teológico mais forte para o anúncio querigmático” (COSTA, 2014, p. 92).

Nos primeiros séculos, encontramos a Igreja nascente com um perfil puramente missionário que tem como base o Mistério da Páscoa de Cristo, razão primeira que motiva a grande alegria de anunciar a novidade da ressurreição de Jesus. O contato direto com o Evangelho acendia o ardor missionário que era transmitido de comunidade em comunidade, pessoa a pessoa, de forma que, “cada batizado era, para seu ambiente, uma testemunha” (PADOVESE, 1999, p. 84).

Na evangelização apostólica, o anúncio se dava apenas por meio da expressão oral, pois ainda não se dispunham de textos escritos, atribuídos como Novo Testamento, porém, conforme At 2, 14-36, a evangelização teve seu início no dia de Pentecostes, com a primeira pregação de Pedro e, conseqüentemente, na medida em que o Cristianismo ia se difundindo. Correa Lima, (2002, p. 31) enfatiza

que: “O livro dos Atos mostra a progressão desse testemunho e, assim, a expansão do Evangelho, a partir de Jerusalém, a todas as extremidades da terra”.

Considerando a evangelização como motivo maior que move a Igreja desde os seus primórdios, entendemos que o conteúdo da mensagem que os discípulos de Jesus transmitiam não era outro além da mensagem do próprio Cristo, e fazendo memória dos ensinamentos do próprio Cristo destinados à seus discípulos: “Ide, pois; de todas as nações fazei discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar tudo o que vos ordenei” (Mt 28,19-20), compreendemos, pois, que a iniciação cristã primitiva se insere como parte desse contexto evangelizador, relacionada com a dinâmica da revelação cristã.

Nos primeiros séculos da experiência de fé cristã, vemos surgir o desejo de estabelecer um processo de iniciação cristã. As diversas Igrejas compreendem que a rapidez do início da fé cristã não podia se manter. Sentem a necessidade de uma pregação mais aprofundada que consistia numa conversão da vida à fé, numa instrução litúrgica, moral e doutrinal, isto é, o catecumenato (LIMA, 2014, p. 3).

A atividade missionária durante a evangelização apostólica na Igreja nascente, contribui com a organização da instituição eclesial denominada de catecumenato. No século II, encontramos os primeiros testemunhos sobre a formação do catecumenato primitivo, porém, o catecumenato metodologicamente estruturado e difundindo por toda Igreja, se efetiva somente a partir do século III.

2.2.1 O catecumenato primitivo

A iniciação à vida cristã em seu processo foi chamada de catecumenato, sua instituição e difusão buscou qualificar a entrada de novos membros na comunidade. Lima (2010, p. 8) considera que: “foi uma das mais bem sucedidas instituições da Igreja em todos os tempos, veio responder ao urgente problema do ingresso dos novos membros na comunidade eclesial”. Esse costume de introduzir no mistério os que aspiravam ingressar no Cristianismo primitivo por meio de uma caminhada litúrgica marcada por etapas e ritos, teve também sua motivação e inspiração em religiões da antiguidade, conhecidas como religiões do mistério. Matos explica um pouco sobre esse modo de iniciar assumido pelas religiões místicas:

As novas religiões “místicas”, precedentes do Oriente (Egito Síria, Pérsia...), organizavam-se geralmente, em forma de associações

fechadas onde todos podiam entrar, mas somente após uma rigorosa iniciação. Nelas predominava a celebração de mistérios ou dramas litúrgicos, que permitiam a identificação dos fiéis com a existência de um deus e apontavam, através deste, o caminho da salvação do indivíduo (MATOS, 1997, p. 37).

No judaísmo também havia exigência quanto à iniciação dos que desejavam fazer parte da referida religião. Era necessária uma formação sobre os ensinamentos das Sagradas Escrituras, dos preceitos da tradição judaica como renunciar a idolatria, e acolher as possíveis perseguições que os judeus costumavam enfrentar e vivenciar. Diversos ritos marcavam a inserção dos não-judeus na comunidade judaica, conforme apresentado, a seguir:

Para os não-judeus, convertidos ao judaísmo havia uma fase de preparação ou iniciação, que comportava um ensino das Escrituras e das tradições judaicas. Depois o prosélito – com raras exceções, só se admitiam homens – era introduzido na sinagoga através de um rito, que envolvia circuncisão e batismo de purificação, normalmente oito dias depois da circuncisão, e a oferta de um sacrifício. Estes gestos rituais expressavam a incorporação na comunidade e simbolizavam a libertação das impurezas dos idólatras (NERY, 2001, p. 29-30).

Os essênios, um grupo religioso de judeus que vivia na região do Mar Morto e que optou pela vida contemplativa com o propósito de viver distante das práticas equivocadas dos sacerdotes referentes ao Templo de Jerusalém, buscava praticar a religião pura da identidade do Povo de Deus no deserto. As regras de vida, o cumprimento das etapas na preparação ritual dos novos membros na comunidade, são também, um claro exemplo de exigência à iniciação dos novos candidatos à conversão religiosa, conforme Nery enfoca:

[...] Com práticas rituais específicas, entre as quais o banho batismal em cada uma delas. [...] O essencial a ser visado era a conversão, como mudança de radical de vida, que implicava o afastamento completo do mundo pervertido e a entrada no mundo do deserto. O processo implicava um ano de “postulado” e dois de “noviciado”, bastante rigorosos, com instrução, acompanhamento, exames e rituais, sendo um deles o banho batismal (NERY, 2001, p. 30-31).

Nascida em contexto cultural e religioso judaico, a comunidade cristã é influenciada pelo judaísmo no processo de iniciação à vida cristã. Os ritos e as práticas religiosas fazem parte dos critérios para o ingresso de novos membros, dentre esses ritos está incluído o banho de purificação, praticado pelo grupo dos essênios e outros grupos religiosos judaicos da época. No Novo Testamento,

encontramos João Batista, batizando nas águas do Jordão os que se dispunham à conversão e à mudança de vida.

João [...] proclama e realiza “um batismo em sinal de conversão e para o perdão dos pecados” (cf. Mt 3, 1-12), sepultando o passado de pecado e assumindo compromisso de vida nova, conduta nova segundo o amor de Deus, que se expressa no amor ao próximo. [...] o batismo joanino exige expressão pública de conversão (NERY, 2001, p. 31).

Nesse sentido, o Batismo cristão tem referência e ligação com o Batismo joanino, no entanto, com o episódio pascal, o Batismo dos seguidores de Jesus adquire um significado novo. “É que após o seu batismo na cruz, o banho batismal, por ele adotado agora para os seus seguidores, passa a ter outro sentido” (NERY, 2001, p. 32). O evangelho de Lucas traz as palavras de João Batista explicando ao povo o sentido pascal do Batismo cristão.

Como o povo estivesse na expectativa e todos cogitassem em seus corações se João não seria o Cristo, João tomou a palavra e disse a todos: “Eu vos batizo com água, mas vem aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das sandálias; ele vos batizará com Espírito Santo e com fogo” (Lc 3, 15-16).

No Novo Testamento não encontramos um rito estruturado para a preparação daqueles que buscavam a fé, a conversão e o Batismo cristão, porém, os cristãos dos primeiros séculos tinham preocupação com a organização de um processo iniciático. Assim sendo, são encontrados alguns textos referentes ao anúncio e à preparação para o Batismo no livro dos Atos dos Apóstolos que destaca a fé cristã como um caminho: O etíope eunuco batizado pelo diácono Felipe (At 8,26-40); Saulo, batizado por Ananias (At 9,18; 22,12-16); e o centurião Cornélio que fora batizado por Pedro (At 10,47-48). Nesse sentido, Costa, explica:

Essa maneira de anunciar a fé cristã aponta para uma perspectiva de entrada em uma nova e definitiva via de salvação orientada pela Boa-Nova do Evangelho de Jesus Cristo, e acompanhada como um processo de conhecimento, aprofundamento e conversão. Era nessa perspectiva de caminhada que aqueles que se convertiam recebiam o Batismo e, nele o dom do Espírito Santo (COSTA, 2014, p. 95).

Encontramos fora das Sagradas Escrituras o texto mais antigo que define o perfil das primeiras comunidades cristãs do século I, denominado *Didaqué*, também intitulado *Doutrina dos Doze Apóstolos*. Este escrito, segundo a Tradição, é resultado de encontros de diversas origens orais ou escritas, cuja naturalidade é

remetida à Síria ou à Palestina, o qual “mostra que o Cristianismo não é uma devoção individualista, intimista, mas é um caminho comunitário em que todos os setores da vida e do comportamento humano devem ser tomados pela Palavra de Deus e pela oração” (QUEZINI, 2013, p.15). A *Didaqué* instrui sobre os ensinamentos essenciais à fé cristã, no âmbito da moral, das verdades dogmáticas e dos procedimentos necessários para a realização dos sacramentos, conforme a orientação a seguir:

No que diz respeito ao Batismo, batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo em água corrente. Se não tens água corrente, batiza em outra água; se não puderes em água fria, faze-os em água quente. Na falta de uma e outra, derrama três vezes água sobre a cabeça em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Mas antes do Batismo, o que batiza e o que é batizado, e se outros puderem, observem o jejum. Ao que é batizado, deverás impor um jejum de um ou dois dias (DIDAQUÉ, p. 32).

Nos primeiros séculos, os passos necessários para recebimento do Batismo eram: a pregação, para provocar e atrair o interesse e a busca da conversão; a fé, nutrida pela instrução catequética; o retiro quaresmal como tempo de amadurecimento culminado na celebração dos sacramentos na Vigília Pascal; e a catequese mistagógica que acontecia após a celebração dos sacramentos durante o tempo pascal, na qual os ritos da celebração eram retomados e explicados individualmente. Esses elementos enfatizam que os que se aproximavam para abraçarem a fé cristã, mergulhavam em um processo de amadurecimento e faziam um itinerário espiritual, mesmo que o catecumenato não estivesse ainda totalmente estruturado, pois:

Mesmo chamado por Deus e desejoso de pertencer a Cristo, o convertido não era admitido sem mais nem menos no seio da Igreja. Já ia longe o tempo em que um único discurso pronunciado por um Apóstolo bastava para verter água do batismo sobre as multidões entusiasmadas. A medida que cresce, a cristandade vai-se tornando prudente e impõe aos que a procuram um período de iniciação, de catecumenato, e aquela disciplina de aprendizagem que, lentamente elabora durante os cento e cinquenta primeiros anos, tomará a partir do século II determinadas características fixas, que se conservarão até a Idade Média (ROPS, 1988, p. 203).

No século II o catecumenato tem seu início. A preocupação inicial consistia em favorecer uma adequada preparação para os candidatos aos sacramentos da Iniciação Cristã – Batismo, Crisma e Eucaristia – e, ao mesmo tempo, garantir uma

firme conscientização sobre a identidade cristã de forma madura e responsável, visto que os cristãos se encontravam em um contexto de fortes perseguições oriundas do Império Romano, o que exigia determinação e coragem no testemunho de fé.

Essas perseguições eram destinadas a todo o império, porém, sua maior assiduidade acontecia em Roma e em lugares mais próximos da sede do império. Os romanos consideravam que os cristãos eram agitadores da população e desobedientes às leis e normas que eram estabelecidas pela sociedade da época. “Os cristãos incorriam no crime de lesa-majestade e de sacrilégio a partir do momento em que, no seu coração, repudiavam os deuses do império e, [...] fugiam ao culto de Roma e Augusto” (ROPS, 1988, p. 160).

Apesar de serem minoria na sociedade, os cristãos estavam diante de um grande desafio: o enfrentamento aos sofrimentos causados por tamanhas perseguições. Nesse contexto, podemos perguntar: o que provocava as perseguições seria apenas o fato dos cristãos repudiarem os deuses do império, conforme colocado anteriormente, ou teriam outros motivos pelos quais a sociedade romana sentia-se ameaçada pelas comunidades cristãs? Lima menciona outros motivos pelos quais as perseguições aconteciam, vejamos:

[...] os cristãos eram considerados por muitos como obstáculos para a sociedade cujos parâmetros muitas vezes entravam em choque com a doutrina evangélica. Eles viviam a fé não somente internamente, espiritualmente, mas também na vida, contestando atitude e princípios pagãos, por isso eram chamados de subversivos e, conseqüentemente, perseguidos (LIMA, 2016, p. 22).

No reinado de Domiciniano (81 a 96 d.C.), as perseguições aconteceram por causa do ateísmo. “Domiciniano foi quem propriamente deu início às perseguições contra os cristãos. Ele se baseava, sobretudo, no fato de eles serem acusados de ateus, pois rejeitavam a obrigação de adorar o imperador e as divindades romanas” (FIGUEIREDO, 2009, p. 38). Os cristãos se recusavam a participar dos cultos pagãos. Diante desse contexto, sentiam-se na obrigação de realizar as celebrações cristãs nos cemitérios subterrâneos, chamados de catacumbas.

A imensidão destes cemitérios, a disposição de certas salas subterrâneas mais vastas e os símbolos sobre as paredes sugerem a ideia de que tenham sido não só local onde os vivos depositavam os mortos, mas também verdadeiros lugares de culto. [...] Podemos ter por certo que os cristãos – seguindo neste ponto os pagãos – ali

compareciam para comemorar os seus defuntos: a veneração dos corpos santificados dos mártires devia atrair numerosos visitantes e provocar orações recitadas em comum. Mas isto não quer dizer que as catacumbas fossem o lugar habitual do culto cristão. Foi só quando se desencadearam as perseguições que os fiéis preferiram reunir-se nas entranhas da terra cristã a fazê-lo nas casas dos cristãos [...] (ROPS, 1988, p. 200).

No ano de 250 d.C., época em que a expansão do Cristianismo já se encontrava em números significativos, o imperador Décio por meio de um decreto, determinou que todas as pessoas que moravam nos lugares submetidos ao império prestassem culto em honra aos deuses pátrios. Os imperadores posteriores, Valeriano (253-260 d.C.) e Diocleciano (284-305 d. C.), somente reforçaram o agravamento das sangrentas perseguições com editos cada vez mais rigorosos, prevendo inclusive, a morte de todos aqueles que se negassem a cultuar o próprio imperador e, ainda, destruíram livros sagrados e lugares que eram previstos para o culto cristão.

As comunidades primitivas, no enfrentamento às perseguições do império romano, pelo fato dos cristãos não prestarem culto aos imperadores e ídolos pagãos, eram facilmente torturadas e martirizadas. Frente a essa realidade, sentiam a necessidade de reforçar a identidade de seus membros e garantir a unidade e o fortalecimento da fé cristã zelando pela formação dos novos membros. Na metade do segundo século, Justino de Roma⁴ filósofo e apologista do Cristianismo, nos fornece um exemplo sobre a intensa perseguição aos cristãos.

Estranha maneira essa de condenar alguém somente pelo fato de se chamar “cristão”. Geralmente é por um crime cometido que se condena alguém, não por causa do nome, aqui o nome é crime. [...] Castiga-se, assim, condena-se só pelo nome, pois basta alguém negar ser cristão pra ser liberado, basta confessa-lo para ser condenado (JUSTINO, 1995, p. 14).

Nesse relato sobre as perseguições aos cristãos apresentado por Justino, identificamos que as acusações davam-se mediante o simples fato de serem cristãos e, por isso, eram condenados. Significa dizer que a formação das primeiras comunidades estava voltada para uma dimensão mistagógica, que possibilitava a relação da pessoa com o transcendente, uma profunda experiência de Deus que permeava toda a vida do indivíduo nas dimensões pessoal, eclesial e social.

⁴ Justino de Roma, foi um teólogo romano do século II, nasceu no ano 100 e morreu no ano 165. Sua vida foi consagrada totalmente à expansão e defesa da religião cristã. É mártir e santo da Igreja Católica.

A experiência que faziam de Deus estava ligada à vocação batismal, uma resposta ao chamado divino a partir da qual os indivíduos eram capazes de entregar a sua própria vida por amor a Jesus Cristo. Nesse contexto, “o martírio é então compreendido na lógica do batismo. É consequência da adesão total a Cristo” (FIGUEIREDO, 2009, p. 153).

Não eram constantes as perseguições aos cristãos, pois os imperadores não tinham um projeto sistemático e funcional para executar na prática aquilo que desejavam, havia uma alternância entre os tempos de calma e de perseguições, de maneira que nesses intervalos, discretamente o número de cristãos crescia e cada vez mais se organizava, marcando presença dentro da capital romana e em outros lugares que estavam submetidos ao império.

Após enfrentar com firmeza e determinação esse complexo quadro de tribulações causado pela agressão e violência romana, conforme indicado acima, a calma foi vivenciada pelos cristãos somente em 313, com o edito de Milão do imperador Constantino, que beneficiou os cristãos e as demais religiões dentro do império com a liberdade de culto. O Cristianismo em 380 d.C. tornou-se a religião oficial do império, sendo oficializada pelo imperador Teodósio (378-395 d.C.).

Eu, Constantino Augusto, e, como eu, Licínio Augusto, reunidos felizmente em Milão para discutir todos os problemas relativos à segurança e ao bem público, julgamos de nosso dever regulamentar, em primeiro lugar, entre outras disposições de natureza a assegurar, segundo nós, o bem da maioria, aquelas sobre as quais repousa o respeito da divindade, isto é, dar aos cristãos, bem como a todos, a liberdade e a possibilidade de seguir a religião de sua escolha, a fim de que tudo o que há de divino na celeste morada possa ser benevolente e propício a nós e a todos aqueles que se acham sob a nossa autoridade (HAMMAN, 2002, p. 86).

Um novo tempo é inaugurado com o Edito de Milão. Se anteriormente, o processo de iniciação também tinha o propósito de proteger a identidade da Igreja, bem como salvaguardar os que participavam da caminhada de fé à luz do Ressuscitado, agora, com a liberdade de culto, o processo de iniciação cristã acontece como um caminho pedagógico de transmissão, aprendizagem e admissão à fé.

Os documentos que apontam para a Tradição Apostólica, em que encontramos a imagem da Igreja nascente, atestam a necessidade de um trabalho evangelizador que favoreça uma iniciação cristã de fato, pois incentivavam a prática

penitencial, disciplinar, eclesial e de forma simples, transmitiam o conteúdo doutrinal no sentido de edificação e de instrução, conforme atestado na citação abaixo:

No início do Cristianismo, a catequese era o período em que se estruturava a conversão. Os já evangelizados eram iniciados no mistério da salvação e num estilo evangélico de ser: experiência de vida cristã, ensinamento sistematizado, mudança de vida, crescimento na comunidade, constância na oração, alegre celebração da fé e engajamento missionário. Este processo de *iniciação*, chamado catecumenato, se concluía com a imersão no mistério pascal através dos três grandes sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia. A catequese estava pois a serviço da iniciação cristã (CNBB, 2005, p. 37-38).

Um relevante testemunho de Aurélio Agostinho enfatiza a experiência do ser cristão em sua vida concreta, indicando que uma ação catequética deve acontecer sem imposição e que os chamados à conversão devem percorrer um caminho de formação espiritual desde as Sagradas Escrituras até o encontro com o Mistério de Deus:

É preciso de qualquer maneira, mostrar-lhe que o próprio Senhor não o aconselharia ou forçaria a tornar-se cristão e incorporar-se à Igreja nem o instruiria com tais sinais e revelações, a não ser que já estivesse preparado o seu caminho em direção as santas Escrituras, onde não procurasse prodígios visíveis; onde não seria instruído a dormir, mas a vigiar; onde quisesse senti-Lo mais tranquilamente e sem nenhum receio (AGOSTINHO, 1973, p. 46).

O Cristianismo primitivo é caracterizado como um período em que a comunidade cristã era fruto da reação do anúncio do Evangelho na propagação da fé e formação catecumenal. O catecumenato estava baseado na fé e na instrução não somente do catecúmeno, mas de toda a comunidade cristã. “Quando a Tradição viva da fé se alarga, a comunidade se vê impelida a melhor preparar aqueles que se convertem, antes de lhes conferir o Batismo” (LIMA JUNIOR, 1992 p. 44).

Portanto, é importante ressaltarmos que, no século seguinte, o catecumenato já está difundido pelo Oriente e Ocidente, presente em todas as comunidades eclesiais, não acontece de forma pontual, isoladamente, mas como prática que perpassa a caminhada de toda a Igreja. Continuemos então, analisando o catecumenato, esse processo de iniciação à vida cristã, que se estrutura e se desenvolve nos séculos III e IV.

2.2.2 A estruturação do catecumenato nos séculos III e IV

O catecumenato cristão, entendido como um processo de iniciação, foi elaborado no intuito de preparar os que desejavam fazer parte da comunidade cristã. Esse dinamismo ocorria por meio de um processo de conversão, os hábitos e os costumes dos candidatos se configuravam à uma vida nova, inserida na vida da Igreja, pautada na vivência sacramental, obediência e profissão de fé.

Segundo o mais antigo testemunho dos Padres da Igreja, uma vez tendo sido proclamado o *kerigma*, a tarefa mais urgente e imediata da comunidade cristã era a de despertar os futuros crentes, através de um conjunto de instruções essenciais que ampliasse e aprofundasse, ao mesmo tempo, os elementos semeados ao longo do anúncio da Pessoa de Jesus (SANTANA, 2000, p.14).

Os Padres da Igreja desenvolvem a catequese catecumenal com um aspecto de continuidade com a missão apostólica, cuja organização tinha em vista os desafios encontrados do contexto social em que estavam situados. No contexto do terceiro século, a estruturação do processo catecumenal está mais exigente e, ainda no contexto do quarto século, diante da expansão do Cristianismo, sua estrutura é cada vez mais consolidada, devido os diversos questionamentos e interpretações da teologia, contrapondo assim, a missão da Igreja, conforme realça Thiago Paro:

No século III, já é possível encontrar registros de um processo de preparação mais completo e estruturado, composto de quatro tempos (pré-catecumenato, catecumenato, iluminação ou purificação e mistagogia) que são marcados por etapas e ritos (admissão, eleição e celebração dos sacramentos). Esse processo, que nasce e se consolida pela experiência das comunidades cristãs, é chamado de catecumenato – hoje muito estudado e conhecido, famoso pelas grandes catequeses mistagógicas dos Padres da Igreja (PARO, 2018, p. 25).

Nos séculos III e IV, o catecumenato alcança estrutura sólida e organizada nas comunidades cristãs. Como contribuinte, temos a *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*⁵ considerada como a principal norma e instrução. Com detalhes a respeito do catecumenato, refere-se ao Batismo como um itinerário pedagogicamente estruturado em três etapas: admissão-entrada ao catecumenato,

⁵ Hipólito de Roma, Santo da Igreja católica. Nasceu no ano de 170 em Roma e faleceu no ano de 236 em Sardenha. É considerado um importante teólogo do século III, se destacou por sua erudição e eloquência. Hipólito escreveu tratado sobre a Tradição Apostólica, fonte de primeira importância para conhecermos a Igreja de seu tempo, combateu as várias heresias e foi grande defensor da sã doutrina e disciplina.

o tempo do catecumenato e eleição para o Batismo. Essa estrutura serviu de base para o processo de iniciação cristã primitivo, tornando-se uma referência para a História do catecumenato.

O início da caminhada é precedido de um tempo de evangelização e anúncio, logo depois o padrinho apresenta o candidato à comunidade, onde deverá ser admitido com revisão de vida, sobretudo nos aspectos morais, o candidato é indagado sobre as motivações que o levaram a abraçar a conversão. Ainda nesse sentido, são considerados o contexto familiar, profissional e a vida social, pois determinados estados de vida eram contrários ao perfil dos seguidores de Cristo. O sinal da cruz na fronte era um considerável rito nesse primeiro momento, pois significava ser marcado pelo sinal da fé. Os padrinhos davam testemunho a respeito da idoneidade de seus afilhados e enfim, eram admitidos à comunidade, chamados agora de catecúmenos.

Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas – antes da entrada do povo – e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximou da fé. Dêem testemunho deles os que tiverem conduzido, dizendo se estão aptos a ouvir a Palavra; sejam, também, interrogados sobre sua vida [...] (HIPÓLITO, 2004, p. 56).

O tempo do catecumenato era aproximadamente três anos, se desenvolvia por meio de uma catequese litúrgica, em que os candidatos eram convocados a uma constante conversão e mudança de vida. Hipólito evidencia como o desenvolvimento desse processo estava voltado para a busca da maturidade cristã, o embasamento nas Sagradas Escrituras e o Magistério: “Ouçam os catecúmenos a palavra durante três anos. Se algum deles for atento e dedicado, não se lhe considerará o tempo: somente o seu caráter – nada mais – será julgado” (HIPÓLITO, 2004, p. 59). Durante essa caminhada, os catecúmenos ainda não participavam da Celebração Eucarística de forma integral, mas somente até a liturgia da Palavra, pois a compreensão era que ainda não faziam parte da comunidade celebrante dos batizados.

Diversos ritos marcavam o caminho de formação no desenvolvimento da iniciação. Nessa etapa, os catecúmenos eram introduzidos ao Símbolo da fé e da oração e a culminância ocorria com a petição do Batismo, precedido de um exigente exame sobre o comportamento do catecúmeno. Após ouvir a comunidade e os

responsáveis pelo acompanhamento da caminhada catecumenal, acontecia o rito da eleição, conforme Lelo relata a seguir:

Ao receberem o parecer favorável da comunidade, darão mais um passo. Este rito conclui o catecumenato e o candidato passa a categoria de eleito ou iluminado. O termo eleito indica que os crentes são objeto da ação gratuita de Deus: ele os há iluminado, e agora, à sua luz, devem caminhar para ser dignos desse chamado, certos de que Deus não faltará nunca à sua fidelidade (LELO, 2005, p. 72).

Próximo à celebração dos sacramentos, os catecúmenos eram eleitos e realizavam a inscrição do nome. “No Oriente, recebiam o nome de iluminados / *photizómenoí*. No Ocidente, eram chamados *competentes*; Em Roma, *electi*, *eleitos*” (REINERT, 2015, p. 50). Nessa nova etapa catecumenal, acontece a busca por um aperfeiçoamento daquilo que foi experimento até o presente, voltado para a reflexão e o exame de consciência.

Essa etapa despertava no eleito um sentido mais profundo sobre Cristo e a Igreja como o Mistério da Salvação presente existencialmente em sua caminhada. Os eleitos e toda a comunidade eram convidados a uma preparação mais intensa por meio da oração e da penitência que acontecia no tempo quaresmal. Nesse mesmo tempo litúrgico, os eleitos recebiam o Símbolo da fé da Igreja e o Símbolo do Pai-Nosso, além de exorcismos que significavam o combate contra as forças do mal.

Os escrutínios, seguindo a pedagogia quaresmal, querem proporcionar aos eleitos o conhecimento de si mesmos por meio do exame de consciência e da verdadeira penitência; instituir gradativamente sobre o ministério do mal que envolve os eleitos; e formá-los para que tenham consciência do pecado, desta forma querendo libertar-se de suas conseqüências e da influência diabólica, purificando o espírito e o coração (LELO, 2005, p. 77).

A caminhada catequética tinha sua culminância na Vigília Pascal, na noite santa em que eram celebrados os sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia. Durante toda a semana santa nos dias que antecederiam a celebração dos sacramentos eram vivenciados outros ritos, como “banho, na quinta-feira santa; na sexta-feira santa início do jejum; no sábado santo, o Bispo impunha as mãos sobre os eleitos, exorcizava-os, soprava na fronte, nos ouvidos e nas narinas” (REINERT, 2015, p. 50). Eram dias de retiros, com breves apontamentos sobre o Batismo e a Eucaristia cujas pregações feitas pelo Bispo retomavam conteúdos “[...] sobre a penitência, oração, conversão e exigências morais do cristianismo, as

consequências da fé para a vida prática pessoal, comunitária e social” (NERY, 2001, p. 50).

A celebração da Vigília Pascal era o ponto alto pois nessa noite os eleitos eram batizados, consagrados e revestidos da nova veste, “[...] depois voltados para o oriente, lugar do nascer do sol, portanto, lugar da luz, fazem a solene profissão de fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo” (NERY, 2001, p. 51). O rito batismal era complementado com a unção com o óleo dos exorcismos e depois de renunciar a satanás e suas obras, novamente, os eleitos eram ungidos com o óleo da ação de graças. Enfim, com vestes brancas, eram apresentados e acolhidos pela assembleia dos fiéis, marcados pelo Bispo na fronte com o sinal da cruz e o ósculo da paz e, pela primeira vez, participavam com a comunidade celebrante, comungando do Corpo e o Sangue de Cristo. É importante enfatizarmos a dimensão da unidade dos sacramentos. “Na mesma celebração, os neófitos eram selados pelo dom do Espírito Santo no sacramento da Confirmação, assim configurados sacramentalmente à imagem de Cristo, o Ungido é constituído membro da comunidade cristã” (COSTA, 2014, p.112).

Após a celebração dos sacramentos, agora por meio das catequeses mistagógicas, uma nova etapa era vivenciada pelos neófitos, com o objetivo de completar a formação sacramental que fora iniciada. Conforme Floristan (1965, p. 87), durante a semana da páscoa, diariamente, os neófitos se encontravam para as catequeses mistagógicas com a finalidade de intensificarem a graça dos sacramentos recebidos na noite pascal.

Os Padres da Igreja compreendiam que as catequeses sobre os mistérios deveriam ser precedidas da experiência, ou seja, primeiro a celebração, para que em seguida, houvesse o recebimento da explicação do que era vivenciado na celebração, para que fosse interiorizado e saboreado o Mistério celebrado nos sacramentos recebidos para a posterior inserção na comunidade eclesial. Nesse sentido, no catecumenato primitivo a mistagogia era um tempo forte e favorável para o aprofundamento da fé.

A literatura dos Padres da Igreja alcançou um caráter mistagógico de fundamental importância para os que se dedicam aos estudos sobre a identidade cristã primitiva, por enfatizarem a eficácia dessa pedagogia da experiência de Deus no processo da formação catequética, pois é na Patrística que compreendemos que

“a iniciação cristã tem sua origem na iniciativa divina e supõe a decisão livre da pessoa que se converte ao Deus vivo e verdadeiro, pela graça do Espírito Santo, se torna participante da comunidade de fé, a Igreja” (COSTA, 2014, p.108).

Durante os séculos III e IV, a iniciação à vida cristã foi entendida como um processo, um caminho de diálogo e abertura ao mistério divino, o ponto alto da história do catecumenato. Os Padres da Igreja ressaltam o valor desse tempo para o catecumenato, dentre outros, destacamos Cirilo de Jerusalém, com suas grandiosas obras das catequeses pré-batismal e pós-batismal, conforme analisaremos posteriormente no próximo capítulo.

Com as catequeses mistagógicas, comumente proferidas pelo Bispo, efetivadas em momentos posteriores à celebração da Vigília Pascal, na Oitava de Páscoa⁶ iniciava uma nova etapa com três elementos, dentre eles: a retomada do Batismo com a ruminação dos detalhes de cada rito; a liturgia da Palavra através de uma exegese sobre a História da Salvação e sua relação com a teologia sacramental, na qual eram contempladas a simbologia do paraíso, da Páscoa no Êxodo e da caminhada do Povo de Deus no deserto; e as orientações disciplinares para a vivência cristã. Nesse sentido Costa referencia que: “A mistagogia permitia a compreensão e a celebração dos Mistérios da fé cristã com uma assimilação total que abarcava todas as dimensões da pessoa e reorientava seu plano de vida” (COSTA, 2014, p. 113).

Daniélou (1964) enfatiza que as catequeses mistagógicas auxiliam na análise e sistematização das etapas do catecumenato e constituem os documentos mais importantes na teologia de culto. Dentre outras obras, as *Catequeses mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém, às quais nos propomos a analisar no desenvolvimento desta dissertação, revelam um precioso valor teológico e as verdades da fé dentro do processo de iniciação cristã.

Ao analisarmos o processo catecumenal dos primeiros séculos, identificamos o perfil de uma comunidade cristã comprometida com o Evangelho, com capacidade de enfrentar as perseguições romanas e testemunhar a fé em Cristo, qualificando assim sua identidade. Contudo, entendemos que no processo de iniciação da Igreja primitiva, o método mistagógico que perpassava o itinerário catecumenal tem características em comum com as diversas propostas de iniciação encontradas nas

⁶ Os oito primeiros dias da Páscoa constituem a Oitava da Páscoa, celebrada como solenidades do Senhor.

comunidades, principalmente quanto à sua estrutura, organizada em etapas, com profunda relação entre catequese e liturgia, aprimorada nos séculos posteriores. Por meio da vivência dos mistérios celebrados, os neófitos conseguem compreender o significado da teologia contida nos textos, gestos, ritos e símbolos litúrgicos durante o caminho que percorrem e no tempo da mistagogia mergulham na graça dos sacramentos que recebem. A formulação desse método correspondeu ao contexto histórico da época e muito colaborou com a evangelização na Igreja, a respeito da preparação e inserção daqueles que buscavam ingressar no Cristianismo.

3 DA MISTAGOGIA EM CIRILO DE JERUSALÉM AO DECLÍNIO DO CATECUMENATO

Ao refletirmos sobre a iniciação à vida cristã na História da Igreja, sobretudo nos primeiros séculos, identificamos que, nos séculos III e IV, a iniciação cristã foi compreendida como um processo, um caminho introdutório, uma abertura ao Mistério de Deus, um diálogo cuja iniciativa se dava pelo próprio Deus que se revelava na história de cada pessoa em um determinado tempo e espaço.

Os Padres da Igreja, com suas catequeses mistagógicas, compreendiam a teologia como um processo dinâmico e dialógico entre Deus e a humanidade. Esse diálogo proporcionava a revelação do Mistério divino que, pedagógica e espiritualmente, orientava e acompanhava a caminhada do indivíduo instigando-o assim, à liberdade de decisão e à responsável conversão e abertura ao chamado de Deus, segundo suas convicções e escolhas.

Nos séculos III e IV, o processo de iniciação à vida cristã compreendia um caminho espiritual de aprendizagem em sua totalidade, desenvolvido pelos Padres da Igreja que auxiliavam os neófitos a se tornarem discípulos de Cristo. Um processo de formação que contemplava a espiritualidade, a vida pessoal, os ritos litúrgicos e a participação ativa da comunidade na qual os Padres estavam inseridos.

Segundo Costa (2015), esse caminho transversalizado pela liturgia, espiritualidade e pedagogia, assume características de um método dialogal, o que o torna marcante por ser permeado pela teologia de fundo, introduzida pelos Padres da Igreja, enquanto eixo referencial e integrador centrado na inspiração e orientação do processo catecumenal de iniciação à vida cristã.

É nesse sentido que abordaremos no presente capítulo a Catequese de Cirilo de Jerusalém. Cirilo apresenta a mistagogia com destaque nas catequeses pré-batismas e nas catequeses mistagógicas. As catequeses pré-batismas eram dirigidas aos grupos de catecúmenos que participavam do sacramento do Batismo e cinco catequeses mistagógicas, voltadas aos recém-batizados.

Cirilo favorece o acesso ao conteúdo das suas cinco catequeses mistagógicas focadas no método de exposição popular mediante o uso de uma linguagem simples, objetiva, articulada às necessidades de seus ouvintes, envolvendo-os meticulosamente nas motivações existenciais baseados na fé cristã, de forma a relacionar a Palavra de Deus à dimensão existencial da liturgia. Dessa

forma, compreendemos que a dimensão mistagógica perpassa as celebrações litúrgicas dos sacramentos ao mesmo tempo que contempla a dimensão formativa. É nesse contexto que identificamos a presença de Etéria, espanhola, peregrina, que esteve em Jerusalém no final do episcopado de Cirilo. O diário de Etéria possibilita apreender como a mistagogia no processo de iniciação à vida cristã se efetivava em Jerusalém, seu testemunho mostra a intensidade das catequeses mistagógicas na vida dos neófitos.

3.1 A INICIAÇÃO CRISTÃ NAS CATEQUESES PRÉ-BATISMAIS

Para melhor entendermos as catequeses mistagógicas, faz-se necessário discutirmos as catequeses pré-batismais, uma que vez que elas são o fundamento pelo qual o catecumenato começa a ser instituído de forma sistemática já no século III pela *Tradição apostólica* de Hipólito de Roma. Costa (2015) destaca que os documentos catecumenais que dispõem das orientações, conteúdos e métodos a serem explorados nestas catequeses, são encontrados entre os principais documentos que refletem a prática catecumenal: As catequeses de Cirilo de Jerusalém (348-351); as catequeses batismais de João Crisóstomo (388-397); as homilias catequéticas de Teodoro de Mopsuéstia (388-428); os discursos catequéticos de Gregório de Nissa (398-396); os tratados sobre os sacramentos e os mistérios de Ambrósio de Milão (380-397); e a instrução dos catecúmenos de Agostinho (413-426).

A formação catecumenal era alicerçada na catequese bíblica, com foco no Mistério Pascal de Cristo situado dentro da História da Salvação. A preparação imediata para o Batismo contemplava também a dimensão doutrinal da fé, eram explicados o Símbolo Apostólico e a oração do Pai-Nosso, cujos textos escritos nos pergaminhos eram entregues aos eleitos na preparação imediata. As catequeses pré-batismais nos ajudam a entender o modelo catecumenal e, conseqüentemente, o jeito de ser Igreja neste período caracterizado pelo zelo litúrgico e místico em que o anúncio da mensagem evangelizadora, a própria teologia, volta-se para a compreensão e a vivência da fé dos fiéis a partir da ligação entre a Palavra, a catequese e a liturgia.

As catequeses pré-batismais, voltadas aos aspirantes à iniciação cristã por meio dos sacramentos, possibilitavam aos fiéis participarem de uma formação pedagógica e espiritual sobre a doutrina da fé, associada cuidadosamente ao tempo

litúrgico em que se vivia, com ritos significativos para a caminhada dos iniciantes, como: o rito da acolhida, o rito da eleição, os exorcismos, os testemunhos da comunidade, as sugestões de mudança de vida e a direção espiritual no âmbito pessoal e comunitário.

Os iniciantes da caminhada catecumenal eram admitidos por meio da acolhida e apresentação do candidato ao Bispo, acompanhada pelos ritos de imposição das mãos e orações. Em seguida, já apresentados e acolhidos pela comunidade, os iniciantes participavam das homilias catequéticas e assumiam compromissos de vida nova proporcionada pelo sacramento do Batismo que ora recebiam. Nesse contexto introdutório da caminhada catecumenal, Cirilo de Jerusalém orientava também as práticas do jejum, da penitência e da confissão dos pecados. Toda a preparação catequética, sobretudo as de Cirilo de Jerusalém, tinha como eixo central a Sagrada Escritura e a Tradição, percorrendo assim temas centrais e importantes para a fé cristã, conforme nos mostra Figueiredo (2004).

Em meio a um contexto cultural pagão, das heresias e das religiões politeístas, as catequeses pré-batismais de Cirilo de Jerusalém reforçavam também em seu conteúdo doutrinal da fé a explicação da oração do Credo a partir da raiz bíblica e da Tradição Apostólica. Essa missão catequética doutrinal era confiada à Igreja, dirigida aos fiéis no período inicial da caminhada catecumenal. Dessa forma, percebemos a força dogmática das catequeses ao provocar nos fiéis iniciantes a adesão ao discipulado, o fortalecimento da fé, a orientação espiritual e o compromisso com a vida. São simples ensinamentos doutrinários, mas com conteúdo que integram fé e vida, doutrina e prática cristã, conforme orienta a IV Catequese:

A natureza do culto divino, consta de dois elementos: os sagrados dogmas e as boas obras, e nem a doutrina sem as boas ações é agradável a Deus, nem Deus aceita as obras prescindindo das crenças religiosas (CIRILO, 1997, IV, 2).

O ato de fé proclamado solenemente diante da comunidade cristã é um forte rito, sinal de compromisso transformador. Essa ação ritual e simbólica que acontece diante da comunidade é um sinal de unidade e comunhão fraterna. A fé é professada coletivamente, não se deve crer sozinho, mas no contexto da comunidade eclesial em comunhão com todo o Povo de Deus. A fé professada é uma relação com Deus e as pessoas no cotidiano de suas vidas, uma exortação à conversão e à mudança de vida, um convite a testemunhar por meio das boas

ações, visto que os preceitos morais e a fé devem estar articulados, conforme como consta na IV catequese:

Se alguém grava bem em seu interior a doutrina de que Deus é o princípio único e crê Nele de coração, impedirá o atropelo e o ímpeto dos vícios da idolatria e dos erros dos hereges. Portanto, coloca pela fé esse primeiro dogma da tua alma (CIRILO, 1977, IV, 6).

O Mistério Pascal de Cristo é o centro das catequese pré-batismais, a participação na Paixão, Morte e Ressurreição é experimentada por meio do sacramento do Batismo, essa dinâmica de morrer e ressuscitar com Cristo, é memorial que atualiza os sinais de vida e morte, as luzes e as trevas do cotidiano. O Batismo é o sacramento de Salvação como uma etapa importante para o fiel em seu processo de iniciação e inserção no Mistério celebrado. Uma libertação do pecado que acontece de forma gradual com a presença continuada do Cristo Ressuscitado na pessoa a qual é chamada a viver coerentemente com a fé professada.

Pela fé sincera, a alma prepara os vasos limpos para receber o Espírito Santo, [...] pois o esposo chama a todos sem distinção, já que se trata de uma graça abundante. Todos são reunidos pelo chamado em alta voz de quem faz o anúncio (CIRILO, 1977, III, 2). Também tu, descendo a água, e sepultado em certo modo nela, como Jesus no sepulcro, serás ressuscitado para uma vida nova (CIRILO, 1977, III, 12).

Uma clara e densa pneumatologia e eclesiologia estão presentes nas catequese pré-batismais apresentadas por Cirilo de Jerusalém. As dimensões do Espírito Santo e da Igreja, alicerçadas nas Sagradas Escrituras, são testemunhas de uma consciência teológica que dão clareza à compreensão litúrgica e sacramental, favorecendo a condução e a orientação catecumenal com a presença do Espírito Santo, o Espírito de Jesus. O mesmo Espírito presente no Antigo Testamento e na história do Povo de Deus, o Consolador, o Santificador, o Paráclito, aquele que atua e inspira a consciência e a atitude dos fiéis, animando e revigorando a comunidade eclesial no seguimento de Jesus. “Pois o Espírito Santo não vem proferido com a língua, mas alguém vivo, que nos concede a capacidade de falar com sabedoria, sendo ele mesmo quem fala e ensina” (CIRILO, 1977, XVI, 13).

As Catequese pré-batismais testemunham um processo de iniciação à vida cristã que une fé e vida em seu método evangelizador, as dimensões doutrinárias e pastorais com ênfase no Mistério Pascal de Cristo, estão unidas tendo a Sagrada

Escritura como fonte. A celebração do sacramento é a culminância de uma experiência de fé que revigora a espiritualidade e convoca cada indivíduo, livremente, à adesão e acolhida da mensagem de Cristo em sua vida.

3.2 AS CATEQUESES MISTAGÓGICAS

As catequeses mistagógicas se consolidam como um imprescindível testemunho de como a Igreja vivenciava o catecumenato no final dos séculos III e IV. A consciência dogmática eclesial e a importante relação estabelecida entre catequese, liturgia e a mistagogia estavam presentes no processo de iniciação à vida cristã. Cirilo de Jerusalém, Ambrósio, João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuéstia consideravam a mistagogia como um tempo favorável para a adesão à fé. As catequeses mistagógicas orientavam as instruções do catecumenato com formação doutrinária, pastoral e a instrução batismal.

A catequese mistagógica se caracterizava como uma nova etapa catequética e sacramental delimitada em todo o tempo pascal da liturgia até Pentecostes. Compreendia-se que os neófitos inseridos na caminhada sobre a graça dos Sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia, assimilassem melhor os Mistérios da fé e os sacramentos da Igreja. Cirilo de Jerusalém apresenta cinco catequeses mistagógicas, adotando métodos populares em linguagem objetiva, clara viva e fervorosa.

3.2.1 Primeira catequese mistagógica aos iluminados

Cirilo inicia sua primeira catequese mistagógica provido de sabedoria e simplicidade, enfatizando a centralidade do Mistério Pascal e a experiência vivenciada na noite da Vigília Pascal. Apresenta a Igreja como mãe que acolhe, incluindo os neófitos na grande família eclesial. Sua postura é de um pai espiritual com ternura e abertura de coração aproximando-se dos seus filhos na expectativa de orientá-los, despertando a expectativa de quem quer apresentar um segredo, algo de profundo valor, argumentando oralmente como mistagogo, ao fazer alusão ao primeiro paraíso, a origem de tudo, repleto de abundância, fazendo referência ao projeto de Deus, conforme podemos constatar na citação apresentada:

Desde há muito tempo desejava falar-vos, filhos legítimos e muito amados da Igreja, sobre estes espirituais e celestes mistérios. Mas como sei bem que a vista é mais fiel que o ouvido, esperei a ocasião

presente para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para entender o que vos fala e levar-vos pela mão ao prado luminoso e fragrante desse paraíso. Além disso, já estais mais bem preparados para aprender os mistérios todo-divinos que se referem ao divino e vivificante batismo. Uma vez, pois, que vos propusermos uma mesa com doutrinas de iniciação perfeita, é necessário ensinar-vos com precisão, para penetrardes o sentido do que se passou convosco nesta noite batismal (CIRILO, 1977, I, 1).

A dimensão litúrgica da celebração que os neófitos participavam com toda a riqueza da sua ação ritual, sobretudo a renúncia a satanás também ganha destaque nesta primeira catequese. Além da centralidade nas narrativas bíblicas, é articulada a compreensão da liturgia quanto a História da Salvação vinculando Antigo e Novo Testamento, uma atualização entre o Povo de Deus e a comunidade presente, em uma constante atualização do processo de identificação entre o ontem e o hoje na história. Cirilo trabalha a dimensão pascal do Batismo, a libertação em Cristo como o novo Moisés, da travessia do Mar Vermelho a ser mergulhado na Água da Salvação, a água do Batismo, no Cristo que faz nova todas as coisas, que reorienta a vida, nascida de novo, pela imersão batismal.

[...] É preciso que saibais que na História antiga há uma figura deste gesto. Quando o Faraó, o mais inumano e cruel tirano, oprimia o povo livre e nobre dos hebreus, Deus enviou Moisés a tira-los desta penosa escravidão dos egípcios. [...] Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura a realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acabrunhados pelo pecado (CIRILO, 1977, I, 2-3).

Retomando a liturgia com as palavras do rito, Cirilo reforça a necessidade de renunciar às forças do mal para que o neófito não se afaste do processo de libertação do pecado ora iniciado. A renúncia a satanás é feita com atitude de liberdade perante a comunidade, pois o pecado é uma oposição às obras da Salvação. Ao rejeitar o Ocidente e orientar-se pelo Oriente, representado por gestos simbólicos, Cirilo faz alusão ao nascimento de Cristo como Sol da justiça que nasce no Oriente, luz a iluminar o mundo, a todos os que jazem entre as trevas, enquanto que o ocaso é representado pelo Ocidente, o reino das trevas, a idolatria e as oferendas aos deuses pagãos que devem ser sempre renunciados pelos que foram libertados. Vejamos na citação a seguir o que estamos discutindo:

Entretanto, ouves, com a mão estendida e dizeis como a um presente: “Eu renuncio a ti satanás”. Quero também falar-vos porque

estás voltado para o ocidente, pois é necessário. O ocidente é o lugar das trevas visíveis e, como aquele é trevas, tem o seu poder nas trevas. Por essa razão, simbolicamente olhais para o ocidente e renunciáis a este príncipe tenebroso e sombrio. [...] em seguida, numa segunda fórmula, és ensinado a dizer: 'Em todas as tuas obras'. Obras de satanás são todos os pecados, aos quais é necessário renunciar [...] todo o gênero de pecado está, pois, incluído nas obras do diabo. [...] renunciáis, pois, as obras de satanás, isto é, a todas as ações e pensamentos contrários à promessa (CIRILO, 1977, I, 4-5).

Cirilo não hesita em abordar os hábitos que desviam o cristão da comunidade e de seu processo de conversão, atenta para que os lugares de culto não sejam confundidos, uma vez que o altar como pedra de sacrifício e banquete de comunhão, é o único lugar onde a Trindade se realiza como sacramento da Eucaristia. As pregações de Cirilo atentam para a fidelidade e a perseverança, a progressão no caminho da fé, deixando para trás as nostalgias com desejos de retorno à vida passada. É um convite a olhar para frente aspirando as coisas do alto, comprometendo-se com a busca da vida em plenitude oferecida por Cristo, conforme a I catequese mistagógica atesta:

Então te foi ordenado que disseses: 'Creio no Pai e no Filho e no Espírito Santo e no único batismo de penitência'. Disto nos falamos extensamente, nas catequese anteriores como no-lo permitiu a graça de Deus. [...] fortalecido por estas palavras, vigia. Pois nosso adversário, o diabo, como foi lido, anda ao redor, buscando a quem devorar. [...] Depois do Batismo sagrado de regeneração, Deus enxugou toda lágrima de todas as faces. Com efeito, já não choras por teres te despido do velho homem, mas estás em festa porque te revestiste com vestimenta da salvação, Jesus Cristo (CIRILO, 1977, I, 9-11)

Ao concluir a primeira catequese mistagógica, Cirilo faz referência à profissão de fé na Santíssima Trindade, firmada no Batismo como um compromisso de fidelidade à Deus, sinal vitorioso sobre as forças do pecado e a morte. Destaca ainda a vigilância como sinal permanente de prontidão nas renúncias cotidianas às tentações do mal. A catequese recorda que as novas vestes batismais, símbolo da nova criação, significam o revestimento do próprio Cristo, a mudança de vida proporcionada pelo Batismo, em uma transição do homem velho para o novo.

3.2.2 Segunda catequese mistagógica sobre o Batismo

A segunda catequese mistagógica era proferida na Oitava da Páscoa. A reflexão era voltada às três etapas do rito batismal: o despojamento das vestes, a unção, a vestição da nova roupa e a entrada na fonte batismal, simbolizando o perdão dos pecados, a dimensão filial e a participação no Mistério da Paixão e Morte de Cristo. Cirilo explicava a importância dos neófitos serem novas criaturas, revestidos da Graça e revigorados pela vida nova que receberam no Batismo ao se despedirem das antigas vestes como sinal de entrega, de renúncia ao “velho homem”.

Logo que entrastes, despistes a túnica. E isso era imagem do despojamento do velho homem com suas obras. Despidos, estáveis, nus, imitando também nisso a Cristo nu sobre a cruz. [...] Oxalá a alma, uma vez despojada do homem velho corrompido, jamais torne a vesti-lo. [...] em verdade éreis imagem do primeiro homem, Adão, que no paraíso estava nu e não se envergonhava (CIRILO, 1977, II, 2).

É ressaltado também o significado do momento da unção, um rito acompanhado com orações, súplicas e a intercessão dos Santos e Santas de Deus, expressando a força da oração comunitária em uma profunda comunhão dos presentes com a liturgia batismal. Cirilo explica o sentido do rito para os ungidos e interpreta a experiência mistagógica tratando o óleo como fruto da oliveira que é o símbolo do Cristo, o Ungido do Pai. Para ele, o que é ungido tem participação na riqueza da divindade de Cristo, como bênção que afasta as forças do mal.

Depois de despidos, fostes ungidos com óleo exorcizado desde o alto da cabeça até os pés. Assim, vós tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo. [...] com a insuflação dos santos e invocação do nome de Deus, qual chama impetuosa. Queimam e expelem os demônios. Assim esse óleo exorcizado recebe, pela invocação de Deus e pela prece, uma força que, queimando, não só apaga os vestígios do pecado, mas ainda põe em fuga as forças invisíveis do maligno (CIRILO, 1977, II, 3).

A continuidade da ação ritual na liturgia batismal acontece quando o eleito, sendo segurado pela mão, é imerso na piscina batismal. Dessa forma, o texto catequético faz referência à participação na Morte e sepultamento de Jesus identificando assim o sacramento do Batismo com a Páscoa de Cristo. O batizando é interrogado pela Igreja representada na pessoa do ministro sobre a profissão de fé

que, livremente, assume o seu compromisso batismal. A simbologia é rica teologicamente, se expressa nas imagens do sepulcro de Cristo ao morrer e nascer para a vida nova. De forma breve, a densidade do Mistério é indicada como uma experiência vivificante em que, a partir do Batismo, as vidas serão iluminadas. Por meio dos sinais litúrgicos, o Mistério de Deus se faz presente e permeia toda a catequese mistagógica.

Depois disto conduzidos pela mão a santa piscina do divino batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está a vossa frente. E cada qual foi perguntando se cria no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E fizeste a profissão salutar, e fostes imersos três vezes na água e em seguida emergistes, significando também com isto, simbolicamente, o santo sepultamento de três dias de Cristo. [...]. No mesmo momento morrestes e nascestes. Essa água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe (CIRILO, 1977, II, 4).

A mistagogia de Cirilo integra a atitude contemplativa e interpretativa, o seu convite é, ao mesmo tempo, para que acolham o Mistério de Deus e o compreendam, além de esclarecer as possíveis dúvidas ou enganos que possam ocorrer diante da dimensão sacramental. Cirilo relembra e esclarece os efeitos do Batismo e os dons favorecidos por esse sacramento: a filiação, o perdão dos pecados, a purificação, os dons do Espírito Santo e a participação na Morte do Senhor, tudo isso no sentido da experiência mistagógica na qual os neófitos estão inseridos.

As catequese mistagógicas de Cirilo primam pelo cuidado de sempre analisar o contexto cultural fazendo relação com as narrativas bíblicas de acordo com a proposta cristã. Elas aprimoram as reflexões com exemplos concretos que marcam os ouvintes, mostram que a iniciativa é de Deus em sua revelação e que acontece de forma real, definitiva, plena e absoluta, que não é algo efêmero e transitório, mas é algo constante e que se perpetua por sua grandeza e onipotência.

A segunda catequese é concluída convocando o neófito a não desanimar, mas perseverar na caminhada, fixando na memória o que está sendo revelado e conservado na Tradição, algo que é imprescindível à Igreja desde os primeiros tempos. Convida-os a permanecerem firmes na vivência e transmissão da fé, o que está na mente e no coração, a força do amor de Deus, que é o centro de toda a motivação.

3.2.3 Terceira catequese mistagógica sobre a Crisma

Cirilo de Jerusalém nesta terceira catequese, dedica sua reflexão ao sacramento da Crisma, sacramento este concebido aos neófitos após a celebração do Batismo. Com a centralidade no Mistério Pascal, Cirilo enfatiza a simbologia do rito da unção, como a confirmação e uma grande bênção por meio do Espírito Santo aos filhos de Deus, ora renovados pela graça batismal.

Batizados em Cristo e dele revestidos, vos tornastes conforme ao Filho de Deus. Em verdade, Deus predestinando-nos à adoção de filhos, nos fez conformes ao corpo glorioso de Cristo. Feitos, pois, partícipes de Cristo, não sem razão, sois chamados cristos e é de vós que Deus disse: “Não toqueis os meus cristos”. Ora, vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagem de Cristo (CIRILO, 1977, III, 1).

Cirilo apresenta a dimensão vocacional do neófito, chamado ao discipulado como dom recebido no Batismo. A unção com o óleo, rito de consagração por meio do Espírito Santo, configura o discípulo a seu Mestre e Senhor, o Ungido do Pai, o primeiro a ser ungido e enviado pelo Pai, nesse sentido, o discípulo é chamado e enviado a assumir a mesma missão de Cristo. A vida do que foi ungido deve ser uma vida missionária e participativa como companheiro à disposição da missão de anunciar o Evangelho aos pobres.

[...] também a vós, ao sairdes das águas sagradas da piscina, se concede a unção, figura daquele com que Cristo foi ungido. Refiro-me ao Espírito Santo, do qual o bem-aventurado Isaias, na profecia a respeito dele, na presença do Senhor. “O Espírito do Senhor repousa sobre mim, pelo que me ungiu; enviou-me para levar a boa nova aos pobres” (CIRILO, 1977, III, 1).

Cirilo apresenta o Espírito Santo como o dom que santifica e favorece a alegria espiritual dos iniciados, é contra as heresias daqueles que se opunham ao pensamento teológico, ressaltando as dimensões da comunhão trinitária e cristocêntrica, tendo como centro o Mistério da Salvação, sem tocar nas questões heréticas. Nesse contexto, Costa (2015 p. 74) realça que o cristocentrismo presente na catequese indica que a cristologia dos Padres da Igreja é de fato uma madura resposta às heresias contemporâneas. Abaixo, um posicionamento de Cirilo que endossa o que estamos a discutir:

Na verdade, Cristo não foi ungido com óleo ou unguento material por um homem. Mas foi o Pai que, estabelecendo-o com antecedência como Salvador de todo o universo, o ungiu com o Espírito Santo, conforme diz Pedro: “Jesus de Nazaré, a quem Deus ungiu com o Espírito Santo”. E o profeta Davi exclamou: “Teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos; centro de retidão, o centro de sua realeza. Amaste a justiça e por isso te ungiu Deus, teu Deus, com o óleo da alegria, mais que teus companheiros”. [...] Ele foi ungido com o óleo espiritual da alegria, isto é, com o Espírito Santo, chamado óleo de alegria, por ser causa da alegria espiritual. Vós fostes ungidos com o óleo, fostes partícipes e companheiros de Cristo (CIRILO, 1977, III, 2).

A dimensão mistagógica é bem enfatizada na unção sacramental da Crisma, destacando o embasamento bíblico como ponto de partida e a indispensável integração entre liturgia e catequese, aspectos importantes da iniciação cristã. Cirilo tem a preocupação de apontar a força do rito que, uma vez vivenciado na celebração por meio da ação ritual e simbólica e com sua dimensão corporal, sendo acolhido na vida do neófito, gera vida nova e compromisso crismal.

Em primeiro, sois ungidos na frente, para serdes libertados da vergonha que o primeiro homem transgressor levou por toda parte e para que, de face descoberta, contempleis a glória do Senhor. Depois nos ouvidos, para terdes ouvidos conforme disse Isaias: “E o Senhor me deu um ouvido para ouvir”, e o Senhor no Evangelho: “que tem ouvidos para ouvir que ouça”. Em seguida as narinas para que ao receberdes esse divino argumento, possais dizer: “Somos para Deus entre os que salvam, o bom orador de Cristo”. Depois no peito, a fim de que, “tendo recebido a couraça da justiça, resistais aos artifícios do diabo”. Como na verdade o Salvador, após seu batismo e a descida do Espírito Santo, saiu a combater o adversário, assim também vós, depois do santo Batismo, resistis a força inimiga e a venceis dizendo: “tudo posso naquele que me conforta, Cristo” (CIRILO, 1977, III, 4).

Nessa terceira catequese, Cirilo aponta o sentido da mistagogia como um caminho espiritual marcado por etapas a serem vivenciadas no processo de iniciação à vida cristã. Os dons sacramentais são concebidos como um processo vivenciado ao longo do itinerário que conduziram ao Mistério Pascal de Cristo e não como um momento mágico e extraordinário da fé.

Ao concluir essa catequese, Cirilo ressalta a relevância das Sagradas Escrituras no processo de iniciação, mostrando a relação vincular entre o Antigo e Novo Testamento, tendo como centro o Mistério da Páscoa de Cristo e situando o sacramento da unção da Crisma dentro da História da Salvação. Cada neófito é

convidado a fazer parte da caminhada do Povo de Deus, como povo eleito e escolhido para ser testemunha da sua presença no mundo.

Foi isso que desde os tempos antigos, o Santo Isaías profetizou dizendo: “E preparará o Senhor para todos os povos nesta montanha”. Por montanha ele designa a Igreja, como outras vezes, quando diz: “Beberão vinho, beberão a alegria, serão ungidos de unguento”. E para que mais te assegures, ouve o que diz sobre esse unguento em sentido místico: “Transmite tudo isso às nações, pois o desígnio do Senhor se estende sobre todos os povos”. Assim, pois ungidos, com este santo crisma, guardai-o sem mancha e irrepreensível em vós, progredindo com boas obras e tornando-vos agradáveis ao autor de nossa salvação, Jesus Cristo, a quem a glória pelos séculos dos séculos Amém (CIRILO, 1977, III, 7).

A dimensão eclesial também é contemplada nessa catequese. A Igreja é configurada à “montanha”, o lugar do encontro com Deus, uma simbologia que retrata a participação de cada fiel na aliança que Deus fez com o seu povo. O caminho catequético e a vivência sacramental do neófito acontecem com sua participação na vida da comunidade eclesial. Essa caminhada é alimentada por uma pedagogia que tem como centro a teologia e a pastoral, duas dimensões que iluminam o processo de iniciação à vida cristã. Por meio dessas dimensões acontece a manifestação da misericórdia de Deus, que chama cada um a participar perseverantemente do Mistério da Salvação.

3.2.4 Quarta catequese mistagógica sobre o Corpo e o Sangue de Cristo

Essa catequese está voltada para a temática do sacramento da Eucaristia, realizado na noite da celebração da Vigília Pascal, juntamente com os sacramentos do Batismo e da Crisma. Nessa noite, com a celebração dos sacramentos, está o momento culminante do processo de iniciação à vida cristã. O embasamento teológico utilizado para a mediação mistagógica nessa catequese está na primeira carta de São Paulo aos Coríntios na qual é narrada a última Ceia do Senhor e o memorial da Eucaristia que nos foi dado como herança, a participação no Mistério celebrado. É, pois, comendo e bebendo do pão e vinho consagrados, do Corpo e Sangue de Cristo, que se alimenta a comunidade cristã.

Este ensinamento do bem-aventurado Paulo foi estabelecido como suficiente para vos assegurar acerca dos divinos mistérios, dos quais, tendo sido julgados dignos, vos tornastes concorpóreos e consanguíneos com Cristo. O próprio Paulo proclama precisamente: “Na noite em que foi entregue, Nosso Senhor Jesus Cristo, tomando

o pão e depois de ter dado graças, partiu-o e o deu a seus discípulos, dizendo: “Tomai, comei, isto é o meu corpo”. E tomando o cálice e tendo dado graças, disse: ‘Tomai, bebei, isto é o meu sangue’. Se ele em pessoa declarou e disse do Pão: ‘Isto é o meu corpo’, quem se atreveria a duvidar doravante? E quando ele afirma categoricamente e diz: ‘Isto é o meu sangue’, quem duvidaria dizendo não ser seu sangue?” (CIRILO, 1977, IV, 1).

Ao utilizar a narrativa da carta de Paulo aos Coríntios para explicar o fundamento e o sentido eucarístico, Cirilo alerta sobre as possíveis dúvidas que possam levar o neófito a uma leitura descontextualizada e fundamentalista dos textos bíblicos, convidando-os a uma atitude acolhedora e mistagógica, capaz de aproximá-lo de Jesus e confiar em sua Palavra.

Os adjetivos *concorpóreo* e *consanguíneo*, utilizados por Cirilo, apontam para o cristão configurado a Cristo e seu mergulho no Mistério divino celebrado na Eucaristia. “Usa o termo ‘consanguíneo com Cristo’ para dizer que se trata de algo visível aos olhos que fortalece a alma” (MENDONÇA, 2010, p. 154). Os adjetivos implicam uma atitude contemplativa sobre o rito litúrgico que consagra as espécies de pão e vinho transformando-os no Corpo e Sangue de Cristo, estendendo a dimensão eucarística à comunidade participante do mesmo Mistério, tornando-se o Corpo místico de Cristo.

Portanto, com toda certeza recebemo-los como corpo e sangue de Cristo. Em forma de pão te é dado o corpo, e em forma de vinho o sangue, para que te tornes, tomando o corpo e o sangue de Cristo, concorpóreo e consanguíneo com Cristo. Assim nos tornamos portadores de Cristo, sendo nossos membros penetrados por seu corpo e sangue. Desse modo, como diz o bem-aventurado Pedro, “tornamo-nos partícipes da natureza divina” (CIRILO, 1977, IV, 3).

Fazendo referência ao Antigo Testamento e seu relacionamento com o Novo, Cirilo coloca no centro a Nova Aliança selada por Jesus e perpetuada na Eucaristia como o cumprimento e superação da Antiga Aliança. A reflexão sobre o Corpo e Sangue de Cristo como presença sacramental constitui um convite à compreensão profunda da comunicação entre Deus e o homens, um chamado à experiência mistagógica. Essa comunicação proporciona a revelação de Deus que tem sempre a sua iniciativa como aquele que se inclina, se aproxima e se entrega.

Também no Antigo Testamento havia pães de proposição. Mas esses pães, por pertencerem à antiga aliança, tiveram fim. Na nova aliança o pão celeste e o cálice da salvação santificam a alma e o corpo. Pois, como o pão se adéqua ao corpo, assim o Verbo se

harmoniza com a alma. Não consideres, portanto, o pão e o vinho como simples elementos. São, conforme a afirmação do Mestre, corpo e sangue. Se os sentidos isto te sugerem, a fé te confirma. Não julgues o que te propõe segundo o gosto, mas pela fé tem firme certeza de que foste julgado digno do corpo e sangue de Cristo (CIRILO, 1977, IV, 5-6).

Os sacramentos proporcionam aos cristãos o fortalecimento espiritual para enfrentar as forças do mal. Essa temática foi abordada nas catequese anteriores, porém agora é retomada como a capacidade de vencer o demônio como a personificação do mal. Cirilo evidencia que a vivência eucarística do cristão favorece com que o próprio Jesus viva em sua própria vida.

[...] antes de tua vinda, os demônios preparavam para os homens uma mesa contaminada e manchada, cheia de poder diabólico, mas depois de tua vinda, ó Senhor, tu preparaste diante de mim uma mesa. [...] A primeira mesa tinha comunhão com os demônios, essa, ao contrário, comunhão com Deus. “Ungiste de óleo minha cabeça.” Com o óleo te ungiu a cabeça, sobre a fronte, pelo sinal que tens de Deus, afim de que te tornes assinalado, santo de Deus. “E teu cálice inebria-me como o melhor. “Vês aqui mencionado o cálice que Jesus tomou em suas mãos e sobre o qual rendeu graças dizendo: “Este é o meu sangue, que é derramado por todos, em remissão dos pecados” (CIRILO, 1977, IV, 7).

A dimensão mistagógica da mesa preparada pelo Senhor é a mesa da unidade e da Salvação, banquete espiritual que reúne o Povo de Deus da Antiga e Nova Aliança em um só rebanho em torno do Mistério da Páscoa de Cristo. É o cristão que participa da mesa do Senhor depois de receber os sacramentos do Batismo e a Crisma. Agora, de forma plena participa da Eucaristia como banquete sagrado. Cirilo exorta a renunciar à mesa preparada pelos demônios, símbolo dos cultos pagãos e das idolatrias e não retomar as tentações que afasta o cristão da presença de Deus.

A quarta catequese mistagógica é concluída com um belo hino de caráter contemplativo e mistagógico, enriquecido com citações das Sagradas Escrituras, as quais mostram o convite de Deus apresentado por Salomão. O canto traz ainda a dimensão da simbologia sacramental, do significado da veste branca e brilhante, da dignidade do cristão como bem-aventurado, convidado especial para participar do banquete na solene festa pascal. O texto imprime sentimentos jubilosos de confiança, feliz entrega e satisfação na vida dos iniciados. Eis o texto:

Por isso também Salomão, aludindo a essa graça, disse: “Vem, come teu pão com alegria”, o pão espiritual. “Vem”, designa o apelo salutar e que faz bem-aventurado. “E bebe, de bom coração, o teu vinho”, o vinho espiritual. “Derrama o óleo sobre a tua cabeça. Traje sempre vestes brancas, já que Deus sempre favorece as tuas obras”. Pois agora Deus se agradou de tuas obras. Antes de te aproximares da graça, eram tuas obras “ vaidade das vaidades”. Todavia agora, tendo despido as velhas vestes e revestido espiritualmente a veste branca, é necessário estar sempre vestido de branco. Não dizemos isso absolutamente porque é preciso estar trajado de branco, mas porque deves, em realidade, revestir a veste branca, brilhante e espiritual, afim de dizeres com o bem-aventurado Isaías: “Com grande alegria me rejubilei no Senhor, porque me fez revestir a vestimenta da salvação e me cobriu com a túnica da alegria” (CIRILO, 1977, IV, 8).

Na parte conclusiva dessa catequese, Cirilo faz uma revisão sobre os ensinamentos transmitidos aos neófitos na tentativa de garantir uma memorização sobre as reflexões em torno da Eucaristia. Reforça ainda a importância de estar seguro, no sentido de ir além de uma simples memorização que seja uma introspecção da graça do sacramento da Eucaristia vinculada à vida, rumo à plenitude.

3.2.5 Quinta catequese mistagógica

A quinta catequese mistagógica tem caráter predominantemente litúrgico, embora retomando as anteriores, está voltada para a Celebração da Eucaristia, com destaque nas ações rituais vivenciadas: as orações, os gestos, a oração eucarística e a comunhão, o ponto alto da celebração. A sua dimensão mistagógica favorece a dimensão eclesial integrar a vida e que, na Eucaristia, está o cume de todo o processo formativo da iniciação.

Pela dignidade de Deus, ouvistes de maneira suficiente, nas reuniões precedentes, sobre o batismo, a crisma e a participação no corpo e sangue de Cristo. Mas agora é necessário ir adiante, para coroar o edifício espiritual de vossa Instrução (CIRILO, 1977, V, 1).

Orientando quanto aos possíveis equívocos, os ritos litúrgicos são explicados aos neófitos começando pelo rito de “*lavar as mãos*” simbolizando a pureza, a humildade, as boas obras e a dignidade para a celebração do Mistério da Páscoa do Senhor. A dimensão mistagógica do rito está presente quando Cirilo destaca: “Davi te introduziu neste mistério”, essa afirmação aponta para a figura do mistagogo: aquele que introduz ao Mistério por meio da dimensão sacramental.

Vistes o diácono oferecer água ao pontífice e aos presbíteros que rodeiam o altar de Deus para lavarem-se. [...] Lavar as mãos é símbolo de que nós devemos purificar de todos os pecados e de todas as faltas. Já que as mãos são símbolos de obras, lavamo-las, indicando evidentemente pureza e irrepreensibilidade das obras. Não ouviste como o bem-aventurado Davi te introduziu nesse mistério ao dizer: Lavei as mãos entre os inocentes e andarei ao redor do teu altar Senhor? Então, lavar as mãos é estar limpo de pecado (CIRILO, 1977, V, 2).

O rito da paz também é contemplado nessa catequese, simbolizando o perdão dos pecados pessoais e comunitários, é a superação das mágoas, a busca pela reconciliação entre os irmãos e o mútuo acolhimento que gera a vivência do amor fraterno.

Depois o diácono proclama: Acolhei-vos mutuamente e dai-vos o abraço da paz. Não suponhas que este ósculo seja como os que os amigos íntimos se dão na praça pública. [...] Este ósculo une as almas entre si e é para elas penhor do esquecimento de todos os ensinamentos. É sinal de que as almas se unem e afastam toda lembrança de toda injúria. Por isso Cristo disse: “Quando fores apresentar uma oferta perante o altar, e ali te lembrares de que teu irmão tem algo contra ti, deixa ali a tua oferta, diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, depois volta para apresentar a tua oferta”. Então, o ósculo é reconciliação, e é por esta razão que é santo (CIRILO, 1977, V2, 3).

A catequese continua com uma ação de graças pelas maravilhas do amor incondicional de Deus com os seus filhos, é um diálogo de louvor entre Deus e a humanidade. Nessa louvação, de coração para o alto, o neófito é chamado a elevar a Deus as suas preces, orações e súplicas, superando as preocupações do trabalho cotidiano e fixando o seu olhar no Senhor que é Pai, que ama, cuida e se dedica a cada um dos seus filhos e filhas.

Depois disso o sacerdote proclama “Corações ao alto”. Verdadeiramente nessa hora mui tremenda, é preciso ter o coração no alto, junto de Deus, e não embaixo, na terra, nas coisas terrenas. Com autoridade, pois, o sacerdote ordena que, nessa hora, se abandonem todas as preocupações da vida e os cuidados domésticos e que se tenha o coração no céu, junto ao Deus benevolente.

Vós então respondeis: Já o temos no Senhor! Assentindo à ordem por causa do que confessais. Ninguém esteja presente dizendo apenas com a boca: “Nós os temos no Senhor” tenho a mente voltada para as preocupações da vida. Sempre devemos estar lembrados de Deus. Se isso é impossível pela fraqueza humana, naquela hora isto é o que mais deve ser procurado.

Depois diz o sacerdote: “Demos graças ao Senhor”. Deverás, devemos agradecer-lhe, porque, sendo indignos, chamou-nos a tamanha graça que nos reconciliou, sendo seus inimigos, e nos fez dignos de adoção no Espírito (CIRILO, 1977, V, 4-5).

A contemplação da criação é característica forte nessa louvação de ação de graças. Cirilo sugere uma postura mística frente as obras de Deus. É o grande louvor da assembleia reunida que unida aos anjos e Santos cantam em um único coro, o merecido louvor ao Santo dos Santos, por todas as suas maravilhas.

Depois disso, mencionamos o céu, a terra e o mar, o sol e a lua, os astros, toda criatura racional e irracional, visível e invisível, os anjos e arcanjos [...]. “Santo, Santo, Santo, é o Senhor dos exércitos”. Por isso recitamos essa doxologia que nos foi transmitida pelos serafins, para que nesse canto nos associemos aos exércitos celestes (CIRILO, 1977, V, 6).

Cirilo prossegue a catequese mostrando a importância da oração eucarística denominando-a *sacrifício espiritual*, a presença do Corpo e Sangue de Cristo sobre o altar como memória e sacrifício. Evidencia o momento em que é feita a apresentação da matéria da celebração eucarística, o pão e o vinho, para serem consagrados. A oração litúrgica tem caráter comunitário, invoca o Espírito Santo sobre as oferendas e a assembleia reunida, é uma prece poética que contempla o tempo e a eternidade que une o céu e a terra, que faz a memória dos que já adormeceram, da missão da Igreja, dos que sofrem e da comunidade pecadora que peregrina neste mundo rumo ao céu.

Em seguida, realizado o culto espiritual, o culto incruento, em presença desta vítima de apropriação, invocamos a Deus pela paz comum das Igrejas, pelo bem-estar do mundo, pelos imperadores, pelos exércitos e aliados, pelos doentes, pelos aflitos e, em geral, todos nós rezamos por todos aqueles que tem necessidade de socorro e oferecemos em vítima.

Depois, fazemos menção dos que adormeceram, primeiro dos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, para que Deus, por suas preces e intercessões, aceite nossa súplica. Depois ainda rezamos pelos nossos Padres, Bispos adormecidos e enfim, por todos os que nos precederam, persuadidos de que será de máximo proveito para as almas, pelas quais a súplica é elevada ante a santa e tremenda vítima (CIRILO, 1977, V, 8-9).

A explicação da oração do Pai-Nosso também ganha espaço nessa catequese. Cirilo começa destacando os principais elementos da oração e sua origem como a oração que vem do ensinamento do próprio Deus e, ao final, sugere uma nova concepção do céu como o lugar onde está o próprio Deus, de forma

concreta, a presença de Deus na vida do ser humano. Costa (2015, p. 91) comenta que Cirilo não explica a oração como uma linguagem abstrata, mas com transparência indica que nela está oferecido um céu que se experimenta onde Deus habita e vive, no testemunho e no compromisso com seu projeto de amor.

Depois disso tu dizes aquela oração que o Salvador transmitiu aos discípulos, atribuindo a Deus, com pura consciência, o nome de Pai e dizes: “Pai nosso, que estás nos céus”. Ó incomensurável mistério de Deus! Aos que o tinham abandonado e jaziam em extremos males é concedido o perdão dos males e a participação na graça, a ponto de ser invocado como Pai. Pai nosso que estás nos céus. Os céus poderiam bem ser os que portam a imagem do mundo celestial, nos quais Deus habita e vive (CIRILO, 1977, V, 11).

Ainda sobre a temática do Pai-Nosso, Cirilo destaca o aspecto da santificação na expressão que compõe a oração: “Santificado seja o teu nome”. Essa santificação é entendida primeiramente como a santificação da pessoa rumo à santificação plena em Deus. Nesse sentido, o conceito de santidade nessa catequese, está inerentemente ligado ao testemunho e às obras que contribuem para a Revelação de Deus à humanidade.

Por essa razão, é no compromisso dos batizados com a vida em santidade, no seguimento do caminho rumo ao encontro da santidade divina que todos serão santificados. Porém, em meio à dignidade de participar da Eucaristia, ele esclarece também que a santidade de Deus está acima de tudo, evidenciando assim, a indignidade dos iniciados diante do Senhor, o Santo dos Santos.

“Santificado seja o teu nome.” Santo é por natureza o nome de Deus, quer o digamos ou não. Mas uma vez naqueles que pecam por vezes é profanado, segundo o que diz: “Por vós meu nome é continuamente blasfemado entre as nações”, oramos que em vós o nome de Deus seja santificado. Não que por não ser santo chegue a sê-lo, mas porque em nós ele se torna santo quando nos santificamos e praticamos obras dignas de santificação.

“Venha o teu reino.” É próprio de uma alma pura dizer com confiança: “Venha o teu reino”. Quem ouviu Paulo dizer: “Que o pecado não reine em vosso corpo mortal”. E se purificar em obra, pensamento e palavra, dirá a Deus: “Venha o teu reino”.

“Seja feita a vossa vontade, assim na terra”. [...] Rezando, pois, com vigor, dize isto: Como nos anjos se faz a vontade, Senhor, assim na terra se faça em mim (CIRILO, 1977, V, 12-14).

Cirilo continua fundamentando-se nas Sagradas Escrituras para proferir seus ensinamentos sobre o Pai-Nosso, evidenciando assim a dimensão dialogal presente nessa oração que, quando recitada, meditada e refletida, proporciona uma relação

de intimidade entre Deus e a humanidade. Portanto, identificamos aqui um movimento mistagógico que se realiza por meio dessa união entre o divino e o humano. Cirilo segue a reflexão sobre a súplica pelo alimento diário, o Pão de cada dia, que deve ser interpretado como o pão espiritual, o pão vivo descido do céu, o alimento que concede o sustento espiritual, para que os batizados possam permanecer firmes na condição de filhos de Deus.

“Nosso pão substancial dá-nos hoje”. O pão comum não é substancial. Mas este pão é substancial, pois se ordena a substância da alma. Este pão não vai ao ventre nem é lançado em lugar escuro, mas se distribui sobre todo o organismo, em proveito da alma e do corpo. O “hoje” equivale a dizer de “cada dia” como também dizia Paulo: “Enquanto perdura o hoje” (CIRILO, 1977, V, 15).

Ainda sobre a oração do Pai-Nosso, Cirilo prossegue sua catequese abordando a dimensão do perdão dos pecados motivando os fiéis para que assumam atitudes de humildade, reconhecendo as suas próprias faltas perante Deus e os irmãos. O perdão aos irmãos é uma extensão do infinito perdão de Deus, fonte do perdão e que protege contra todo o mal.

“E perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores.” Temos muitos pecados. Caímos, pois, em palavra e em pensamento, e fazemos muitas coisas dignas de condenação. “E se dissermos que não temos pecado, mentimos”, como diz João. Fazemos com Deus um pacto pedindo-lhe que nos perdoe os nossos pecados como também nós perdoamos ao próximo suas dívidas. Tendo presente, portanto, o que recebemos em troca do que damos, não sejamos negligentes nem deixemos de perdoar uns aos outros. As ofensas que se nos fazem são pequenas, simples, fáceis de reconciliar. As que nós fazemos a Deus são enormes e temos necessidade só de sua benignidade. Cuida, então, por faltas pequenas e simples contra ti não te excludas do perdão, por parte de Deus, dos pecados gravíssimos (CIRILO, 1977, V, 16).

O pecado é entendido como algo inerente à realidade humana e, às vezes, como uma opção feita por parte da pessoa. Cirilo chama a atenção para a prática da vigilância e da oração, para que as decisões dos fiéis estejam baseadas na escuta da Palavra de Deus, luz que ilumina a vida dos batizados. Na súplica do Pai-Nosso, deve-se pedir o livramento contra toda e qualquer tentação do maligno para a superação do pecado e do mal personificado que se opõe ao projeto de Deus. Nesse sentido, Costa (2015, p. 95) sublinha que “a petição do Pai-Nosso se dá no sentido do fortalecimento, a fim de se salvar nos momentos de tentação”

“E não nos induzas em tentação”, Senhor. [...]. Mas entrar em tentação jamais é o mesmo que ser submerso por ela. A tentação, pois, se assemelha a uma torrente difícil de atravessar. Os que, então, não são submersos nas tentações, atravessam, como bons nadadores, sem serem arrastados pela corrente. Os que não são assim, uma vez que entram, são submersos. Assim, por exemplo, Judas, entrando na tentação da avareza, não passou a nado, mas submergindo, afogou-se corporal e espiritualmente. Pedro entrou na tentação de negação, mas, tendo errado, não submergiu; antes, nadando com vigor, se salvou da tentação. [...] “Mas livra-nos do Mal”. Se a expressão “não nos induzas em tentação” significasse não sermos de modo algum tentados, não se diria: “Mas livra-nos do mal”. O mal é o demônio, nosso adversário, do qual pedimos ser libertos (CIRILO, 1977, V, 17-18).

Observamos que Cirilo apresenta Judas e Pedro como duas figuras que representam tanto aquele que é submergido à tentação, como aquele que consegue vencer a tentação. Pedro passa pela tentação, mas vivenciando um processo de luta interior para poder vencê-la. Cirilo mostra que a presença do mal e da tentação existem na caminhada do cristão, mas que precisam ser vencidos pela capacidade de discernimento e opção pelo Cristo que orienta o rumo da vida do cristão. O amadurecimento na fé exige direcionamento e tomada de consciência no combate às situações que provocam as tentações para que assim se caminhe rumo à Salvação.

A catequese sobre a Celebração Eucarística chega agora ao seu ponto alto: a comunhão eucarística. Com riqueza de detalhes, Cirilo ensina sobre como deve ser a participação do Cristão no Mistério divino ao alimentar-se do Corpo e do Sangue de Cristo. De forma pedagógica, apresenta o valor e a dignidade desse momento singular, com descrição mistagógica quanto à dignidade dos gestos, dos sentidos, da atitude interior, da reverência ao momento sagrado e da integração entre o corpo e a alma. Vejamos a beleza dessa orientação:

Ao te aproximares da comunhão, não vás com as palmas das mãos estendidas, nem com os dedos separados; mas fazes com a mão esquerda um trono para a direita, como quem deve receber um Rei no côncavo da palma espalmada, recebe o corpo de Cristo, dizendo: “Amém”. Com segurança, então, santificando teus olhos pelo contato do corpo sagrado, toma-o e cuida de nada se perder. Pois se algo perderes é como se tivesses perdido um dos próprios membros. Dize-me: se alguém te oferece Lâminas de ouro, não as guardarias com toda segurança, cuidando que nada dela se perdesse e fosses prejudicado? Não cuidarás, pois, com muito mais segurança de um objeto mais precioso que ouro e pedras preciosas, para dele não perderes uma migalha sequer?

Depois de teres comungado o corpo de Cristo, aproxima-te também do cálice do seu sangue. Não estendas as mãos, mas inclina-te e, num gesto de adoração e respeito, diz “amém”. Santifica-te tomando também o sangue de Cristo. E enquanto teus lábios ainda estão úmidos, roça-os de leve com tuas mãos e santifica teus olhos, tua fronte e teus outros sentidos. Depois, ao esperares as orações finais, rende graças a Deus que te julgou digno de tamanhos mistérios (CIRILO, 1977, V, 21-22).

Cirilo orienta que o momento pós-comunhão seja marcado pela intimidade na presença do Senhor, convida o cristão a um louvor de agradecimento pessoal pela participação em sua santidade por meio do Mistério celebrado.

Conservai inviolavelmente essas tradições e vós mesmos guardai-vos sem ofensa. Não vos separeis da comunhão nem pela mancha dos pecados vos priveis desses santos e espirituais mistérios. “O Deus da paz santifique-vos completamente. Conserve-se inteiro o vosso espírito, e a vossa alma e o vosso corpo sem mancha, para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo”, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém (CIRILO, 1977, V, 23).

Ao concluir a catequese, Cirilo recorda que os Cristãos são responsáveis pela transmissão dos ensinamentos da Tradição que receberam. Agora como participante dessa história, devem manter vivo o legado mistagógico vivenciado para que as comunidades eclesiais possam também ser conduzidas neste caminho pedagógico e espiritual de iniciação cristã.

Ao analisarmos as catequese mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, identificamos uma preciosa contribuição de um dos Padres da Igreja que, com seu método catequético, marca os ensinamentos da fé cristã em seu tempo, embasado nas Sagradas Escrituras, fiel à dogmática e à Tradição, consegue unir a liturgia, a catequese e a Palavra de Deus. A vivência litúrgica tem como centro o Mistério da Páscoa de Cristo e toda a caminhada proposta por ele tem a perspectiva da perseverança, engajamento e missionariedade dos iniciados. Cirilo entende a iniciação à vida Cristã como uma caminhada feita por toda a comunidade eclesial. “Ele orienta a iniciação cristã como um caminho pelo qual catequista, neófitos, comunidade, Igreja, Povo de Deus, todos caminham juntos” (COSTA, 2015, p. 100).

3.3 O DECLÍNIO DO CATECUMENATO

É no século II que nasce o catecumenato chegando a difundir-se por toda a Igreja até alcançar o seu ponto alto de instituição no século III. Durante a segunda metade do século IV sua estrutura é submetida a mudanças profundas e, apesar de

se encontrar em declínio, permanece com vitalidade até o século V, porém, em estado de decadência chega ao seu fim entre os séculos VII e VIII.

O fim do catecumenato é interpretado como consequência do reconhecimento do Cristianismo como religião oficial do império pois, diante do contexto do martírio e das perseguições cristãs, os que permaneciam firmes em sua caminhada eram os que vivenciavam a experiência mistagógica da fé. No entanto, com a novidade da cristandade, os indivíduos que buscavam a fé eram “motivados pelos interesses fornecidos pelo casamento igreja-estado, uma multidão aspira o Batismo, contudo, os motivos dessa opção com frequência são alheios a um desejo de conversão à fé cristã” (REINERT, 2015, p. 53). Nesse sentido, o Documento 97 da CNBB sobre iniciação à vida cristã, também faz referência ao declínio do catecumenato, conforme a citação a seguir:

Quando o cristianismo começou a ser religião aceita e, posteriormente, tornada religião oficial do Império (Constantino e Teodósio), o catecumenato foi reduzido à Quaresma até desaparecer e ser substituído pelo Batismo de massa. Ser cristão começa a ser situação comum e abre-se a possibilidade do batismo ministrado preponderantemente às crianças. No século VI desaparece o catecumenato propriamente dito; catequese e liturgia se distanciam e a catequese vai se dirigindo às crianças. Era natural também que, numa sociedade nominalmente cristã, a ‘iniciação’ fosse feita por imersão no próprio ambiente cultural. Iniciava-se o longo período do catecumenato social no contexto da cristandade (CNBB, 2009, p. 23).

Com o desaparecimento do catecumenato, a Igreja regrediu quanto à organização do processo da iniciação e, conseqüentemente, quanto à qualidade dos candidatos que aspiravam à fé cristã. Infelizmente, as motivações para o Batismo não eram mais a conversão e a fé em Jesus Cristo. “O que prevalecia, eram os interesses políticos, pois a pessoa que se declarava cristã possuía agora alguns privilégios e isso era mais forte do que o real o desejo de conversão” (QUEZINE, 2013, p. 24).

A adaptação a essa nova realidade social e cultural, desembocou em uma preparação reduzida, próxima aos sacramentos sem a caminhada mistagógica de outrora, que tinha como objetivo apenas a celebração do Batismo. Reinert (2015, p. 53) atesta que a caminhada catecumenal que antes acontecia em três anos agora encontra-se reduzida ao tempo da Quaresma. Esse tempo reduzido de preparação favoreceu os questionamentos sobre a fé por parte de alguns que eram batizados.

“Naturalmente, nesse contexto, o aumento das heresias era inevitável, bem como o seu combate” (PARO, 2018, p. 37).

A defesa da fé, que antes acontecia a partir dos ritos vivenciados e explicados nas catequeses mistagógicas, passava a ser efetivada a partir de conceitos intelectuais, filosóficos e teológicos que foram criados. O processo de iniciação cristã foi racionalizado, formatado e praticamente sintetizado em sumas teológicas da fé, com explicações sistemáticas, distantes da liturgia e sem nenhuma referência ao Mistério celebrado, inclusive com o uso de termos como: transubstanciação, substância, matéria, entre outros.

Há uma grande diferença no processo de iniciação à vida cristã entre o primeiro e o segundo milênio com radical mudança metodológica. No primeiro, as catequeses mistagógicas, com capacidade de diálogo entre o mistagogo e o discípulo, tinham como centro a vivência do culto litúrgico. Rezavam, primeiramente, para crer, como crer e no que crer. No segundo milênio identificamos a sistematização da fé, a relação entre o mestre e o discípulo mais voltada à relação professor e aluno, pois primeiro os indivíduos estudavam, para somente depois rezarem e, conseqüentemente, rezavam como estudavam.

Na Idade Média, o Batismo das crianças se torna uma prática constante assumida pela cristandade. A iniciação cristã já não é mais um processo comunitário, pois em um contexto em que todos eram considerados cristãos, entendia-se que a adesão e o seguimento a Jesus eram despertados na própria família, com a responsabilidade dos pais. Adquire um caráter de cunho individual-familiar, cuja formação estava separada do ano litúrgico, voltada para a dimensão doutrinal. “Portanto, com a chegada da cristandade, desaparece o complexo processo catecumenal, agora reduzido à etapa de ensino instrução, via de regra dirigido a crianças” (REINERT, 2015, p. 54). Nesse sentido, Xavier Basurko, sintetiza o desenvolvimento desse processo:

A partir do século VI, generaliza-se o *batismo de crianças*. A pastoral da Igreja e o direito civil (com suas penalidades e sanções) se unem para consolidar essa prática e dota-la de um caráter de obrigação cada vez mais estrita. Logicamente, desaparecem pouco a pouco, com essa mudança, os catecúmenos adultos, e a instituição catecumenal se converte em um amálgama de ritos fossilizados que constituíram, durante séculos, uma parte do rito batismal na liturgia romana. A iniciação cristã, que em épocas anteriores fora objeto de celebração solene e comprometida de toda comunidade, em datas relevantes do ano litúrgico (em Roma, sobretudo, na Páscoa e em

Pentecostes), passará paulatinamente a ser um assunto individual ou familiar. A fragilidade dos recém-nascidos, a mortalidade infantil, leva a equipará-los aos enfermos e conceder-lhes o sacramento em qualquer dia do ano e quanto antes (BASURKO, 1990, p. 90-91).

O processo catecumenal nos séculos VII e VIII desapareceu completamente em toda a Igreja, a iniciação cristã ficou comprometida, pois o catecumenato, tempo favorável constitutivo de uma caminhada própria ao Batismo, foi substituído pela doutrinação e sacramentalização. A relação entre catequese e liturgia não tem mais relevância no processo de iniciação cristã. As celebrações do tempo quaresmal são reduzidas em uma única celebração e os escrutínios praticamente passaram a não existir. Caspani comenta sobre a redução das celebrações que eram previstas para o tempo quaresmal:

Um exame atento aos livros litúrgicos revela a tendência a reunir em uma única celebração tais ritos (a inscrição do nome, as orações de exorcismos, as diversas *traditiones* etc.), que precedentemente eram distribuídas durante o tempo do catecumenato e da preparação quaresmal, constituindo um verdadeiro e próprio itinerário ao Batismo (CASPANI, 2013, p. 166).

Nesse período, já existia de forma organizada um ritual de iniciação próprio para as crianças, a catequese infantil é assumida pela cristandade com prioridade na doutrinação. Esse modelo eclesial difundido, “foi campo fértil para devocionismos variados que, na verdade, não formavam discípulos missionários de Jesus Cristo, mas apesar disso mantiveram a fé do povo” (CNBB, 2009, p. 24). A esse respeito, Quezini considera que:

Muitos são os pontos de retrocesso que encontramos no período do século X ao Vaticano II. A partir do século XII, quando o batismo de crianças torna-se quase a única prática batismal, o catecumenato deixa de ter sua eficácia e restam apenas alguns ritos dispersos. Outro ponto se ressalta: O Batismo agora se encontra desvinculado da solenidade da Páscoa (QUEZINE, 2013, p. 26-27).

No período medieval, a Igreja estava no centro da sociedade. Esse contexto social e religioso contribuiu com a consciência de que naturalmente as pessoas poderiam se inserir no caminho de educação na fé. A formação cristã foi confiada aos ensinamentos providos apenas do contexto familiar e mediante a consciência de que todos eram cristãos, acreditava-se na transmissão da fé por meio das ilustrações artísticas de cunho religioso como as estampadas nos templos sagrados. A visão sobre a Eucaristia como mistério celebrado é substituída pela devoção aos

Santos e ao Santíssimo Sacramento, sem passar por um caminho pedagógico específico e, acima de tudo, mistagógico. O Documento da Conferência episcopal Latino Americana sublinha alguns pontos sobre esse contexto histórico eclesial:

A cidade cresce ao redor de um mosteiro, catedral ou paróquia; as artes plásticas literárias e principalmente musicais servem ao culto; a legislação inspira-se na moral cristã; os trabalhadores pertencem a grêmios dotados de santos patronos; nos hospitais e escolas para os pobres – inexistentes nas culturas não cristãs – atende-se por caridade. O povo contempla pinturas, vitrais e esculturas religiosas nos templos, participa dos sacramentos, procissões, peregrinações e múltiplas devoções [...] (CELAM, 2007, p. 62).

No modelo de evangelização da Idade Média já não mais se priorizava o embasamento nas Sagradas Escrituras, além do grande descaso com a liturgia, que se transformava em uma cerimônia formal e sem a participação ativa da assembleia dos fiéis. Isso implicou em uma negligência religiosa e teológica na Igreja, tanto por parte dos ministros como dos fiéis. Nessa época, era no contexto religioso familiar em que se recebiam as lições cristãs, com prioridade para as instruções doutrinárias e moralizantes da fé, pois o caminho de preparação à iniciação cristã não fazia mais sentido.

Nesse longo período medieval não havia estruturas nem instituições de catequese, quer de crianças quer de adultos. A fé era transmitida do seio familiar nas atividades do dia a dia. Pais e padrinhos assumiam no momento do Batismo o compromisso de educação da fé. Era uma catequese viva, feita de imitação e testemunho: sem esforço aprendia-se com os adultos a pensar, a julgar, a rezar, a crer e obedecer as mesmas leis e autoridades (LIMA, 2016, p. 33).

No contexto da cristandade, mediante ao que chamamos de catecumenato social, na celebração dos sacramentos da iniciação, “perdeu-se o caráter unitário dos três sacramentos, a ponto de cada sacramento ser administrado separadamente” (QUEZINE, 2013, p. 27). É esquecido o aspecto da unidade, algo tão precioso no processo iniciático dos primeiros séculos. Nesse contexto, os sacramentos já eram celebrados separadamente, uma prática bem distante da Tradição primitiva, onde o comum em toda a Igreja era, na própria celebração do Batismo, também realizar a Confirmação e a Eucaristia na mesma celebração litúrgica.

No segundo milênio, entre as principais mudanças está a dissociação da Eucaristia em relação ao batismo e a confirmação, proveniente do

batismo de crianças, e a separação de batismo e confirmação. Posteriormente, tal separação será ainda mais grave: passagem da crisma para depois da primeira eucaristia. Portanto, perde-se no segundo milênio a unidade dos sacramentos da iniciação cristã, tão central para a Igreja dos primeiros séculos (REINERT, 2015, p. 55).

A consequência desse contexto eclesial e social desembocou em um grande distanciamento entre a catequese e a liturgia em toda Igreja e por onde ela se difundia. No período da colonização em nosso país, apesar das boas intensões e esforços por parte dos missionários, ao enculturar a liturgia promoveu-se mais uma verdadeira “sacramentalização”, do que um frutuoso processo de iniciação à vida cristã, dos que abraçavam a fé. Outras consequências desse deslocamento de eixo eclesial como, por exemplo, a perda do caráter comunitário da Eucaristia, são apresentadas por Thiago Paro:

A centralidade do Mistério Pascal sede lugar à devoção ao Santíssimo Sacramento, onde a maior festa deixa de ser a Páscoa, assumindo seu lugar a festa de Corpus Christi. A principal fonte de espiritualidade já não é o mistério celebrado, a liturgia, mas a devoção ao Santíssimo. Ainda, os sacramentos não são mais reconhecidos como a celebração da vida em Cristo, e sim como remédios; a Palavra de Deus é tirada da mão do povo, perdendo sua centralidade, restando-lhe a história da vida dos santos. A Eucaristia perde seu caráter comunitário e o individualismo religioso se instala definitivamente. A simplicidade da liturgia romana transforma-se numa complexidade cerimonial, recheada de alegorias e ritos exteriores (PARO, 2018, p. 39).

Diante desse contexto histórico e eclesial já era identificável a urgência do resgate do catecumenato na vida da Igreja, porém, essa conquista ainda demoraria a acontecer. No entanto, se efetivaram algumas iniciativas plausíveis, particulares e eclesiais, na intenção de aplicá-las ao catecumenato. “Assim, os Concílios do México, Lima e Quito prescrevem uma preparação prolongada de fé antes que admitisse o batismo aos novos povos que ingressam na Igreja” (LIMA, 2010, p.11).

Após a Reforma Protestante, a Igreja realizou o Concílio de Trento entre os anos 1543 a 1563 na tentativa de combater a difusão do protestantismo. Para o âmbito catequético, o Concílio de Trento ofereceu o Catecismo Romano, manual reservado somente aos Padres, popularmente conhecido como Catecismo de Trento, publicado pelo Papa Pio V em 1556. A partir desse catecismo outros trabalhos foram elaborados de forma simplificada, sem relação entre fé e vida, cujo método era trabalhado mediante perguntas e respostas a conceitos doutrinários sem a

instrução a partir da reflexão bíblica, afinal, o povo não tinha acesso à Palavra de Deus. “A partir da Reforma e Contrarreforma, nasceu a ‘era dos catecismos’ perdurando até as portas do Vaticano II [...]. Em termos catequéticos, podemos concluir que com isso a Igreja voltava a ter uma estrutura educativa estável e definitiva” (LIMA, 2010, p. 40).

É nesse contexto eclesial em que o Concílio Vaticano II é sonhado por diversas forças vivas, dentre elas, os movimentos bíblico e litúrgico que priorizavam a reflexão sobre a necessidade de olhar para contextos como a Patrística e nela buscar o reestabelecimento da fé, a renovação litúrgica, a centralidade da Palavra e do Mistério Pascal de Cristo.

É com a convocação do Papa São João XXIII que o Concílio Vaticano II acontece. Considerado um dos maiores eventos eclesiais do século XX, foi de grande relevância para a eclesiologia, sensível aos novos desafios da época, sugeriu um retorno às bases da fé e a conduta da Igreja presente no Cristianismo primitivo. O Concílio não tratou claramente sobre a iniciação cristã e a catequese, porém, determinou a restauração do catecumenato dividido em várias etapas.

4. A MISTAGOGIA NA INICIAÇÃO CRISTÃ A PARTIR DO VATICANO II E O CONTEXTO ATUAL

Compreender o conceito de mistagogia, apresentado no segundo capítulo desta dissertação nas catequeses de Cirilo de Jerusalém, articulando-a ao contexto pós-concílio Vaticano II, requer um exercício constante de reflexão sobre o que permanece da Tradição da Igreja que nos ajuda a conduzir o trabalho evangelizador nas comunidades. Esse exercício também colabora com as discussões temáticas que nos auxiliam na compreensão de dimensões como Mistério e simbologia, que intercalam a comunicação desenvolvida com os fiéis na perspectiva de facilitar o encontro com o transcendental e consigo mesmos, encontros necessários que realçam a mistagogia como caminho metodológico e teológico necessários aos cristãos em diferentes períodos históricos.

Nesse sentido, não basta saber da existência das catequeses batismais de Cirilo de Jerusalém. Nosso intuito ao discutirmos a mistagogia de Cirilo de Jerusalém como referencial no processo de iniciação à vida cristã pós-concílio Vaticano II, é apresentá-la a partir de eixos teológicos e mistagógicos das catequeses e atrelando-os ao contexto pós-Vaticano II, principalmente com foco na restauração do catecumenato e em discussões sobre contextos atuais atravessados por novas subjetividades e a liquefação nas relações humanas.

É bem verdade que, em determinados momentos da História da Igreja, o aspecto da iniciação à vida cristã marcou sua necessária presença, com conceitos teológicos e metodológicos em comunhão com o Magistério da Igreja. Porém, essa atuação se desenvolveu com um olhar voltado ao aspecto informativo, apenas com o objetivo de transmitir o conhecimento das verdades da fé e as orientações sobre a moral e a religião, no intuito de gerar bons cristãos, classificando-os como aqueles que conhecem e vivem a sua fé segundo os ensinamentos da doutrina. Na verdade, é uma longa caminhada apologética da fé, cujo método é caracterizado pela busca da conversão, alcançada pelo entendimento dos preceitos religiosos transmitidos de forma racional.

4.1 A RESTAURAÇÃO DO CATECUMENATO

4.1.1 O despertar do catecumenato

No século XX, em muitos países foram desenvolvidas várias experiências ligadas à metodologia de iniciação com revisão dos modelos tradicionais em busca do resgate e restauração do catecumenato, até então deixado para trás. De modo que: “A restauração do Catecumenato foi amadurecendo lentamente na Igreja, tanto em terras de missão quanto em países da velha cristandade. Sua necessidade foi impondo-se no contexto de secularização progressiva do mundo contemporâneo” (QUEZINE, 2013, p. 27). O tema sobre o catecumenato abordado nos debates eclesiais, gerava uma nova tendência oriunda dos movimentos de renovação para a superação dos métodos de formação meramente doutrinários. Nessa perspectiva, se almejava uma visão pastoral mais ampla.

A iniciação é feita não somente pelo batismo, como também pelo catecumenato, daquele o qual o ser humano adulto é preparado para levar o estilo de vida cristã durante toda a sua vida (...). A iniciação parece algo mais amplo do que só a recepção do batismo, também depois da confirmação. Tal amplitude da noção de “iniciação cristã” deve ser da máxima importância. Sobretudo em nossos tempos, quando até os seres humanos batizados não estão suficientemente iniciados em toda a verdade da vida cristã” (LELO, 2005, p. 32).

Nos anos 50, uma experiência marcante aconteceu em Lião na França, a efetivação de um movimento que se difundiu por toda a Europa. Em alguns lugares, a experiência acontecia com os convertidos que ainda não eram batizados, em outros, com experiências mais ousadas de cunho ecumênico, em outros ainda, com pessoas que receberam o sacramento do Batismo mas que não foram devidamente iniciadas na caminhada eclesial. Alberich e Binz enfatizam o surgimento desse movimento na Europa:

Na Europa, a restauração do catecumenato nasceu na França, nos anos 50, especialmente em Lião (a partir de 1953) e em Paris, onde se institucionalizou o catecumenato para adultos que se interessam pelo cristianismo e solicitam o batismo. A experiência francesa deu origem a um verdadeiro movimento de reflexão e práxis que se estendeu também a outros países. É uma forma de caminho catecumenal que, assumindo no sentido amplo a lição do catecumenato antigo, reproduz sua estrutura em forma moderna, com grande sensibilidade para cada uma das pessoas interessadas, para suas exigências e seu ritmo de crescimento na fé (ALBERICH; BINZ, 2001, p. 28).

As experiências vivenciadas nestes países ainda não significavam mudanças na doutrina, pois elas aconteceram de forma pontual. A virada teológica e eclesiológica quanto à forma de catequizar e a nova perspectiva para a mudança de mentalidade somente foi possível a partir do Concílio Vaticano II, com a publicação da *Sacrosanctum Concilium*, a primeira instituição dogmática aprovada pelo Concílio que proporcionou uma reflexão lúcida sobre a prática eclesial, influenciando diretamente no conceito catequético, sobretudo no catecumenato para os adultos.

Restaure-se o catecumenato dos adultos, com vários graus, introduzindo-se seu uso segundo o parecer do Ordinário do lugar, de modo que o tempo do catecumenato, dedicado à conveniente instrução, possa ser santificado por meio de ritos sagrados que se não de celebrar em ocasiões sucessivas (SC, 1997, n. 64).

A proposta da *Sacrosanctum Concilium* é, de fato, uma grande novidade que acontecera nos últimos dez séculos, sobretudo no âmbito catequético da Igreja, afinal, trata-se do resgate de um tempo de ouro para a caminhada catecumenal, cujo método era marcado por etapas e ritos, tendo como ponto alto os sacramentos. “A Igreja dá-se conta do fim da cristandade, o que faz repensar, entre muitas questões, os caminhos de iniciação à fé cristã” (REINERT, 2015, p. 56). O Decreto *Ad Gentes* reforça o que foi mencionado na *Sacrosanctum Concilium*, e a respeito do catecumenato, intui que no método catequético resgate-se a importante relação entre catequese, liturgia e a dimensão do discipulado.

Aqueles que receberam de Deus por meio da Igreja a fé em Cristo sejam admitidos ao catecumenato, mediante a celebração de cerimônias litúrgicas. O catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação de toda a vida cristã e uma aprendizagem efetuada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo seu mestre. Por conseguinte, sejam os catecúmenos convenientemente indicados, iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos e com ritos sagrados, a celebrar em tempos sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia da caridade do povo de Deus (AG, n. 14).

No decreto *Ad Gentes* encontramos de modo claro que o catecumenato é um processo comunitário do qual toda a comunidade é participante e se torna responsável pelo amadurecimento da caminhada de fé dos catecúmenos. A Igreja está frente à uma nova forma de fazer pastoral e, conseqüentemente, de um novo jeito de trabalhar a iniciação cristã, pois o Concílio vem reforçar a formação e a

identidade da comunidade cristã, inspirado nos Padres da Igreja, consciente da necessidade de uma adaptação da iniciação cristã ao contexto atual.

Desse modo, percebemos que o Concílio Vaticano II por meio da *Sacrosanctum Concilium* e *Ad Gentes*, documentos fundamentais, eixos condutores da reflexão sobre a renovação catequética conciliar, abraçam as ideias dos movimentos de renovação com abertura à cultura e às realidades dos povos, como também traçam um caminho mistagógico e metodológico no processo de iniciação de transmissão da fé cristã.

O resgate dessa caminhada, longe de tendências às saudades de uma antiga instituição, significa que devemos ter um olhar maduro em direção à história. Com lucidez eclesial e missionária, reconhecer a mistagogia presente na experiência primitiva e sua sabedoria quanto ao método de iniciar os que se propõem a abraçar à fé. Nesse sentido, Cavallotto ao refletir sobre a dinâmica catecumenal presente no Magistério da Igreja enfatiza:

A Igreja propõe de forma autorizada para aqueles que desejam aderir ao projeto cristão, sobretudo aos adultos, mas também os jovens, o retorno à Iniciação Cristã segundo o catecumenato antigo: uma escolha dotada de sabedoria de retomar o tesouro da rica e original experiência dos primeiros séculos, justificada a exigência de propor para nosso tempo um rigoroso e eficaz processo de Iniciação Cristã (CAVALLOTTO, 1996, p. 10).

Nessa dinâmica de produzir obras com normas que correspondessem às orientações do Concílio no âmbito da renovação catequética e seu funcionamento, foram elaborados muitos documentos que abordaram o tema da iniciação cristã, dentre eles, o *Catecismo da Igreja Católica*, destacando por diversas vezes pontos fundamentais que desde o período apostólico integram a metodologia de uma caminhada catequética. “[...] Anúncio da Palavra, o acolhimento do Evangelho acarretando uma conversão, a profissão de fé, o Batismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso a Comunhão Eucarística” (CIC, 1997, n. 1229). Foi a primeira edição dessa obra, publicada em 1992.

Atualizando o *Diretório Catequético Geral* de 1971, em 1997 foi publicado o *Diretório Geral de Catequese*. Esse documento coloca a catequese a serviço da iniciação cristã e as orientações sobre o método catecumenal entram em vigor nas diversas formas de fazer catequese, sobretudo quanto ao seu método. A *II semana Brasileira de Catequese* de 2001 teve como tema: *Com adultos, catequese adulta:*

rumo a maturidade em Cristo. Esse evento impulsionou no Brasil a iniciação cristã e a catequese renovada, embora o trabalho catequético tenha sido profundamente explorado nacionalmente desde 1983 através da Primeira Semana Brasileira de Catequese, a partir da qual se institui o documento *Catequese Renovada, Orientações e Conteúdos*, conforme consta em documento da CNBB (1983, n. 26).

4.1.2 A restauração do catecumenato: o Vaticano II

Atendendo às determinações do Concílio Vaticano II para que se restaurasse o catecumenato, a Congregação para o Culto Divino, situando-se dentro da reforma litúrgica proposta pelo Concílio, elaborou o RICA. Publicado em 6 de janeiro de 1972, este ritual, com uma síntese autorizada, contém as orientações litúrgico-pastorais oferecidas pelas conferências episcopais de acordo com as diretrizes de evangelização nos diversos países. É um livro litúrgico, catequético e teológico, que sugere uma metodologia mistagógica em sua estrutura, no processo de iniciação à vida cristã, abrangendo toda a caminhada, desde o primeiro contato do iniciante com a Igreja, até a sua inserção plena por meio dos sacramentos da iniciação.

O RICA não é um livro em que estão contidos os conteúdos da catequese, pois conforme é chamado, é um Ritual no qual encontramos elementos teológicos que recuperam elementos da Tradição e celebrações litúrgicas que marcam as etapas do processo metodológico e mistagógico do itinerário da iniciação cristã. A esse respeito, Boróbio reconhece que: “O Ritual não se limita à iniciação sacramental, mas oferece um caminho progressivo de iniciação catecumenal, recolhendo a essência do catecumenato antigo e procurando aplicá-lo em nossos dias” (BORÓBIO, 2002, p. 79). Não é uma determinação que deve ser aplicada rigorosamente. O RICA é constituído de orientações que abrem espaços para diversas adaptações levando em conta a realidade. Nesse sentido, Reinert enfatiza: “O livro litúrgico abre possibilidades a adaptações e elaboração de itinerários diversos segundo as necessidades e as circunstâncias, conservando o essencial e garantindo a qualidade do processo” (REINERT, 2015, p. 59).

Dentre as diversas formas de se percorrer o itinerário catecumenal, o RICA é destinado inicialmente aos adultos já batizados e que, depois de um determinado tempo de afastamento, desejaram retomar o processo de iniciação, no sentido de completar o que não foi assimilado para a sua inserção na fé, mesmo entendendo que nos primeiros séculos o catecumenato fosse destinado aos adultos não

batizados e que desejavam abraçar o cristianismo. Porém, diante do contexto da secularização, se faz oportuno, “[...] enquadrar na metodologia catecumenal não somente os não batizados, quando na realidade se vive em meio a uma multidão de ‘batizados não iniciados’, expressão já bastante comum nas abordagens do assunto” (REINERT, 2015, p. 60).

Em determinados lugares, costuma-se chamar a catequese de iniciação de jovens e adultos de “catequese com adultos”, em outros lugares chamam-na de “catecumenato”, mesmo que, na prática, seja apenas uma breve preparação intensiva e de forma simplificada. No entanto, nem toda catequese com adultos é catecumenato, pois catecumenato é uma forma pela qual se faz iniciação com mistagogia, métodos e dinâmicas próprias, no sentido de caminhada. “Daí a importância de conhecer profundamente sua metodologia e seus pressupostos, a partir dos quais outras realidades serão iluminadas” (REINERT, 2015, p. 58). Portanto, o catecumenato é um amplo projeto com bases teológicas, litúrgicas e pastorais que caracterizam a natureza eclesial, de uma Igreja a caminho,

[...] capaz de romper com o sedentarismo crônico de nossas comunidades e impregná-las de uma nova evangelização, com o redescobrimto de um autêntico espírito catecumenal e de um modelo de Igreja capaz de responder às expectativas do mundo contemporâneo (ROCHETA, 1994, p. 9).

Dois possibilidades para se desenvolver o processo catecumenal em seu percurso são oferecidas pelo RICA: *O catecumenato pré-batizmal*, voltado aos adultos que não são batizados, e *o pós-batizmal*, abrangendo as demais realidades, jovens, crianças e, em geral, os que ainda não conseguiram alcançar a maturidade espiritual cristã e eclesial da fé. Dessa forma, identificamos que o ritual quer oportunizar tanto aos batizados, que desejam refazer o caminho de conhecimento a Jesus e seu Mistério, como os que ainda não são batizados, no acolhimento ao processo de iniciação à vida cristã.

Como todo processo de iniciação exige tempo, método e perseverança, assim também o catecumenato dispõe de tempo para possibilitar e alcançar a interação entre os vários elementos que compõem o processo de iniciação à vida cristã. De maneira que, “todos os elementos da pedagogia catecumenal visam a aquisição da plena maturidade cristã, que não pode ser conquistada a não ser através de um

gradual itinerário formativo” (REINERT, 2015, p. 62). É um processo com metodologia própria que acontece “gradualmente” (RICA, 4).

O Rito de iniciação se adapta ao itinerário espiritual dos adultos, que varia segundo a multiforme graça de Deus, a livre cooperação dos mesmos, a ação da Igreja e as circunstâncias de tempo e lugar. Nesse itinerário, além do tempo de informação e amadurecimento, há etapas ou passos, pelos quais o catecúmeno, ao caminhar, como que atravessa uma porta ou abre um degrau.

Essas etapas são compreendidas em quatro tempos sucessivos: o pré-catecumenato, caracterizado pela primeira evangelização; o catecumenato, destinado à catequese completa; o tempo da purificação e iluminação, destinado à mais intensa preparação espiritual; e o da mistagogia, assinalado pela nova experiência dos sacramentos e da comunidade (RICA, 5, 7).

O espaço de tempo oferecido pelo catecumenato conduz o catecúmeno à maturidade cristã por meio de uma constante dinâmica de aprofundamento, de resposta, de conscientização do Mistério cristão celebrado gradualmente dentro das etapas. As celebrações litúrgicas catecumenais são ricas em significados, expressando a progressividade do processo, não somente nos seus aspectos litúrgicos e pastorais como também em seus elementos teológicos e antropológicos, marcando assim o nível de maturidade e a evolução da passagem de uma etapa para outra. Boróbio expressa a riqueza desses significativos elementos teológicos, litúrgicos e pastorais presentes no RICA, vejamos:

Esse Ritual, é um dos documentos de maior transcendência do Vaticano II, não apenas porque renova o catecumenato no processo de Iniciação Cristã de Adultos, mas também porque integra, harmoniza e expressa de modo exemplar os diversos níveis e perspectivas: o nível antropológico, o teológico, o sacramental-ritual e o pastoral; o que se apresenta como o principal referente da Iniciação Cristã e como o modelo de toda catequese integral, que implica a participação e renovação da mesma comunidade cristã (BORÓBIO, 2002, p. 81).

A dinâmica catecumenal contempla o aspecto antropológico da realidade dos catecúmenos, em que é destacada a valorização da pessoa em sua individualidade, pois, como o ser humano é um ser progressivo e marcado por diversos estágios em sua vida, nessa conformidade o catecumenato se adapta a esse processo antropológico na intenção de abranger todas as dimensões da vida. Nesse sentido, Reinert assenta:

Por tratar-se de uma iniciação global à vida cristã, o objetivo a que se propõe a gradualidade catecumenal aponta para o desejo de atingir todas as dimensões da vida cristã: a adesão pessoal ao Deus de Jesus Cristo, a compreensão e acolhida do plano de salvação, a descoberta dos mistérios centrais da fé e das verdades fundamentais do cristianismo, a aquisição de uma verdadeira mentalidade cristã, o desenvolvimento da capacidade orante, a iniciação na vida da comunidade eclesial e em particular a sua experiência litúrgica, a abertura à vida apostólica e missionária, e não menos importante, a formação para a vida caritativa e a animação da ordem social (REINERT, 2015, p. 64).

A caminhada catecumenal se expõe como um percurso rumo ao Mistério Pascal, em uma imersão sacramental-ontológica e existencial, que abrange a dimensão pessoal e comunitária na vida do cristão. A dinâmica permite compreender os sacramentos não como algo meramente pessoal, como consequência do individualismo religioso, mas como sacramentos da Igreja, inseridos na vivência eclesial, como um caminho pastoral comunitário de vivência da fé, com todas as implicações que a vida comunitária impele, uma caminhada de iniciação vinculada a um único processo evangelizador. As dimensões comunitária e pessoal são formas inseparáveis e fundamentais para que a iniciação cristã alcance seu objetivo.

A comunidade é referencial, o espaço onde o catecumenato se fortalece e se torna estímulo para que a própria comunidade se torne viva e missionária, pois assim como o catecumenato é uma proposta eclesial, a Igreja também é catecumenal. “Sem comunidades vivas e atrativas, torna-se impossível o crescimento da fé. O investimento no catecumenato e a entrada de novos catecúmenos na comunidade modificam a vida da comunidade e a enriquecem, tornando-a dinâmica e atrativa” (REINERT, 2015, p. 68).

No início da caminhada, os indivíduos são chamados de simpatizantes, são envolvidos pela comunidade que de modo informal os acolhe e onde eles expressam o desejo de ingressarem no processo de iniciação. No segundo momento, depois da intensa preparação, os catecúmenos são eleitos, celebram os sacramentos da iniciação e passam a fazer parte do Povo de Deus. Nas celebrações litúrgicas catecumenais, a comunidade participa ativamente dos ritos através de indagações e respostas, que expressam a responsabilidade da mesma com os que estão se inserindo na caminhada de inserção a fé.

Em termos de experiência comunitária, a mistagogia aponta para a aceitação da originalidade e da pluralidade de cada pessoa presente na estrutura, de cada grupo, com sua história e cultura. Essa

aceitação se traduzirá em um diálogo permanente entre as pessoas, como também entre estas e a estrutura de evangelização, seus conteúdos, instrumentos, metodologia. Um diálogo em que todos estão dispostos a deixar-se enriquecer mutuamente, ao mesmo tempo que se acompanham fraternalmente, sensíveis à experiência de Deus, que imprime novas dimensões e novos rumos ao itinerário da evangelização (COSTA, 2014, p. 227).

A comunidade dos fiéis tem um compromisso muito importante a assumir diante da caminhada catecumenal acolhida por ela, pois somente uma Igreja que constantemente vive a busca pela conversão é capaz de suscitar a conversão de novos membros e mantê-los vivos na fé cristã. “A catequese, conduz à maturação da fé não apenas os catequizandos, mas também a própria comunidade enquanto tal” (DGC, 221).

A iniciação é um itinerário mistagógico rumo ao Mistério de Cristo e da Igreja, convém que a comunidade sinta-se motivada a percorrer com os catecúmenos o mesmo caminho, assumindo sua *maternidade eclesial*, expressão bastante enfatizada pelos Padres da Igreja, com participação ativa, na oração, na solidariedade, vivendo a mesma espiritualidade, testemunhando, dialogando, sendo uma comunidade missionária eclesial, que também é catecúmena.

Na medida em que a comunidade acolhe e colabora com os catecúmenos, nessa medida aparecerá claro a eles o caráter eclesial da iniciação e da confirmação. E nessa medida a iniciação conduzirá a renovação da mesma vida da comunidade e de sua missão no mundo (BORÓBIO, 1997, p. 25).

A parceria entre a comunidade e o catecúmeno ao longo da caminhada, os enriquece mutuamente. A participação da comunidade de fé, na preparação e celebração do Batismo, se torna uma excelente oportunidade para que o reacendimento da chama Batismal na vida da comunidade aconteça. Afinal, muitos membros foram batizados na infância, o que não favoreceu uma conscientização mais profunda sobre o sentido do sacramento que receberam. Nesse sentido, Reinert explica a importância de, não somente os neófitos, mas toda a Igreja renovar o compromisso batismal por meio das formações mistagógicas. Vejamos:

A palavra neófito está associada ao percurso percorrido pelo que foi batizado e iniciado na fé sacramentalmente. Mas há de se ressaltar que para os Padres da Igreja, não apenas os recém-batizados, e sim todos os fiéis são neófitos. Portanto, diante do presente perigo do catecumenato acontecer à margem da vida eclesial, isolado do conjunto das atividades eclesiais, ou entendido como mais uma

pastoral ao lado de tantas outras, estamos chamando a atenção para o alargamento da consciência de que toda a comunidade é catecumenal e catecúmena ao mesmo tempo (REINERT, 2015, p. 70).

Em 1979, a conferência Episcopal Latino-americana de Puebla destaca a relevância das comunidades de base como o espaço favorável em que os missionários vivenciam o anúncio e a dinâmica do amor fraterno, como também o lugar em que o processo catecumenal é fortalecido e desenvolvido com as suas características mistagógicas próprias em comunhão com a realidade de cada comunidade. As comunidades que vivem a comunhão e abraçam a proposta catecumenal como um caminho de introdução nos Mistérios sagrados, colaboram com a Igreja em seu processo evangelizador.

A obra evangelizadora que se realiza na catequese exige a comunhão de todos. Esta comunhão requer ausência de divisões, o encontrar-se numa fé adulta e num amor evangélico. Uma das metas é precisamente a construção da comunidade [...] para que a Igreja edifique a Igreja. Esta é sempre evangelizada e evangelizadora (PUEBLA, n. 799-800).

De acordo com o RICA, os candidatos ao catecumenato são acolhidos pela Igreja por meios dos membros de sua comunidade que os reconhece e lhes chama pelo nome. É algo concreto, “o povo de Deus, representado pela Igreja local, sempre deve entender e manifestar que a iniciação dos adultos é algo de seu e assunto que diz respeito a todos os batizados” (RICA, 41). Por isso, a responsabilidade da comunidade deve ser assumida com convicção, no acompanhamento próximo, testemunhando a evolução de cada pessoa. “Quando possível, compareçam às celebrações dos catecúmenos e tomem parte ativa nas respostas, orações, cantos e aclamações” (RICA, 41).

O Ritual orienta a participação da comunidade nas celebrações catecumenais que são realizadas na Quaresma o rito de eleição, os escrutínios e as entregas, e na Vigília Pascal a renovação das promessas batismais dos que já são batizados e de toda assembleia. O Ritual destaca ainda que a mistagogia pós-batismal é um momento especial para a aproximação dos neófitos daqueles que foram iniciados nos sacramentos, discorrendo que “no tempo da mistagogia participem das missas dos neófitos, procurem cercá-los de afeição e ajudá-los a se sentirem felizes na comunidade cristã” (RICA, 41, 5).

4.2 ETAPAS DO CATECUMENATO NO RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS

O processo da caminhada catecumenal apresentado pelo RICA está dividido em tempos e etapas que marcam o caminho mistagógico em vista da maturidade cristã, conforme a determinação do Vaticano II: “Restaura-se o Catecumenato com adultos, dividido em etapas” (SC, 64). Portanto, as respectivas etapas que marcam esse caminho são: o pré-catecumenato; o catecumenato; iluminação e purificação e a mistagogia. No itinerário mistagógico, essas etapas são marcadas por celebrações litúrgicas específicas que marcam a passagem de uma etapa para outra.

4.2.1 O pré-catecumenato

O pré-catecumenato ou tempo de evangelização é o primeiro tempo do processo. Essa etapa está voltada para o anúncio querigmático. É também uma ocasião de descoberta e dos primeiros contatos com os simpatizantes, em que são motivados ao seguimento de Jesus Cristo e ao empenho na caminhada catecumenal, confirmando o sim, e alimentando o desejo de abraçar a fé cristã. Esse primeiro momento é indispensável, pois norteia a qualidade de todo o processo que se pretende percorrer. É importante ressaltar que para muitos esse é, de fato, o seu primeiro contato com a comunidade dos cristãos.

É o tempo de evangelização em que, com firmeza e confiança, se anuncia o Deus vivo e Jesus Cristo, enviado por ele para a salvação de todos, a fim de que, os não cristãos, cujo coração é aberto pelo Espírito Santo, creiam e se convertam livremente ao Senhor aderindo lealmente àquele que, sendo o caminho, a verdade e a vida, satisfaz e até supera infinitamente a todas as suas expectativas espirituais (RICA, 9).

O querigma é o centro de todo o conteúdo do pré-catecumenato, sua dinâmica restauradora implica no empenho e dedicação, “fundamentalmente é anúncio que parte da iniciativa de Deus que atua em todos os ângulos dessa caminhada relacional e convida à resposta que se traduz em vida nova” (COSTA, 2014, p.194). É um tempo de anunciar Jesus Cristo, de acolhida, de vivência comunitária e busca da conversão. O seu caráter Cristológico o distingue dos demais tempos pois,

[...] o fio condutor do pré-catecumenato, vale ressaltar, é o primeiro anúncio de Jesus Cristo feito a partir do contexto existencial do candidato e não o repasse da doutrina-conteúdo, que será garantido posteriormente, e assimilado numa perspectiva mais existencial (REINERT, 2015 p. 80).

A consciência de que essa primeira fase é de fundamental importância para todo o processo, faz com que a caminhada esteja bem alicerçada no que resultará em um bom êxito metodológico em todo o processo de iniciação. “É fato que não há um autêntico catecumenato sem verdadeira evangelização, do mesmo modo que não há evangelização eficaz sem um catecumenato que a acompanhe” (FLORISTAN, 1995, p. 173). Para esse tempo, portanto, o Ritual propõe uma estação especial de evangelização, não oferece detalhes do que deve ser anunciado, mas enfatiza que durante esse estágio se anuncie o seguimento a Jesus Cristo.

Da evangelização realizada com o auxílio de Deus brotam a fé e a conversão inicial, pelas quais a pessoa se sente chamada do pecado para o mistério do amor de Deus. A essa evangelização é dedicado todo o tempo do pré-catecumenato, para que se amadureça a vontade sincera de seguir o Cristo e seguir o Batismo (RICA, 10).

Consideramos que, inicialmente, o conceito de fé dos simpatizantes transmitida pelo contexto cultural, é permeado por fragilidades e equívocos. Isso implica que o primeiro anúncio se estabeleça não somente em palavras, ou discursos que se esvaziem, mas principalmente em testemunho da experiência de fé do evangelizador que os introduz na caminhada.

Esse tempo avança para a sua entrada no catecumenato onde celebram a adesão a Cristo e são acolhidos na Igreja, “tocados pela graça descobrem pouco a pouco a figura de Cristo e sentem a necessidade de entregar-se a ele” (EN, 44). Na mistagogia de Cirilo de Jerusalém, a linguagem não é simplesmente um veículo comunicador, mas uma mistagogia, onde é transmitida a Palavra de Deus e a sua História de Salvação como a verdade revelada.

Um aspecto significativo para que os simpatizantes perseverem ou não na caminhada é a acolhida da comunidade. Ela é um ponto central neste primeiro momento, pois após superada a prática eclesial de acolhida apenas em momentos pontuais da pastoral, o Ritual ajuda-nos a entendê-la como uma verdadeira e permanente recepção de um fiel, e que deve acontecer informalmente em uma

espontânea partilha de vida com corresponsabilidade e discernimento entre o que os simpatizantes almejam e o que receberão da Igreja por meio do catecumenato.

É importante ressaltar a figura do introdutor que, em nome da comunidade, tem a responsabilidade de acompanhar o simpatizante. Nesse sentido, podemos concordar com a reflexão de Reinert ao argumentar que “transparece aqui a dimensão mistagógica da evangelização. O mistagogo inspirado na mistagogia divina, conduz o iniciante ao Mistério, respeitando ao máximo sua particularidade, seu ritmo e tempo” (REINERT, 2015, p. 84).

Esse desenvolvimento pastoral acolhedor com atitude de escuta e diálogo proporcionará, em cada pessoa, a capacidade de revisar a sua própria história e relacioná-la com o Mistério de Deus presente em sua realidade humana. “Urge um tempo para falar das próprias alegrias e tristezas, das mortes e ressurreições, sem aquele ‘imperialismo eclesiástico’ que sugere que conversão é religiosa apenas quando parece religiosa” (REINERT, 2015, p. 81).

Os questionamentos que vão surgindo nesse primeiro contato ajudam a estreitar os laços com a comunidade de fé. São momentos favoráveis para a valorização da história de cada pessoa respeitando sua cultura e o histórico familiar, em busca de intensificar a experiência de fé na qual estão sendo introduzidos.

Acolher quer dizer antes de tudo, reconhecer o caminho já percorrido pela pessoa, captar seus problemas de fundo, as questões últimas que podem se esconder atrás de perguntas aparentemente banais. Assim, por exemplo, atrás de expressões como: “gostaria de conhecer um pouco melhor o cristianismo” ou “meu filho vai fazer a primeira comunhão, mas eu não fui batizado nem sequer fui à Igreja” afloram às vezes, intenções e momentos decisivos de vida (ALBERICH, 2001, p. 54).

A conclusão do tempo de evangelização se dá “com o ingresso no grau do catecumenato” (RICA, 7), marcado por um rito de passagem, para a nova etapa da caminhada, o rito de admissão. Conforme o ritual sugere, deve ser celebrado de preferência com a participação de toda a comunidade e que a acolhida seja feita ritualmente na própria celebração, conforme preveem os ritos (RICA, 319). Nessa celebração, os simpatizantes são marcados com o sinal da cruz, na frente e nos sentidos e ritualmente são convidados a participar da comunidade com essas palavras, “entrem na Igreja, para participar conosco na mesa da palavra de Deus” (RICA, 18).

Nela eles são assinalados com a cruz do Senhor, pois pela fé já participam do mistério da morte e ressurreição. Depois são convidados a entrar na Igreja e a ouvir a Palavra de Deus junto com a comunidade. Recebem o Livro da Sagrada Escritura como sinal de condição de ouvintes da Palavra. São assim acolhidos no seio da Igreja e reconhecidos como iniciantes no discipulado, catecúmenos (CNBB, 2009, p.42).

Oficialmente nessa celebração, os simpatizantes são admitidos e tornam-se membros da Igreja. Isso acontece mesmo sem ainda terem celebrado os sacramentos da Iniciação, pois “já fazem parte da família de Cristo: são alimentados pela Igreja com a Palavra de Deus e incentivados por atos litúrgicos [...]” (RICA, 18). Agora, fazendo parte de uma nova etapa, o catecumenato, sem perder o vínculo com seus introdutores, serão acompanhados por seus catequistas para uma formação catequética mais integral.

4.2.2 O catecumenato

O Catecumenato é a segunda etapa do processo de iniciação, cuja metodologia mistagógica está centrada na catequese e na participação na vida litúrgica da Igreja. “É uma catequese que encontra na liturgia sua mais plena expressão, seu incessante manancial e um centro constante de referência” (LELO, 2005, p. 60). A dinâmica se dá na busca da construção do perfil cristão que se pretende alcançar por uma sólida formação, que venha a favorecer a mudança de vida e de mentalidade do catecúmeno ao longo do itinerário.

É um período bem mais prolongado que, de modo especial, visa o amadurecimento global da fé, retomando as disposições expressadas na etapa anterior em busca do crescimento espiritual. Nesse sentido, o Ritual declara que “o catecumenato é o espaço de tempo em que os candidatos recebem formação e exercitam-se praticamente na vida cristã. Desse modo, adquirem com natureza as disposições que manifestaram pelo ingresso” (RICA, 19).

A admissão do candidato é realizada na primeira celebração catecumenal com o rito de acolhida acolhendo-o oficialmente na comunidade eclesial, o coração da Igreja. Conforme o RICA, os ritos que marcam essa passagem são: a assinalação da cruz na fronte e nos sentidos (na boca, nos olhos e ouvidos, no peito e nos ombros). Para que possam ouvir, ver, responder à Palavra, abrir o coração, e carregar o jugo suave de Cristo.

Tendo sido admitidos na comunidade, começam os encontros catecumenais com os conteúdos metodológicos, celebrações e bênçãos que podem ser realizadas no final da Celebração da Palavra próprias para o tempo do catecumenato. “Não possuindo ainda a graça dos sacramentos, recebem da Igreja coragem, alegria e paz para continuarem o trabalho e a caminhada” (RICA, 102).

A partir dos conteúdos da catequese, o catecúmeno é incentivado e auxiliado a estabelecer um diálogo entre a História da Tradição Cristã (catequese) e sua história pessoal “contada” (*history telling*) na etapa anterior. Quando isso acontece a catequese torna-se plena de sentido, e não meramente conteúdos a serem assimilados, uma vez que seu objetivo não é o mero saber, mas entrar em conhecimento íntimo com o mistério (REINERT, 20015, p. 85-86).

Para o tempo do catecumenato, o Ritual sugere uma intensa integração entre catequese e liturgia. A catequese ressoando a mensagem cristã com foco nos aspectos pedagógicos para a transmissão da fé, e a liturgia, com seus aspectos celebrativos, tendo como centro o Mistério da Páscoa de Cristo, lugar mistagógico da manifestação do Mistério divino.

O Ritual prevê uma catequese litúrgica capaz de superar a compreensão de um ensinamento meramente doutrinário sem a ligação entre fé e vida. Nesse sentido, o *Diretório Nacional Catequético* enfatiza: “Os autênticos itinerários catequéticos são aqueles que incluem em seu processo o momento celebrativo como componente essencial da experiência religiosa cristã” (DNC, 118).

Ao celebrarmos a liturgia encontramos claramente elementos que são catequéticos em sua ação ritual, de forma que a catequese deve caminhar conduzindo os catecúmenos para a vivência litúrgica eclesial. Nesse sentido, a *Sacrosanctum Concilium* afirma que: “a liturgia é fonte e cume da vida da Igreja” (SC, 10). Entendemos então, que a catequese que não desenvolve sua trajetória, introduzindo os catecúmenos na vida eclesial, corre o risco de perder a sua mistagogia, esvaziando o sentido de seu itinerário, transformando o sacramento em um ritualismo e um momento de individualismo religioso.

Em diversos momentos, o RICA realça a relevância dessa relação entre catequese e liturgia nessa etapa para “incentivar a participação nos mistérios litúrgicos, animar para o apostolado [...] e a catequese deve incentivar a participação nos mistérios litúrgicos” (RICA, 99). Nesse sentido Reinert explica:

A metodologia catecumenal entende a iniciação à vida cristã como uma intensa celebração, intercalada por momentos celebrativos e rituais, cujo ápice está na recepção dos sacramentos da iniciação à vida cristã, na vigília pascal, celebrados unitariamente. A liturgia tem, portanto, um potencial catequético, e este, por sua vez, não é mera atividade intelectual, mas caminho que conduz o catecúmeno à gramática litúrgica, nos seus ritos e símbolos. Ambos, catequese e liturgia, se auxiliam na missão de introduzir o catecúmeno ao Mistério Pascal (REINERT, 2015, p. 88).

Gradualmente, os catecúmenos vão sendo introduzidos na vida de fé da comunidade por meio da vivência litúrgica, da valorização do Domingo como o dia do Senhor, da vida de oração, da caridade e da Celebração da Palavra de Deus até chegar aos sacramentos. O Ritual orienta que a Celebração da Palavra é algo indispensável para caminhada catecumenal. Em conformidade com essa orientação, Floristán comenta sobre a importância de bem celebrar a Palavra de Deus, no sentido de que “devem ser Celebrações da Palavra e não lições de catecismo, isto é, trata-se de celebrar e não de explicar; de experimentar e não de conhecer. O que se pretende é conseguir a participação dos catecúmenos na liturgia” (FLORISTÁN, 1995, p. 189). Além de cada rito que marca as etapas, pouco a pouco, o catecumenato vai usando métodos mistagógicos para “gravar nos corações dos catecúmenos o ensinamento recebido quanto aos mistérios de Cristo” (RICA, 106).

Sobre a iniciação à vida cristã, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em 2009, se pronuncia a esse respeito no sentido de primar por uma catequese de qualidade para esse tempo. Propõe que o sacramento não seja realizado sem a devida preparação e que o sacramento não seja considerado um ponto de chegada mas que depois da celebração dos sacramentos, a caminhada tenha prosseguimento no caminho.

A mistagogia do ano litúrgico favorece a integração entre catequese e liturgia presentes tanto no conteúdo catequético como nas celebrações litúrgicas ao longo da caminhada. A simbologia litúrgica que permeia a caminhada sobretudo no ciclo pascal, reforça a dimensão mistagógica em todo o processo formativo. O Ritual adverte para que “a catequese seja penetrada do espírito evangélico, em harmonia com os ritos e o calendário litúrgicos” (RICA, 48).

Na concepção dos Padres da Igreja, a liturgia tem lugar especial como contribuinte para a vivência e a centralidade do Mistério Pascal de Cristo, como teologia primeira. Nesse sentido, Reinert, declara que: “Pode-se afirmar sem hesitação que a iniciação cristã catecumenal somente chega ao seu objetivo graças

a sua dimensão litúrgica celebrativa, em consonância com a formação humana, espiritual, bíblica” (REINERT, 2015, p. 90).

É importante ressaltarmos que, em um processo de iniciação bem conduzido, dentro da metodologia mistagógica que sugere o Ritual, são bem menores as possibilidades dos sacramentos serem considerados e valorizados apenas como ponto de chegada, sem uma continuidade posterior aos sacramentos na caminhada eclesial. “Se é verdade que tudo converge para a celebração dos sacramentos, também é verdade que eles não são fim em si mesmos, mas sinal, sacramento de uma adesão maior a Jesus Cristo” (REINERT, 2015, p. 99). A integração entre fé e vida no método, ajuda na compreensão de que a preparação deve ser para toda a vida, contemplando as suas dimensões religiosas e humanas.

Essa etapa é concluída com a realização do rito da eleição, que acontece no primeiro domingo da Quaresma em que “são eleitos para serem iniciados nos sagrados mistérios” (RICA, 147). O rito é chamado de “eleição” por entender-se que a eleição é uma iniciativa do próprio Deus, um chamado. Esse rito também é chamado de “inscrição dos nomes” porque os catecúmenos respondendo ao seu compromisso de fidelidade “inscrevem seus nomes no registro dos eleitos” (RICA, 22).

4.2.3 A purificação e iluminação

A etapa da iluminação e purificação acontece no tempo quaresmal, considerado o mais curto de toda a caminhada. Mais que catequético é um tempo de retiro espiritual, “[...] com destaque à história da salvação (destacando passagens que aludem à mudança de vida, conversão), para que o candidato se impregne da Palavra de Deus e se sinta membro do povo de Deus” (NERY, 2001, p. 50).

Esse tempo tem o objetivo de proporcionar uma reflexão interior na vida do eleito para o seu autoconhecimento, com práticas penitenciais, exames de consciência e foco na libertação contra as influências do pecado e todo o mal. Essa é última preparação mistagógica para os sacramentos da iniciação realizadas na quaresma. Isso “será proveitoso tanto por sua estrutura litúrgica como pela participação da comunidade” (RICA, 139).

No rito da eleição pelo qual se inicia esse tempo, e que acontece no primeiro domingo da Quaresma, os eleitos expressam o ardente desejo de serem cristãos, e os não batizados expressam o desejo de completarem o seu processo de iniciação.

Na celebração da eleição os eleitos são convidados a viverem com seriedade o significado daquilo que ora realizam. Isso está expresso claramente nas palavras do rito: “Deus é sempre fiel ao seu chamado, e nunca lhes negará a sua ajuda. Vocês devem se esforçar para serem fiéis a ele e realizar plenamente o significado dessa eleição” (RICA, 147).

A mistagogia própria do tempo da Quaresma abraça a caminhada da iniciação cristã por sua natureza litúrgica, pois ela “renova a comunidade dos fiéis juntamente com os catecúmenos e os dispõe para a celebração do Mistério Pascal, ao qual os sacramentos de iniciação associam cada um” (RICA, 21). Nesse tempo litúrgico, o ritual ainda prevê a realização dos escrutínios que visam “purificar os espíritos e os corações, fortalecer contra as tentações, orientar os propósitos e estimular as vontades, para que os catecúmenos se unam mais estreitamente a Cristo e reavivam seu desejo de amar a Deus” (RICA, 154). Conforme a Tradição, os escrutínios são realizados no terceiro, quarto e quinto domingos.

Vários elementos simbólicos e rituais que colaboram com a edificação desse processo mistagógico e formativo são encontrados nessa etapa. “Uma vez completada a preparação doutrinal dos catecúmenos, ou, pelo menos, começada no tempo oportuno, a Igreja repassa com amor os documentos que desde a Antiguidade constituem o compêndio de sua fé e de sua oração” (RICA, 181). Desse modo, conforme a orientação do Ritual, é sugerido para nessa etapa o rito das entregas dos símbolos da fé que são: o Símbolo Apostólico e a Oração do Pai-Nosso.

Essa etapa é concluída com a celebração dos sacramentos da iniciação na noite da Vigília Pascal, dado que conforme assinala o Ritual, esse é “o tempo propício para a celebração dos sacramentos” (RICA, 8). O RICA ainda solicita a recuperação do sentido pascal do catecumenato e, conseqüentemente, da unidade dos três sacramentos da iniciação visto que essa questão não tem simplesmente um caráter litúrgico, mas que os sacramentos do Batismo, da Crisma e da Eucaristia estão inerentemente ligados entre si e vinculados ao Mistério da Pascal de Cristo. “Ao orientar que os três sacramentos sejam celebrados unitariamente na Vigília Pascal, torna-se evidente o desejo de recuperar a unidade teológica e litúrgica dos três sacramentos, perdida no percurso da história” (REINERT, 2015, p. 98). Assim, o RICA destaca:

Os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia constituem a última etapa. Os eleitos, tendo recebido o perdão dos pecados, são incorporados ao povo de Deus, tornam-se seus filhos adotivos, são introduzidos pelo Espírito Santo na prometida plenitude dos tempos, pelo sacrifício e a refeição eucarística, antegozam do Reino de Deus (RICA, n. 27).

Contudo, se faz necessário o resgate da unidade teológica, litúrgica e mistagógica dos sacramentos da iniciação cristã, Batismo, Crisma e Eucaristia, como um grande sacramento, pois equivocada é a concepção que se tem de se valorizar o isolamento e a autonomia destes em um processo de iniciação cristã. Conforme abordamos anteriormente, esse rompimento não está presente na história do processo de iniciação cristã dos primeiros séculos, mas ele se deu a partir da massificação do Batismo de crianças no período da cristandade. E, conseqüentemente, se tornou um desafio teológico e eclesial até os dias de hoje, sobretudo quando se pretende mergulhar no resgate da mistagogia do processo de iniciação à vida cristã.

4.2.4 A mistagogia

Com a celebração dos sacramentos a caminhada catecumenal não chega ao fim, mas é tempo de aprofundar a graça sacramental vivenciada na noite da Vigília Pascal. É esse itinerário, distribuído em etapas que após a celebração dos sacramentos no tempo da Mistagogia, se dá a continuidade ao itinerário catequético por meio da ressonância dos mistérios celebrados durante todo o tempo pascal. Eis a grande novidade desse método catecumenal de inserção nos Mistérios de Cristo e da Igreja. Recordamos que Cirilo de Jerusalém compreende a mistagogia como um convite feito ao neófito, para que acolha e aprofunde com alegria o dom que recebeu, numa relação de intimidade e proximidade, como um referencial alcançado de forma metodológica e processual.

Na Tradição Patrística, a mistagogia é entendida como fundamento, caminho e elo de integração entre o Mistério de Deus e a pessoa, que desde o catecumenato antigo desenvolve a dinamização da iniciação à vida cristã. “A atenção à dinâmica mistagógica coloca não apenas o iniciante na perspectiva de “caminho” mas todos os componentes da ação evangelizadora” (COSTA, 2014, p. 184). É um caminho espiritual celebrado na liturgia que envolve todos os que se abrem à dinâmica do

Espírito, provocando nesses uma mudança de postura, mentalidade, hábitos e costumes.

Nas catequese mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, identificamos a profunda ligação com a mistagogia deste tempo que está proposto pelo RICA, pelo seu caráter de abertura ao aprofundamento no Mistério celebrado na liturgia. Cirilo conduz os neófitos por caminhos que já foram percorridos, para que aprofundem e percebam a grandeza do caminho de Jesus ao qual foram iniciados nos sacramentos. Nessa perspectiva, Costa explicita:

A dinâmica mistagógica não compreende a transmissão como mera passagem de conteúdos e de conhecimentos elaborados por uma determinada comunidade, em um determinado momento histórico. Se pensada nesse sentido, teríamos uma experiência estática, como se fosse apenas reprodutora de fórmulas e conteúdos, o que não poderia configurar uma adesão vital, mas sim intelectual. Ora, o Evangelho não é nem de longe um conjunto de saberes de ordem intelectual a serem aprendidos formalmente. É o encontro com o próprio Deus que se revela, encontro vital que atinge a personalidade de cada um e que com ele estabelece uma relação dialógica. Os Padres da Igreja estruturaram o catecumenato imbuídos dessa orientação fundamental (COSTA, 2014, p. 190).

O Ritual, por diversas vezes entre suas etapas, usa o termo *Mistagogia*. Isso significa dizer que não somente esse tempo, mas todo o processo catecumenal é mistagógico. Uma das características que bem define a mistagogia é a experiência, aqui entendida como uma experiência que tem como centro a pessoa de Jesus Cristo, como caminho e verdade, “experiência nova e pessoal dos sacramentos e da comunidade” (RICA, 40).

A caminhada catecumenal é um processo de experiência, de introdução do indivíduo ao Mistério de Cristo. No entanto, esse tempo mistagógico apontado pelo RICA, se torna especial exatamente pelo fato de realizar a ruminação e degustação da realidade que agora participam, pois estão iniciados nos sacramentos que receberam. Nesse sentido, Reinert afirma: “Mistagogia é, portanto, tempo para maior conhecimento e vivência dos mistérios celebrados, da linguagem simbólica; é o tempo para aprofundamento e experimento da graça sacramental” (REINERT, 2015, p. 103).

Assim como Cirilo de Jerusalém, os Padres da Igreja entendiam o sentido e a dinâmica desse tempo por meio das catequese mistagógicas, primeiro vivenciando os Mistérios na celebração dos sacramentos, para depois explicá-los. Para eles, da

Celebração Eucarística adquire-se uma melhor visão quando os textos bíblicos nela proclamados são melhor compreendidos.

Para iniciar na pedagogia mistagógica, Cirilo serve-se do antes e do depois da vivência sacramental, sendo que nas catequese pré-batismais, a preparação foca no que será celebrado por meio da Escritura, que ilumina e conduz os conteúdos desenvolvidos. A iniciação acontece de forma progressiva, tendo como base o diálogo com o contexto da realidade, o testemunho e o exemplo de vida cristã. Após os sacramentos, durante as catequese mistagógicas, Cirilo retoma o Mistério que foi celebrado na liturgia, aprofundando com os neófitos a experiência sacramental da Igreja. Assim, “a pretensão racional dá lugar à acolhida do mistério na sua simplicidade, imprevisibilidade e desconcertos do cotidiano. A lógica dá lugar à mística, ao processo mistagógico” (COSTA, 2014, p. 184).

O Ritual não trata exatamente de catequese para esse tempo, mas de “novas explicações” (RICA, 38). Entendemos que nessa etapa as explicações mistagógicas não devem necessariamente acontecer em encontros de catequese, mas nas próprias celebrações litúrgicas, durante as homilias ou encontros de ressonância, retomando os ritos da celebração, sobretudo os textos bíblicos e as orações que foram proclamados.

A liturgia torna-se mais ainda o lugar primordial para a vivência do Mistério que é celebrado no tempo pascal. “Por todo o tempo pascal, os neófitos ocupem, nas missas de domingo, lugar especial entre os fiéis” (RICA, 236), para a interação eclesial. É um dinâmico movimento que gera compreensão e experiência por meio da participação litúrgica, uma verdadeira catequese mistagógica a serviço da vida eclesial e cristã.

Com a restauração do catecumenato e a publicação do RICA, além de outros documentos citados ao longo desse trabalho, a Igreja pós-conciliar resgata a mistagogia na iniciação à vida cristã com suas etapas e ritos, cuja inspiração se encontra na metodologia dos Santos Padres. As catequese mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, apresentadas no terceiro capítulo, são referenciais no resgate desse processo por identificarmos elementos comuns entre suas catequese e a proposta do RICA que restaura o catecumenato. Apesar dos diferentes contextos que os separam, “tanto a experiência do catecumenato primitivo como as orientações do RICA, apesar de sua distância no tempo e no contexto histórico e social, possuem

um eixo mistagógico em sua base, e que também se torna orientador do processo de iniciação cristã” (COSTA, 2014, p. 170).

Contudo, nesse processo as etapas simbolizam canais de abertura, portas de passagem para o avanço da caminhada para uma etapa rumo ao amadurecimento da fé cristã, em que o princípio da iniciação cristã é constituído pela iniciativa de Deus. A mistagogia, em unidade com a Igreja, se coloca como sinal, sacramento de Jesus no mundo. No RICA está presente a estrutura do catecumenato primitivo em que a etapa da mistagogia se destaca como um período de formação especial visto que foca nos Mistérios que foram celebrados. O tempo da mistagogia, última etapa do processo, aparece como um tempo de culminância do processo formativo que garante a formação permanente dos neófitos já amadurecidos e favorece a continuidade da experiência de fé vivida ao longo do caminho catecumenal. Costa acredita que

na mistagogia, a expressão mais adequada da conversão do coração se manifesta na adoção de uma forma de vida que reproduza a vida de Jesus, em que Deus se revelou a nós, ou melhor, a experiência da fé em Jesus Cristo se consuma no seguimento de Jesus (COSTA, 2014, p. 228).

O caminho mistagógico proposto por Cirilo de Jerusalém para o processo de iniciação cristã, oferece possibilidades para uma reflexão sobre a conversão existencial de cada pessoa. Uma experiência com o Mistério Pascal que ilumina o cotidiano, fazendo com que os iniciados sintam-se participantes da graça de Deus. “Trata-se daquela experiência recebida na iniciação cristã e agora vivida no cotidiano da vida e da história” (REINERT, 2015, p. 102).

4.3 A MISTAGOGIA EM CIRILO DE JERUSALÉM COMO REFERÊNCIA TEOLÓGICA E PEDAGÓGICA DA INICIAÇÃO CRISTÃ

Ao refletimos sobre as catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, mergulhamos em palavras que nos possibilitam entender a catequese como um processo pedagógico e espiritual, que conduz os iniciados a praticar o que dele receberam. Neste tópico que será desenvolvido, buscamos compreender a teologia contida nas catequeses, sua metodologia sintetizada em eixos mistagógicos e teológicos que inspiram a retomada do catecumenato pelo Vaticano II e a

elaboração do RICA, e nos auxiliam na compreensão de desafios próprios da atualidade no contexto do século XXI que impactam nas formas de evangelização.

Cirilo, em suas catequese, ao mesmo tempo em que atua como catequista e teólogo, desenvolve uma dimensão dialogal entre anunciar o evangelho e as controvérsias do seu tempo. Toda a catequese é fundamentada nas Sagradas Escrituras, na Tradição Apostólica e no Magistério. A liturgia é assumida como uma mistagogia implicando a conversão do neófito e sua mudança de vida, a liturgia também é compreendida como o lugar teológico onde Cristo é o centro da fé, integra a vida sacramental e a liturgia celebrada. Os que procuram a fé vivem em realidades culturais diferentes e em meio às diferenças culturais e é construído um caminho mistagógico.

Ao fazermos uma leitura das catequese mistagógicas extraímos elementos da Tradição, entre eles, o eixo mistagógico e seus fundamentos teológicos que favorecem uma organização categórica e hermenêutica, relevante para a evangelização em todos os tempos. Ressaltamos que essa experiência da Tradição da Igreja não deve ser apenas copiada para a realidade das comunidades atuais, mas, dialogando com os textos de Cirilo e seu contexto, buscamos elementos e “fundamentos que permaneçam na mistagogia, e podem construir princípios orientadores para a iniciação cristã em nosso tempo” (COSTA, 2015, p. 106).

Na Tabela a seguir, apresentamos eixos mistagógicos e teológicos identificados por Costa (2015) nas catequese mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, a partir dos quais estabelecemos articulações entre os mesmos com o contexto evangelizador pós-vaticano II e o contexto atual.

Tabela: Eixos norteadores das catequese de Cirilo de Jerusalém

EIXOS MISTAGÓGICOS E TEOLÓGICOS
Adequação da linguagem
Concepção de liturgia
Dimensão da participação
Dinâmica da Revelação
Conversão existencial e o seguimento a Jesus
Sagrada Escritura
Embasamento na Tradição
O Símbolo da fé: o Credo
Dimensão contemplativa
Perspectiva missionária

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Costa (2015)

4.3.1 A adequação da linguagem

A adequação da linguagem é um eixo identificado nas catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, sua expressão oral acessível às diferentes culturas favorece entendimentos claros acerca do conteúdo explanado com exemplos práticos e oportunos.

Como um pastor atento às necessidades das ovelhas, com zelo pastoral, Cirilo demonstra sabedoria e maturidade ao conciliar a compreensão da Sagrada Escritura e a doutrina eclesial, abrindo espaços para as possíveis dúvidas e questionamentos que possam existir tanto por parte da comunidade eclesial, como por parte da sociedade existente.

Ao analisarmos as catequeses mistagógicas de Cirilo, compreendemos que Cirilo possibilita um encontro entre o conteúdo pedagógico das suas cinco catequeses e os catecúmenos, através de uma linguagem popular que os enlace, as articulando às necessidades dos ouvintes, unindo a dimensão existencial da liturgia à Palavra de Deus.

Sobre a adequação da linguagem, o Vaticano II no contexto de renovação litúrgica, permitiu o uso da língua vernácula (SC, 36; 63) como língua original de cada nação a ser usada na liturgia e na elaboração dos livros litúrgicos e dos rituais, adequando a linguagem à realidade de cada povo em vista da evangelização, pois até então a linguagem litúrgica empregada era o latim.

4.3.2 Concepção de liturgia

A concepção de liturgia é outro eixo que permeia toda a catequese de Cirilo. Este faz da liturgia uma prioridade dentro do processo mistagógico, isso é considerado não somente por esse Padre, mas também por seus contemporâneos. Em sua concepção, o rito litúrgico não é esvaziado de sentido, mas representa algo que está distante, é sacramento, memória atualizada, Páscoa de Cristo na páscoa de cada pessoa em sua existência humana. Nesse sentido, Costa (2015, p. 109) afirma: “Nas catequeses, a ‘imitação’ experimentada através dos ritos litúrgicos tem eficácia e valor transcendental”.

Na concepção litúrgica da mistagógica de Cirilo, é apresentada uma forte integração entre o rito e a corporalidade, em que a pessoa é conduzida a uma sensibilidade pessoal e coletiva em busca da inteireza do ser. Nessa conformidade o

sinal sacramental como realidade mistagógica ultrapassa a possibilidade de limitar-se à linguagem cognitiva e à dimensão racional e intelectual da celebração, possibilitando a vivência de uma memória simbólica em seu próprio corpo. É uma relação entre a atitude interior, o gesto corporal e o sentido teológico do Mistério celebrado.

Bento XVII (2007) retoma os elementos doutrinários, morais e mistagógicos das catequeses de Cirilo de Jerusalém, caracterizando as catequeses como integrais por incluírem corpo, alma e espírito. Cirilo (1977, III, 4), na terceira catequese mistagógica, menciona a potencialidade do rito que, nas celebrações, sua dimensão corporal pode ser acolhida pelo neófito e possibilita uma vida nova e conseqüentemente um compromisso cristal.

Cirilo se opõe à possibilidade de um dualismo filosófico entre o espírito e a matéria, defende a unidade desses elementos na liturgia, despertando a sensibilidade dos neófitos para perceberem que em nossa existência, estamos interligados com tudo o que existe e que fazemos parte de um todo. Dessa forma, é preciso levar a sério a força dos sinais sensíveis presentes na ação ritual litúrgica.

O gesto corporal na liturgia está voltado para uma realidade que, ao mesmo tempo, envolve afeto e razão, como realidade espiritual. “Portanto, não há outro lugar ou outro meio para fazer experiência de Deus e nos encontrar com ele, a não ser em nossas experiências corporais” (BUYST, 2002, p.115). É importante considerarmos que essa dimensão na catequese mistagógica não tem caráter individualista, mas sim de participação eclesial e comunitária, conscientizando o neófito sobre o gesto corporal e seu significado bíblico e teológico do que foi vivenciado sacramentalmente.

4.3.3 Dimensão da participação

A dimensão da participação é outro elemento enfatizado como eixo mistagógico. Cirilo ressalta a participação no sentido de comunhão com a Páscoa de Cristo celebrada sacramentalmente na sagrada liturgia. Participando da liturgia, de forma plena e consciente, o neófito experimenta o sentido mais profundo da fé cristã, estabelece a comunhão, adquire conhecimento atual, algo surpreendente e inesperadamente sobre Deus. Essa participação acontece não simplesmente pelo acesso aos novos conteúdos da fé, mas na participação da ação sacerdotal de Jesus Cristo por meio da dinâmica litúrgico-sacramental.

Ao tratarmos da participação, identificamos elementos eclesiológicos na perspectiva pessoal e comunitária, que apontam temáticas importantes como: Igreja Povo de Deus, o sacerdócio comum dos fiéis, a dimensão missionária e a dinâmica da Revelação. Nessa perspectiva, Costa afirma: “As ações litúrgicas são compreendidas e interpretadas como celebrações eclesiais, como sacramento de todo o povo de Deus eleito e peregrino na história rumo ao horizonte escatológico”. (COSTA, 2015, p. 114).

Essa mesma participação é retomada pelo Vaticano II através do RICA (41, 3, 5) como documento norteador da iniciação cristã. Essa participação é endossada por Boróbio (2002, p. 79) ao tratar dos níveis apresentados no RICA, que implicam em participação por parte da comunidade cristã no acompanhamento ao catecúmeno. No item 4.2 *Restauração do Catecumenato*, citamos Reinert (2015, p. 59) que reforça a dinamicidade e atratividade que deve nortear a comunidade.

4.3.4 Dinâmica da Revelação

Outro eixo mistagógico é a dinâmica da Revelação, na qual está o fundamento do conteúdo das catequeses mistagógicas. Nessa dinâmica, o encontro entre Deus e seu povo acontece por iniciativa de Deus que em sua imensa misericórdia aproxima-se da humanidade para salvá-la através de uma atitude de diálogo, amor e entrega. Essas características teológicas também são encontradas nas catequeses mistagógicas.

Cirilo, sem se impor, como um pai que cuida dos filhos, propõe um caminho espiritual sem exigir conversão imediata, mas com zelo e respeito, acompanha e orienta os neófitos de acordo com a proposta do Evangelho e da Tradição, favorecendo espaço para uma resposta livre e espontânea da permanência e do seguimento na fé cristã. Eis um exemplo: “Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo” (CIRILO, 1977, I,3).

A livre adesão a Deus por parte dos neófitos proporciona também um encontro consigo mesmo e com a comunidade. Em cada etapa, a caminhada é avaliada e os novos passos são orientados conforme a Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja. A escuta da Palavra de Deus convoca o neófito a crer, e pela fé professada, é chamado a responder a Deus e se comprometer com Ele.

É uma caminhada marcada por etapas e celebrações litúrgicas nas quais a fé é vivida como compromisso cristão, propiciando o neófito a progredir na consciência

do processo de inserção no Mistério sagrado. Por conseguinte, importa observar que a liturgia renovada pelo Concílio vaticano II é entendida como uma ação da comunidade. O Concílio se dedica ao regate da participação ativa dos fiéis na celebração litúrgica (SC, 14).

4.3.5 Conversão existencial e o seguimento a Jesus

A conversão existencial e o seguimento a Jesus são outros eixos fundamentais presentes no processo de iniciação à vida cristã na Igreja dos primeiros séculos. Em suas catequeses mistagógicas, por diversas vezes, Cirilo recorda a importância da conversão como uma radical mudança na vida dos neófitos que participaram dos sacramentos. Nesse contexto, os exorcismos são vistos como compromisso cristão e resposta ao chamado de Deus por meio da obediência a sua Palavra, da celebração da liturgia, e da renúncia a Satanás e todas as suas obras.

É complexo abordar nos limites desse trabalho o tema sobre o mal presente no mundo. No entanto, voltado para a teologia das catequeses de Cirilo, percebemos que esse tema é apresentado tanto na Sagrada Escritura como na Tradição da Igreja. No catecumenato atual não é dada grande ênfase à dimensão da personificação do mal. A renúncia a satanás traz consigo sua dimensão simbólica e significativa, como a aceitação de uma vida nova em Cristo, marcada por uma importante etapa da caminhada da iniciação e seu compromisso cristão.

Isso implica dizer que o cristão tende a ser influenciado e corrompido quando não está imbuído da força do Espírito Santo de Deus, ou não tenha assumido uma atitude de vigilância e combate, entendido aqui não somente como uma responsabilidade pessoal, mas também como responsabilidade social e comunitária. Nesse sentido, Costa (2015, p. 123) afirma que “Cirilo chama a atenção para uma dupla dimensão: a tentação presente na realidade e a responsabilidade proveniente do compromisso pessoal”.

As reflexões sobre a personificação do mal em seus conceitos, estão revestidas de equívocos e superstições, de forma que se faz necessária a adaptação de uma linguagem própria no método da evangelização. Nesse sentido, Costa (2015, p. 124) mostra que a expressão das figuras “maligna” ou “anjo” ou “demônio” como a personificação do mal, não conseguem mais dialogar com a subjetividade atual, necessitam ser redimensionadas.

É importante observarmos que o rito da unção está ligado ao momento do exorcismo. Isso ajuda a percebermos que o sentido profundo do exorcismo está voltado para a percepção da presença de Deus na vida do Cristão, proporcionando a conversão, a mudança de vida, animando e fortalecendo o combate contra as forças cotidianas, que são contrárias ao plano de Deus. É uma resposta ao chamado de Deus que acontece de forma processual e com responsabilidade com a Tradição e os ensinamentos da Igreja de Jesus Cristo. Uma fé testemunhada por obras e palavras.

4.3.6 Sagrada Escritura

A Sagrada Escritura é outro eixo norteador das catequeses de Cirilo, suas narrativas expressam a dimensão mistagógica presente no método catequético e nas celebrações litúrgicas vivenciadas. Há uma relação entre História da Salvação e história pessoal do neófito, como um itinerário revelador da atuação de Deus por meio de Jesus Cristo na vida da humanidade

As narrativas bíblicas, além do sentido teológico atribuído ao que é vivenciado sacramentalmente, apontam o caminho mistagógico na vida de cada neófito. Diante desse referencial teológico, vale ressaltar que a SC, 5-13 apresenta a natureza da liturgia na vida da Igreja e seus fundamentos teológicos de uma forma eminentemente bíblica e Patrística, incluindo-a no contexto da Revelação, dentro da História da Salvação com a centralidade no Mistério Pascal.

4.3.7 Embasamento na Tradição

A mistagogia de Cirilo conta com outra categoria de muita importância para o conteúdo da fé, o embasamento na Tradição. As catequeses expressam a dimensão da fidelidade à Tradição Apostólica ao que em sua época já se tinha elaborado como doutrina do Magistério, sem imposição, com linguagem fluente e de acordo com a realidade de cada neófito. Cirilo expõe a sua catequese lançando um convite ao diálogo com o contexto de sua época à luz do acontecimento pascal.

Cirilo não faz uma exposição de si mesmo, mas fala do fundamentado da fé apostólica e da Revelação de Deus na história. Mostra com convicção uma espiritualidade dialogante, um caminho autenticado pela Igreja, e uma fé

testemunhada pela prática evangelizadora. Esse processo favorece uma profunda relação entre a Tradição e a pessoa, possibilitando assim, a percepção da relevância da Tradição dentro do processo, a capacidade de discernimento e a consciência da caminhada eclesial.

4.3.8 O Símbolo da fé: o Credo

O Credo, o Símbolo da fé, é também uma dimensão mistagógica das catequeses de Cirilo. Ao professá-lo em público, o cristão, além de reforçar a sua identidade, se compromete com a comunidade eclesial no fortalecimento e revigoração da sua fé, conforme vimos anteriormente nas Catequeses pré-batismas. Ao receber o Símbolo da fé Apostólica, o cristão expressa a sua unidade com a Igreja e a Tradição Apostólica.

Observamos em Cirilo a forte ligação entre o Símbolo da fé e o Sacramento do Batismo. A ritualidade presente na celebração sacramental é expressão da verdadeira adesão à fé, assumida como compromisso comunitário e testemunhada na vida dos iniciados. Não é uma mera repetição de palavras, de algo pronto e acabado, mas são conteúdos fundamentais que a comunidade vivencia caminhando rumo à dimensão escatológica da fé.

Caspani afirma que: “O aspecto ritual, não é um ordenamento que se acrescenta a mais a uma realidade que já existe em si e por si, constituída prescindindo dela; o rito é a forma na qual o sacramento acontece” (CASPANI, 2013, p.14). O regate do sentido da ação ritual e simbólica da celebração é muito valorizado no contexto da renovação litúrgica do Vaticano II, cujas instruções direcionam para que os sinais utilizados na liturgia se realizem de maneira autêntica (SC, 21).

4.3.9 Dimensão contemplativa

Além das dimensões comunitária, pessoal e litúrgica, Cirilo em suas catequeses abrange a dimensão contemplativa. De forma pedagógica, orienta os neófitos a contemplarem o Mistério Pascal e a grandeza da ação ritual e simbólica vivenciada na liturgia como ação de Deus no mundo. A liturgia tem um profundo caráter contemplativo na vivência sacramental da História da Salvação e na grande meditação do amor de Deus que se revela na pessoa de Jesus Cristo.

Com o conteúdo de sua metodologia, incluindo palavras, gestos, ritos, textos bíblicos, relações, fidelidade, caminhada eclesial, entre outros, as catequeses de Cirilo abrangem diversos aspectos da vida humana e suas relações com a realidade divina presente na caminhada da Igreja.

Mais que uma metodologia, é uma teologia mistagógica, não de forma sistemática, mas tendo como base a sua atuação teológico-pastoral como uma maneira contemplativa de ver os sacramentos. São dimensões que fazem acontecer uma mistagogia viva, verdadeira presença da Salvação no Mistério celebrado.

4.3.10 Perspectiva missionária

A perspectiva missionária é outra dimensão das catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém. Os neófitos são convocados a serem missionários, testemunhando o que da Igreja receberam e que vivenciaram em sua caminhada como iniciantes na fé, sendo promotores do diálogo entre a comunidade eclesial e a realidade existente.

Cirilo combate a possibilidade da comunidade eclesial cair no isolamento ou viver em torno de si mesma, mas a desperta para que possa assumir o seu discipulado, testemunhando o Evangelho que lhes foi anunciado, conforme apresentado na terceira catequese mistagógica: “Transmite tudo isso às nações, pois o desígnio do Senhor se estende sobre todos os povos” (CIRILO, 1977, III, 7).

Cirilo mostra a importância e o desejo de cada neófito se tornar um autêntico missionário, indica que o anúncio deve ser ao Povo de Deus, destacando a relação entre o pessoal e o comunitário no processo de conversão e o seguimento a Jesus. A esse respeito, Costa (2015, p. 131) afirma: “A dimensão missionária é decorrente do caminho mistagógico. Poderíamos dizer, ainda, que é a ação mistagógica daqueles que, até aqui, eram apenas neófitos”.

4.4 EXPERIÊNCIA MISTAGÓGICA COMO UM CAMINHO ATUAL

Em comunhão com seus contemporâneos, Cirilo tem como pedagogia catequética a mistagogia, um eixo teológico e pastoral expresso no processo de iniciação cristã de adultos. Nas suas 18 catequeses pré-batismais e nas cinco mistagógicas, Cirilo por meio das orientações e pregações desenvolvidas, consegue

fazer uma profunda ligação entre pontos importantes da teologia, de maneira que favorece uma mistagógica experiência para os catecúmenos e os neófitos. Nesse processo, a mistagogia é compreendida como introdução ao Mistério, acentuando a urgência de conduzir a Igreja em todos os tempos à presença do Senhor numa experiência com o Deus, mesmo que o contexto atual negue a existência do Mistério.

Abordamos no tópico 4.1 sobre *A Restauração do Catecumenato*, que o RICA prevê um processo mistagógico formativo, tanto para os pré-batizados como para os que já são batizados. Identificamos que a mistagogia permeia as duas realidades em todo o itinerário e não somente na etapa da mistagogia. Nesse sentido, compreendemos que os eixos que norteiam as catequeses de Cirilo de Jerusalém, também atravessam a proposta do Vaticano II na qual determina uma retomada da Igreja Primitiva, principalmente com relação a restauração do catecumenato.

O dinamismo pós-conciliar ilumina a reflexão acerca de toda a catequese na vida da Igreja, impulsionando-a na produção de conhecimentos sobre um eficaz processo de iniciação à vida cristã. Suscita que o método catequético seja catecumenal e estruturado, um referencial priorizado dentro do processo de evangelização, fazendo teologia como um caminho mistagógico.

O DGC (1998, p. 68) enfatiza que a experiência mistagógica do catecumenato com adultos não batizados seja uma proposta inspiradora nas diversas formas de fazer catequese. Essa proposta de mudanças que inspira o catecumenato para os adultos, com linguagens e expressões próprias dentro de sua realidade inspiradas nas catequeses mistagógicas, ressoa como avanço eclesial e resposta à modernidade e sua cultura, com as quais a Igreja missionária entra em estado de abertura e diálogo.

Resultante de mudanças trazidas pela modernidade, identificamos com a proposta do Vaticano II uma Igreja aberta ao diálogo, às novas possibilidades de evangelização, articulada aos contextos que permeiam os indivíduos, mas que também respeita e faz jus à sua Tradição milenar da Igreja. Atrelando essa discussão a outras que atravessam a contemporaneidade, reconhecemos que se faz necessário um olhar sobre a evangelização na atualidade, que poderá manter o que de significativo marca a Tradição e a História da Igreja, como a mistagogia das catequeses de Cirilo.

Desde o período apostólico, a missão de anunciar o Evangelho está no centro da vida da Igreja. No entanto, no contexto da modernidade, a evangelização está diante de diversas interpelações na sua inserção na sociedade e em sua prática pastoral. Portanto, a evangelização, longe de ser um projeto isolado, deve acontecer mediante os conhecimentos da realidade onde será anunciado o Evangelho, com pedagogia específica e linguagem própria, encontrando meios de iniciar os indivíduos na fé, fecundando o mundo atual com o Mistério da Revelação de Deus e considerando a Tradição da Igreja em suas infinitas possibilidades evangelizadoras. Compreendemos assim que em cada realidade o jeito de evangelizar traz consigo uma nova retomada “das fontes”.

Identificamos na atualidade uma Igreja que não pode atender a uma modernidade líquida. Este conceito apresentado por Bauman (2001, p. 11), termo originário do alemão *Unsicherheit*, é sinônimo de insegurança e incerteza, que marca a modernidade e chega à contemporaneidade, alicerçada em características como desapego, provisoriedade, aceleração do processo de individualização, liberdade e insegurança. Ressalta que essa modernidade líquida foi historicamente antecedida pela modernidade sólida centrada no fortalecimento dos laços coletivos, comunitários, atravessada pela ideia de perenidade e sensação de segurança por parte dos indivíduos.

Ao tratar da Modernidade líquida, Bauman (2001, p.18) enfatiza que as esferas da sociedade contemporânea – vida pública, privada e os relacionamentos humanos, estão submetidas às transformações que deslocam o lugar ocupado pelas instituições sociais na vida dos sujeitos. Estas perdem sua solidez, desfazendo-se do papel de orientadoras seculares.

A modernidade líquida é marcada pela descontinuidade e efemeridade na qual as relações humanas e a vida coletiva perdem sua consistência e estabilidade. Essa descontinuidade pode afetar diretamente o resgate do processo mistagógico de iniciação à vida cristã, pois este processo envolve a mobilização de experiências cristãs individuais, e também comunitárias. Na discussão teórica de Bauman, principalmente sobre o enfraquecimento da ideia de comunidade e o declínio das instituições historicamente orientadoras da fé cristã, a Igreja está inserida nesse contexto em seu papel secular de formadora e orientadora que, unida à outras instâncias formativas, como a família, a escola, entre outras, participa da formação direta de gerações.

Eixos norteadores das mistagogias de Cirilo como a participação, seria totalmente descartada no contexto de uma sociedade que desconstrói seus laços coletivos. Nesse sentido, a proposta do RICA e dos demais documentos pós-conciliares que refletem sobre a iniciação cristã, enfatizam a relevância da experiência comunitária no processo da formação mistagógica, o que implica em entendermos que a dimensão comunitária e eclesial catecumenal sente seus impactos quando o individualismo e os laços coletivos se esvaecem.

A contemporaneidade, não divergindo da modernidade em seu formato líquido, traz ao sujeito a individualidade na construção de sua vida e na configuração de mundo que o norteia. Sem as orientações que as instituições possibilitavam aos indivíduos e que implicavam diretamente nas escolhas individuais entrelaçadas pelas escolhas coletivas, novas subjetividades vão emergindo. A esse respeito, Bauman (2001, p. 12) atesta que “os sólidos que [...] estão derretendo neste momento da modernidade fluida, são elos que entrelaçam as escolhas individuais”. A Igreja primitiva em sua tradição histórica enquanto orientadora cristã, também é impactada quando o individualismo predomina sobre o coletivo.

Crespi (1999, p. 12-13), em sua obra: *A experiência religiosa na pós-modernidade*, aponta que o crescimento do nível de complexidade das sociedades desenvolvidas e o processo de informações globais cada vez mais intenso, impactaram nas percepções do indivíduo sobre si mesmo e redimensionam sua relação com a sociedade. Nesse contexto, as identidades individuais, bem como as identidades de pertença coletiva, se constituíram problemáticas, o que provoca a busca de identificações mais imediatas.

Para que a experiência religiosa propiciada pela Igreja seja analisada no contexto contemporâneo, compreende-se que seja imprescindível a crítica às suas origens, sua história e a problematização do dogmatismo que a cerca, e que a diversidade religiosa e o exclusivismo cristão sem diálogo sejam repensados. No entanto, não podemos desconsiderar que a Tradição da Igreja tem muito a nos ensinar sobre experiências individuais e coletivas, que não só são resultantes das mudanças nos contextos históricos, mas que os modificaram com formas de ser Igreja sem abandono à Tradição e a formação das primeiras comunidades.

Consideramos ainda, que quando a Igreja se propõe a resgatar a mistagogia no processo de iniciação cristã durante a caminhada, surgem questionamentos sobre conceitos e doutrinas oriundas da Tradição. Temos clareza da complexidade

do processo, pois envolve a dimensão pessoal em busca da identificação da identidade cristã do sujeito em meio aos desafios contemporâneos e a Tradição em sua história milenar com o “pé no chão” das comunidades onde o fazer pastoral e as experiências cristãs se solidificam.

Nesse contexto, a Igreja não busca apenas repostas para trilhar novos caminhos, mas se propõe a rever sua missão, olhar a sua própria identidade, retomando as fontes do Cristianismo em busca de uma eclesiologia de comunhão. A esse respeito, Costa (2014, p. 194) realça que a dinamicidade mistagógica da fé “reúne decisão, comunhão e participação. Por isso mesmo, no diálogo com a subjetividade moderna, esta experiência de evangelização torna-se fecunda e capaz de congregar sujeitos ativos e responsáveis perante a proposta da Revelação”.

Teologicamente falando, é de máxima importância evangelizarmos levando em consideração os contextos que nos cercam, norteados por revisão de conceitos, referenciais e maneiras de viver e compreender o mundo, pois o querigma supõe o conhecimento da realidade social, cultural, econômica e a compreensão de como essas questões afetam o processo formativo das pessoas. Mergulhados nesse contexto, é de sua importância estabelecermos um diálogo entre teologia e realidade.

Ao dialogar com a sociedade, a Igreja em sua missionariedade convoca todos para acolher a Revelação de Deus, anunciar o Evangelho e responder aos apelos do Espírito Santo que renova e direciona a Criação. O Papa Francisco em audiência papal em maio de 2013, enfatiza a vivência da comunhão, da coragem, e abertura à ação do Espírito e convida a Igreja a evangelizar como efeito da ação do Espírito.

O campo da evangelização no mundo é priorizado pelos documentos do Concílio Vaticano II. A *Gaudium et Spes*, n. 1 mostra que a Igreja acolhe como sua “todas as esperanças, tristezas e angústias dos homens de nosso tempo e, particularmente, dos pobres”. Nesse contexto eclesial, a Igreja é entendida como Povo de Deus, convocada a assumir a missão de Jesus anunciando com testemunho o Evangelho a todos os povos. O processo evangelizador é uma responsabilidade de toda a Igreja.

Diante das contradições que a atualidade traz em si, como a desigualdade social, diferenças entre os avanços da tecnologia e as condições precárias de vida da maioria das pessoas, além da intolerância entre povos e o equívoco na defesa da liberdade humana que desenvolvem outros formatos de escravidão, a Igreja se

encontra diante de um gigantesco desafio em sua missão de evangelizar e iniciar no Mistério de Deus. Por isso, se faz necessária uma postura de abertura e respeito ao método de anunciar, para que a evangelização não se realize com imposição, mas que seja um processo de diálogo e comunhão, conforme defendido por Cirilo nas suas catequeses mistagógicas e na proposta do RICA.

Na encíclica *Evangelii Nuntiandi*, publicada por Paulo VI, identificamos a significativa colaboração e incentivo por uma evangelização baseada no testemunho, e uma catequese catecumenal mistagógica, disposta a responder às demandas das exigências inerentes ao contexto da modernidade, no compromisso missionário de avançar no diálogo com a diversidade religiosa e as diferentes culturas.

João Paulo II, ao refletir sobre a urgência da retomada da mistagogia na iniciação cristã, publicou a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, na qual mostra a importância da catequese para adultos incluindo aqueles que nascidos em países cristãos, batizados mas que não foram devidamente iniciados na fé, reforçando que a catequese com adultos é a “principal forma de catequizar” (CT, n. 43).

Documentos e discursos de João Paulo II contemplam o tema da evangelização em tempos modernos, dentre eles, a *Redemptoris Missio*, na qual elenca três formas de evangelizar: Na missão *ad gentes*, anunciando Jesus a todos os povos; na atenção pastoral, com a edificação de comunidades vivas e missionárias com abertura à missão universal; e na nova evangelização, referente àqueles que mesmo batizados perderam o sentido da fé e não se sentem pertencentes à Igreja. São trilhas distintas, mas que se vinculam na mesma lógica da dinâmica da Revelação do Mistério de Deus.

Bento XVI também traz reflexões a respeito das dimensões pedagógicas e mistagógicas da iniciação cristã e a formação permanente sobre a fé, cujo aprofundamento pastoral e teológico é dado por meio do conteúdo abordado no Sínodo dos Bispos sobre o tema *A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã*. No ensejo da proclamação do Ano da Fé, em 2012, as conclusões sobre o Sínodo dos Bispos foram apresentadas sob forma de documento que resgata e valoriza o conteúdo transmitido pelos Padres conciliares, retomando o Concílio e apresentando propostas mistagógicas para o processo de transmissão da fé cristã baseadas na Tradição, em uma atitude de abertura e diálogo com o contexto atual.

Conforme citado anteriormente, o Papa Francisco em seu zelo pastoral também demonstra preocupações diversas sobre o anúncio do Evangelho e a fecundidade maternal da Igreja. Proclama que guiada pelo Espírito Santo, a missão de evangelizar é de todos os batizados, sugere que sejamos uma Igreja missionária em estado permanente de missão, formadora de comunidades vivas que priorizem a iniciação na fé cristã com experiência mistagógica a todos os povos, em suas diferentes culturas.

Assumir essa proposta de iniciar na fé com experiência mistagógica, é fundamentalmente acreditar no futuro do Cristianismo. Rahner afirma que “O Cristão do futuro ou será ‘místico’, isto é, pessoa que ‘experimentou’ algo, ou não será cristão” (Rahner, 2004, p. 78). Nesse sentido se faz urgente compreender que vivenciar uma experiência mistagógica é um direito não somente dos catecúmenos mas de toda a comunidade cristã, pois na vivência eclesial nos deparamos ainda com realidades de pessoas que embora batizadas, ainda estão necessitadas da experiência de Deus.

No processo de evangelização com experiência mistagógica, a ênfase é posta no âmbito experiencial do Mistério de Jesus Cristo. Na caminhada eclesial, a mistagogia oferece uma oportunidade para que os iniciados na fé possam saborear as maravilhas que vivenciaram nos sacramentos que receberam, visto que o valor salvífico dos sacramentos acontece por serem canais sacramentais do Mistério de Deus.

A experiência provém da exigência da fé, de forma que é preciso aceitar que a fé passa por uma experiência pessoal e que esse pressuposto tem sua relevância para o contexto de evangelização desde o início do Cristianismo. A mistagogia, portanto, não é simplesmente algo que a Igreja entrega aos fiéis, mas é a experiência que ela mesma é chamada a participar e assim proporcionar aos fiéis uma intensa experiência religiosa, um encontro com a pessoa de Jesus Cristo, conforme indica DAp, n. 226.

A CNBB ao abordar o tema; *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, declara que a nova evangelização exige da Igreja novo ardor e mais empenho, favorecendo condições e espaços que possa acontecer a experiência comunitária e pessoal com Jesus Cristo. Assim como a mistagogia não é simplesmente a última etapa do processo da iniciação, mas o seu eixo integrador, que a experiência mistagógica possa configurar e nortear toda a estrutura da Igreja,

“tornando-se casa da mistagogia, ou ainda em um tom mais enfático em estado permanente de mistagogia” (Reinert, 2015, p. 1370).

Nesse contexto, é fundamental considerar que a urgência do resgate da mistagogia está direcionada à vida e ao ministério dos evangelizadores, dos agentes da pastoral e de maneira especial dos presbíteros, pois são referenciais para a comunidade, chamados e enviados a testemunharem a experiência com Deus. “Essa vivência de discípulo fará o pároco ir ao encontro dos afastados de sua comunidade; caso contrário, contentar-se-á com os aspectos da administração e promoverá uma pastoral de conservação” (CNBB, 104, n.172). Portanto, os presbíteros, os religiosos, os evangelizadores, precisam ser pessoas de uma experiência profunda com Jesus Cristo, que sem a qual ficará comprometida a renovação pastoral e estrutural necessárias à vida da Igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém favorecem a identificação do contexto social em sua época, em que numerosas interpelações e desafios surgem diante do processo de evangelização e difusão da fé. Dessa forma, pontos em comum se entrelaçam e se destacam entre as orientações das catequeses mistagógicas de Cirilo, como caminho pedagógico de abertura ao Mistério de Deus e a mistagogia dos tempos atuais, resgatada pelo Concílio Vaticano II, evidenciada nos documentos pós-conciliares e reforçada no RICA, com a restauração e atualização do método catecumenal mistagógico.

Os eixos teológicos das catequeses mistagógicas embasam a mistagogia na atualidade, realizada não somente na última etapa do catecumenato, mas em toda a caminhada iniciática. Por meio de uma iniciação cristã mistagógica, os neófitos encontram-se diante do Mistério divino, em uma relação com o mistério do ser humano, da Criação, da Igreja e de toda a História da Salvação. Nesse sentido, “[...] a experiência mistagógica, vem retomar a dinâmica de abertura ao Mistério, nos apontando elementos fundamentais para o diálogo com a subjetividade moderna e com os desafios que vêm de encontro à evangelização” (COSTA, 2014, p. 225).

A partir dessas reflexões, percebemos que dois contextos históricos, distantes um do outro cronologicamente, se abrem ao diálogo mutuamente apesar de suas diferentes realidades. Nos séculos III e IV, Cirilo de Jerusalém e seus contemporâneos trazem consigo a preocupação com a edificação da comunidade eclesial, tendo como base a liturgia e a catequese, integrando fé e vida, e reforçando a identidade cristã e sua missionariedade diante dos desafios de sua época. Um processo de conversão que tem firmeza, coerência, que exige disciplina e fidelidade, mas que acima de tudo, revela o rosto misericordioso de Deus presente na vida e na história.

É um processo mistagógico que se desenvolve dentro de seu contexto, na Cidade de Jerusalém, lugar onde surgiram as primeiras comunidades cristãs, tendo como inspiração o Mistério Pascal de Cristo. Não é uma referência secundária, mas é a referência última, central, antecipação da fundamental experiência com o Mistério da Paixão, Morte e Ressureição de Cristo. É princípio e fim, despertando para a vocação do discipulado sem caráter intelectual ou emocional, mas de constante configuração dos iniciantes à pessoa de Cristo. Nesse sentido, Lelo (2008,

p. 19) afirma: “A formação catecumenal, mais do que com doutrinação, é focada como discipulado cuja característica principal consiste em adquirir um modo de se viver consoante ao de Jesus”.

O Vaticano II exigiu da catequese um retorno às fontes, em busca de espelhar-se no processo de iniciação dos primeiros séculos para responder as interpelações da Palavra de Deus no tempo presente. Orientou a inspiração na metodologia desse período, considerado como um período de ouro para a catequese e a liturgia, a fim de dialogar com a realidade e encaminhar o seu processo de renovação espiritual com base no que foi herdado da Tradição. Nesse sentido, a Patrística em sua sabedoria, tem muito a colaborar com o hoje da evangelização, com os elementos da pedagogia mistagógica catecumenal que revigoram a missão da Igreja e o processo de iniciação cristã, sugerido e proposto no RICA, que se aproxima desse referencial mistagógico, respondendo às interpelações da dinâmica evangelizadora da Igreja.

Ao regatar essa forte experiência que norteou a Igreja dos primeiros séculos, confirmamos a urgência de uma formação pastoral mais pedagógica e mistagógica na atualidade, não como uma simples repetição técnica de um distante processo que foi relevante em seu tempo, mas como um sinal orientador que questione, revise e colabore com o projeto evangelizador da Igreja em nosso tempo. Nas catequese mistagógicas de Cirilo de Jerusalém está contida, mais do que uma linha metodológica que indica o caminho de conversão a ser trilhado, o Mistério de Deus, a essência que conduz em todos os tempos os catecúmenos e os ouvintes da pregação.

O RICA, manual que orienta a caminhada catecumenal hoje, resultado de um resgate litúrgico e pastoral da Igreja, em seu método, ilumina a formação catequética da Igreja, alternando-a entre as explicações dos conteúdos catequéticos e os ritos correspondentes às suas respectivas etapas e graus. Visa responder à realidade nas questões essenciais dos iniciantes, gradualmente conduzindo-os à vivência cristã, colocando-os diante do primado do Mistério, através de uma experiência individual e comunitária. Costa, (2014, p. 229) atesta que com isso não nos encontramos diante de uma postura ingênua, mas sim assumindo uma visão teológica.

Portanto, o eixo mistagógico permeia a formação de toda a caminhada catecumenal, tanto no caminho orientado por Cirilo em seu tempo, como pelos

catequistas dos tempos atuais, como mistagogos que orientam os iniciantes no objetivo de torná-los cristãos, capazes de serem testemunhas da fé e da caridade nos tempos atuais.

Sobre a temática da mistagogia e a iniciação à vida cristã, nos demais documentos conciliares posteriores ao RICA, não encontramos a distinção de duas realidades opostas uma à outra. Encontramos o mesmo processo e caminho pedagógico e espiritual que em todos os tempos e etapas de formação cristã, devem ser trabalhados na ótica mistagógica. Nos documentos do Magistério, encontramos uma significativa motivação para que se regate a mistagogia na iniciação cristã, pois a mistagogia lança luzes para a renovação da Igreja que consciente da sua missão, está inserida em um contexto de mudanças.

O processo de iniciação mistagógica motivado nos Documentos da Igreja, é sinal de abertura à ação do Espírito Santo renovador de todas as coisas, é sensibilidade aos sinais dos tempos e disposição ao diálogo em cada contexto histórico e social. Desse modo, “o anúncio querigmático, não é uma proclamação doutrinária. Ele é realizado mistagógicamente, torna-se algo contagiante e envolvente, apaixonante, provocativo, dinâmico, convicto [...]” (REINERT, 2019, p. 24), pois o caminho espiritual catecumenal em todos os tempos tem seu embasamento no Mistério da Revelação de Deus à humanidade por meio de seu Filho Jesus Cristo, presente na Igreja Sacramento.

Voltados para a mistagogia de Cirilo de Jerusalém, entendemos que não temos como transferi-la para os dias atuais como uma cópia. No entanto, elas se tornam um referencial no desenvolvimento de uma prática na iniciação à vida cristã, pois nela encontramos princípios teológicos e mistagógicos da fé. Dessa forma, se faz fundamental o retorno às origens da prática mistagógica, para que possamos desenvolver um diálogo entre a mistagogia da iniciação cristã contemporânea e a apresentada por Cirilo em suas catequese mistagógicas.

Contudo, para que essa relação aconteça e que dela possa ser desenvolvido um processo metodológico na iniciação, é preciso contar com todas as dimensões que favoreçam essa articulação, sobretudo a centralidade na liturgia e na Sagrada Escritura. A reforma litúrgica apontada pela *Sacrosanctum Concilium*, destaca a participação na liturgia como algo fundamental para a vida do cristão. Nesse sentido, declara: “A santa Mãe Igreja deseja ardentemente que se leve todos os fiéis àquela participação plena, consciente e ativa nas celebrações litúrgicas que exige a

natureza da liturgia mesma” (SC, 14). Essa participação consciente deve acontecer evidenciando a metodologia apontada pelo RICA na atualidade, que deve dialogar com a mistagogia de Cirilo. “Na experiência mistagógica, encontramos a sustentação, a seiva que nutre incessantemente a tarefa de evangelizar, e a orienta em seu diálogo permanente com a vida” (COSTA, 2014, p. 220).

Ao refletirmos sobre os rumos da caminhada da Igreja Católica quanto ao seu método de iniciar na fé cristã, entendemos que muitos são os desafios enfrentados pelas comunidades que decidem abraçar um projeto de formação mistagógica. Isso nos conscientiza de que a presente pesquisa contribui, de forma considerável, para a análise teórica da temática sobre a mistagogia cristã e o processo de iniciação pós-Vaticano II, tendo como referencial as catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém. Diante disso, enfatizamos duas realidades históricas e teológicas na eclesiologia: A tradição e a evangelização em tempos atuais.

Acreditamos, portanto, na colaboração desse trabalho científico para os estudos teológicos, no campo catequético, litúrgico e eclesiológico, na perspectiva de abertura à novas reflexões que venham contribuir com a extensão dessa pesquisa. Em nossa reflexão, reforçamos o elo de ligação com a origem da Iniciação Cristã primitiva e o seu eco nas reflexões contemporâneas, que incentivam a retomada às fontes para o regate da mistagogia no processo de iniciação à vida cristã.

REFERÊNCIAS

- ALBERICH, Emílio; BINZ, Ambroise. **Formas e modelos de catequese com adultos**: panorama internacional. São Paulo: Editora Salesiano, 2001.
- BASURKO, Xabier. “De Gregório Magno a Gregório VII (590-1073)”. In: BOROBIO, D. (Org.). **A Celebração na Igreja I: Liturgia e sacramentologia fundamental**. São Paulo: Loyola, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENTO XVI, Audiência geral, 27 de junho de 2007. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOCELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: CNBB, 2014.
- BOFF, Leonardo. **O despertar da Águia: O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. 25 ed. Petrópolis / RJ: Vozes, 2015.
- BORÓBIO, Dionísio. El Catecumenado y su situación em la Iglesia actual. In: **Teologia e y Catequesis**, n.83, San Dámaso: Madri, 2002.
- BORÓBIO, Dionísio. **Catecumenato para la evangelización**. Madrid. San Pablo, 1997.
- BUYST, Ione. **Celebrar com símbolos**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BUYST, Ione. **O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã**, São Paulo: Paulinas, 2011.
- BUYST, Ione; SILVA, José Arioaldo da. **O mistério celebrado: memória e compromisso**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CASPANI, Pier Paolo. **Renascer da água e do Espírito: batismo e crisma, sacramentos da iniciação cristã / Pier Paolo Caspani; [tradução Geraldo Lopes]**. – São Paulo: Paulinas, 2013. – (Coleção liturgia fundamental)
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9. Ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas. Loyola, Ave-Maria, 1997.
- CAVALLOTTO, Giuseppe (org.) **Iniziazione Cristiana e catecumenato**. Bologna: EDB, 1996
- CELAM. **Documento de Aparecida: Texto conclusivo de V Conferência do Episcopado Latino Americano e do Caribe**. São Paulo: Paulus/Paulinas: Paulinas, 2007.

CIRILO DE JERUSALÉM, Santo. **Catequeses Mistagógicas**. Petrópolis: Vozes, 1977.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**. São Paulo: Paulinas, 1998.

CNBB. **Catequese renovada: orientações e conteúdo**. São Paulo: Paulinas, 1983 (Documento CNBB, n. 26).

CNBB. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia**. Edições CNBB. 2013 (Estudos da CNBB 104)

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese**. Brasília/DF: Edições CNBB. 2005. (Documento da CNBB n. 84).

CNBB. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos** (Ritual romano renovado por decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do Papa Paulo VI). 3. ed. São Paulo. Paulus, 1980.

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã**: Um processo de inspiração catecumenal. Brasília: Edições CNBB, 2009 (Estudos da CNBB, n. 97).

COSTA, Rosemary Fernandes da. **Mistagogia hoje**: O resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e a experiência atuais. São Paulo: Paulus, 2014.

COSTA, Rosemary Fernandes da. **A mistagogia em Cirilo de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2015.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: Uma introdução à fenomenologia da religião. Trad. Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONCÍLIO VATICANO II. Documentos do Vaticano II, **Constituição Sacrossanctum Concilium sobre a sagrada liturgia**. 1963. Org. Lourenço Costa. Trad. Tipologia Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997.

CERVERA, Jesus Cstellano. "La mística dei sacramenti dell' iniziazione Cristiana". In: ANCILLI, E.; PAPAROZZI, M. **La mística**. Fenomenologia e riflessione teológica. Roma: Città Nuova, 1964.

CORRÊA LIMA, Maria de Lourdes. **Igreja em missão**. Rio de Janeiro: Nossa Senhora da Paz, 2002.

CRESPI, Franco. **A experiência religiosa na pós-modernidade**. São Paulo: EDUSC, 1999.

DANIÉLOU, Jean. **Sacramentos y culto segun luz santos padres**. Trad. Mariano Herranz y Afonso de La Fuente. Madri: Guadarrama, 1964.

DIDAQUÉ. **Instrução dos apóstolos: catecismo dos primeiros cristãos**. Prefácio, tradução do original grego e comentário de Urbano Zilles. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. – (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã).

Documentos do Vaticano II, **Decreto Ad Gentes sobre a Atividade Missionária da Igreja**, 1965. Org. Lourenço Costa. Trad. tipologia Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997.

FEDERICI, T. “La mistagogia dela Chiesa” In: ANCILLI, E. (Ed.). **Mistagogia e direzione spirituale**. Roma/Milão: Teresianum-OR, 1985.

FIGUEIREDO, Fernando Antônio. **Introdução à Patrística: Vida, obras e doutrina cristã nos primeiros anos da Igreja**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FIGUEIREDO, F. “introdução”. In: CIRILO DE JERUSALÉM. **Catequeses mistagógicas**. Trad. Frei Vier, introd. e notas F. Figueiredo. Petrópolis: Vozes, 2004.

FLORISTAN, Casiano. **Catecumenato: história e pastoral da iniciação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral Praça de São Pedro**, 22 de maio de 2013. Vaticano: Libreria Editrice, 2013.

HAMMAN, Adalbert G. **Para ler os Padres da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2002.

JOÃO PAULO II, Papa. **Encíclica Redemptoris Missio**, São Paulo: Paulinas, 1980.

JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação Apostólica Catechesi Tradendae**. São Paulo: Paulinas, HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III*. Tradução de Maria da Glória Novaka. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

JUSTINO DE ROMA. **I e II apologias: diálogo com Trifão**. Introdução e notas Roque Frangiotti. Tradução de Ivo Storniolo e Eurides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.

LELO, Antônio Francisco. **A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho**. São Paulo: Paulinas, 2005.

LELO, Antônio Francisco. **Catequese com estilo catecumenal**. São Paulo: Paulinas, 2008.

LIMA, Luiz Alves de. **Evangelização, catequese e liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992.

LIMA, Luiz Alves de. **A iniciação cristã ontem e hoje: história e documentação atual sobre a Iniciação Cristã**. In: Comissão Episcopal Pastoral para Animação Bíblico-Catequética. 3ª Semana Brasileira de Catequese: Iniciação à Vida Cristã. Brasília: Edições CNBB, 2010.

LIMA, Luiz Alves. **Itinerário litúrgico-catequético de Iniciação à Vida Cristã**. Texto apresentado durante o 12º Curso de Aprofundamento Teológico e Pastoral do Clero Arquidiocesano. Arquidiocese de São Paulo. Itaici, de 4 a 7 de agosto de 2014.

LIMA, Luiz Alves de. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã**. São Paulo: Paulus, 2016.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Introdução à história da Igreja**. 5. ed. Belo Horizonte/Minas Gerais: O Lutador, 1997.

MAZZA, Enrico. **La Mistagogia. Una Teologia della Liturgia in epoca patristica**. Roma: Centro litúrgico Vincenziano, 1988.

MENDONÇA, Pe. João. **A mistagogia como palavra e gestos na obra de São Cirilo de Jerusalém**. Revista de Cultura teológica, v. 18 – n. 72 – Out/Dez. 2010.

NASSER, Maria Celina de Q. Cabrera; **O que dizem os símbolos?** São Paulo: Paulus, 2003.

NERY, Irmão. **Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta**. São Paulo: Paulus, 2001.

PARO, Thiago Faccine. **Catequese e liturgia na iniciação cristã: o que é e como fazer**. Petrópolis RJ: Vozes, 2018.

PADOVESE, Luigi. **Introdução à teologia patristica**. São Paulo: 1999.

QUEZINI, Renato. **A pedagogia da Iniciação Cristã**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAULO IV. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**: Sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 22. ed. São Paulo: Paulinas, 2017.

RAHNER, Karl. Curso Fundamental da Fé. São Paulo: Paulinas, 1989. SCHREIBER, B. "La mistagogia". In: ANCILLI, E.; PAPAZZOZZI, M. **La Mística. Fenomenologia e riflessione teológica**. Roma: Città Nuova, 1964.

RAHNER, Karl. **O Cristão do futuro**. São Paulo: Cristã Novo Século, 2004.

REINERT, João Fernandes. **Inspiração catecumenal e conversão pastoral**. In. Revista Vida Pastoral 60, n. 325, janeiro-fevereiro 2019.

REINERT, João Fernandes. **Paróquia e iniciação cristã: a interdependência entre renovação paroquial e mistagógica catecumenal** / João Fernandes Reinert. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção catequese).

ROCHETA, Carlo. **Como evangelizar hoy a los cristianos**. El Rito de Iniciación Cristiana de Adultos como propuesta tipo para um nueva evangelización. Bilbao: EGA, 1994.

ROPS, Daniel. **A igreja dos apóstolos e dos mártires**. Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1988.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. 8. ed. São Paulo, Paulus, 1984. (Col. Espiritualidade).

SANTO AGOSTINHO. **A instrução dos catecúmenos**: Teoria e prática da catequese. Tradução e notas de Maria da Glória Novak. Petrópolis/RJ: Vozes, 1973.

SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. **Batizados no espírito**. A experiência do Espírito Santo nos Padres da Igreja. São José dos Campos: COMDEUS, 2000.

SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. **A dimensão pneumática da espiritualidade cristã**. Tese de Doutorado, Departamento de Teologia, PUC/RJ, 1998.

SILVA, José Arioaldo. **A Iniciação Cristã em sua evolução histórica**. Alguns apontamentos para estudos. In: COMISSÃO REGIONAL DA DIMENSÃO LITÚRGICA DO NORDESTE 3. *Liturgia e Inculturação*. Paulo Afonso (BA): Fonte Viva, 2006.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Trad. Getúlio Benelle e Geraldo Korndürfer. São Leopoldo: Sinodal. 2005.